

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Zíngara de Deus Lofrano

PEITOS DE FORA **gênero, corpo e discurso**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Comunicação Social pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a. Adriana Andrade Braga

Rio de Janeiro,
março de 2024



Zíngara de Deus Lofrano

PEITOS DE FORA **gênero, corpo e discurso**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Comunicação Social pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação do Departamento de Comunicação Social da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof^a. Adriana Andrade Braga

Orientadora

Departamento de Comunicação Social – PUC-Rio

Prof^a. Liana de Andrade Biar

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof^a. Raquel Paiva de Araujo Soares

Departamento de Comunicação Social – UFRJ

Rio de Janeiro, 17 de abril de 2024

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial do trabalho, é proibida sem a autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Zíngara Lofrano

Graduou-se em Comunicação Social - Jornalismo, com mérito acadêmico, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) em 2015. Concluiu o curso de Pós-graduação em Gestão Empresarial e Marketing pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-Rio) em 2017. É membra do Grupo de Pesquisa em Interações Digitais (GrID/CNPq) e idealizadora do projeto *Peitos de Fora*.

Ficha Catalográfica

Lofrano, Zíngara de Deus

Peitos de fora : gênero, corpo e discurso / Zíngara de Deus Lofrano; orientadora: Adriana Andrade Braga. – 2024.

136 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2024.

Inclui bibliografia

1. Comunicação Social – Teses. 2. Gênero. 3. Seios. 4. Análise do discurso. 5. Antropologia do corpo. I. Braga, Adriana Andrade. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Comunicação Social. III. Título.

CDD: 302.23

Para todas as mulheres

Agradecimentos

Esta dissertação é um trabalho de muitas mulheres. Início esta seção, claro, com as mulheres que tanto contribuíram para a realização desta pesquisa. Agradeço a confiança e a entrega corajosa de todas as entrevistadas para o *Peitos de Fora* que expuseram suas histórias, corpos e anseios a mim e às/aos seguidoras/es da página do projeto no Instagram. Muito obrigada pela confiança.

À minha orientadora Adriana pela dedicação e atenção a esta pesquisa, além de tantos ensinamentos.

Às professoras Liana e Raquel pela generosidade de aceitar participar desta banca examinadora. Suas contribuições impulsionaram esta pesquisa.

À professora Meg pelos abraços apertados, conselhos, lições etc, etc, etc. Minha eterna professora, que sempre existam travessões explicativos nas nossas conversas.

Às/aos professoras/es do PPGCOM da PUC-Rio e da UERJ que tanto me ensinaram e instigaram em suas aulas. Também às/aos professoras/es da minha graduação e escolas por onde passei que contribuíram para que eu chegasse até aqui.

À minha mãe pelo cafuné, aconchego e força nos momentos de insegurança.

Às queridas que se dedicaram a ir à minha defesa presencialmente na PUC-Rio: Bianca, Cléa, Daniela, Letícia, Lícia, minha mãe, professoras Itala e Luísa.

À minha tia Cleinha (*in memoriam*) por me inspirar com sua trajetória, palavras e ações. E por me ensinar que sonhos exigem coragem, disciplina, esforço e um pouco de graça. Você faz falta.

À minha vó do coração, Dona Cléa, por me ensinar e demonstrar que as mulheres podem tudo. Ô, se podem.

À tia Dulce por me ensinar a importância da independência financeira feminina.

Às minhas amigas como um todo, mas em especial à Camila, Carolina, Laura, Raissa e Tainah, pelas nossas conversas corajosas. E, claro, pela confiança.

À Carolina pela reflexões e debates sociais que contribuíram para muitas das minhas reflexões sobre sociedade e feminismo.

À tia-amiga Eliane pelo acolhimento e incentivo, por ter sido uma professora tão atenta e generosa comigo. Muito obrigada por se dedicar tanto a mim e às minhas ideias, tia.

À Bebel por me apoiar e acolher em qualquer lugar do mundo.

À Lorena pela presença constante e por sempre dar um jeito de me fazer acreditar em mim.

À Lorena e à Roberta pela dedicação na montagem da exposição das aquarelas do projeto no Congresso *Media Ecology Association*.

Às amigas Bia, Flavinha, Lícia, Lívia, Patrícia e Thais pelo companheirismo, escuta carinhosa e palavras de incentivo.

À minha madrinha Andréa pelo estímulo e apoio aos meus estudos.

À minha psicóloga Fabiana por ter contribuído decisivamente para o meu bem-estar antes e durante o desenvolvimento desta pesquisa.

À Solange por ter cuidado da limpeza da minha casa com tanta presteza e carinho, permitindo que eu tivesse mais tempo para me dedicar à pesquisa.

Às secretárias da PUC-Rio, Natália, Juliana e Marise, pelo suporte eficiente a todas as funções administrativas.

E, por fim, agradeço aos homens que contribuíram para a realização deste trabalho. Ao artista, professor e também amigo Matheus por ter me ensinado com tanta dedicação a aquarelar, por ter acreditado em mim e no *Peitos de Fora*.

Ao meu primo-irmão Leonardo por sempre confiar e acreditar em mim, além de apoiar meus estudos e valorizar meus sonhos.

Aos meus pequeninos Henrique e Arthur pelas brincadeiras que me alegram e renovam. E por me lembrarem sempre que necessário o que importa de verdade nessa vida.

Ao Márcio (Cabelo) por ter apoiado, incentivado e permitido que esse mestrado fosse possível desde o primeiro minuto em que comuniquei meu interesse. Ao Pedro Henrique (PH) pela liberação dos expedientes para que eu pudesse fazer as disciplinas e orientações.

Agradeço à CAPES por viabilizar a elaboração desta pesquisa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Lofrano, Zíngara de Deus; Braga, Adriana Andrade. **Peitos de Fora: gênero, corpo e discurso**. Rio de Janeiro, 2024. 136p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Esta pesquisa analisa transcrições de entrevistas com 17 mulheres, buscando compreender como elas lidam com seus próprios seios na constituição de sua autoimagem e identidades sociais, a partir de técnicas de Análise do Discurso. As teorias de antropologia do corpo e gênero ajudaram a elucidar de que maneira a cultura deixa marca nos corpos, no caso desta pesquisa, particularmente, os seios. Estes envolvem complexos significados, como sexualidade, amamentação, adoecimento (câncer de mama), entre outros, e o corpo, em particular o feminino, é instrumento de poder, controle e coerção social. Os dados analisados permitiram a estipulação de três categorias analíticas: a. “Homens geralmente olham com cobiça”: seios, família, saúde e sociedade; b. “Nunca amei meus peitos”: o mal estar na corporeidade feminina e c. “Eu adorava ver Dr. Hollywood”: mídias e imperialismo corporal.

Palavras-chave

Gênero; seios; Análise do Discurso; antropologia do corpo

Abstract

Lofrano, Zíngara de Deus; Braga, Adriana Andrade (Advisor). **Topless: gender, body and discourse**. Rio de Janeiro, 2024. 136p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research analyzes transcripts of interviews with 17 women about how they deal with their own breasts in the constitution of their self-image and social identities, using Discourse Analysis techniques. Theories of anthropology of the body and gender helped to understand how culture marks its bodies. In cultural terms, breasts imply complex meanings, such as sexuality, breastfeeding, illness (breast cancer), among others, and the body, particularly the female body, is an instrument of power, control and social coercion. Data analyzed allowed the stipulation of three categories: a. “Men generally look with greed”: breasts, family, health and society; b. “I have never loved my boobs”: female body and its discontents; and c. “I loved watching Dr. Hollywood”: media and bodily imperialism.

Keywords

Gender; breasts; Discourse Analysis; anthropology of the body

Sumário

1. Introdução	11
2. Os seios na cultura	16
3. Corpo e gênero	37
4. Metodologia: corporeidade feminina e discurso	48
5. Peitos de fora: sociedade, corpo e mídias	56
6. Considerações finais	90
Referências.....	104
Anexo.....	117

Lista de figuras

Figura 1 - Anúncio digital da Fita UP.....	21
Figura 2 - Fotografia e comentários de post de Bruna Marqueline.....	25
Figura 3 - Aquarela da entrevistada 6.....	58
Figura 4 - Aquarela da entrevistada 14.....	59
Figura 5 - Aquarela da entrevistada 16.....	61
Figura 6 - Aquarela da entrevistada 11.....	62
Figura 7 - Aquarela da entrevistada 10.....	63
Figura 8 - Aquarela da entrevistada 2.....	65
Figura 9 - Aquarela da entrevistada 3.....	66
Figura 10 - Aquarela da entrevistada 13.....	67
Figura 11 - Aquarela da entrevistada 12.....	68
Figura 12 - Aquarela da entrevistada 7.....	70
Figura 13 - Aquarela da entrevistada 15.....	72
Figura 14 - Aquarela da entrevistada 1.....	76
Figura 15 - Aquarela da entrevistada 5.....	77
Figura 16 - Aquarela da entrevistada 9.....	78
Figura 17 - Aquarela da entrevistada 4.....	81
Figura 18 - Aquarela da entrevistada 8.....	87

*Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas.
Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.*

*Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo*

*Antes – agora – o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.*

(Conceição Evaristo, 2017)

1

Introdução

Demorei muito tempo a encontrar a minha voz, e agora que eu a tenho, não vou ficar calada.

(Madeleine K. Albright)

Apresentação do tema

Ao longo da vida, as mulheres se deparam com diversas convenções e expectativas sociais relacionadas à materialidade dos seus corpos e como “deveriam” se comportar. Quando jovens, são cobradas a gestar uma/um filha/o, mas essa gestação “não deveria” distanciar esse corpo do chamado “padrão de beleza”, “não deveria” vir com aumento de peso, estrias, celulites. Quando mais velhas, as mulheres “não deveriam” demonstrar em seus corpos sinais de envelhecimento, como cabelos brancos, rugas ou flacidez. O adoecimento também “não deveria” deixar marcas no corpo e afastá-lo do "cânone de beleza" vigente. É o caso das mulheres que precisam realizar a mastectomia e também daquelas que perdem os cabelos com a quimioterapia. Os seios são partes do corpo feminino sujeitos a complexos significados, como sexualidade, sensualidade, amamentação, adoecimento (câncer de mama), entre outras conotações.¹ Em relação ao câncer, o procedimento de mastectomia interfere diretamente na percepção que a mulher tem sobre seu próprio corpo e sua autoestima (Aureliano, 2009), o que evidencia que os seios são elementos importantes para a identidade feminina.

Diversas/os autoras/es demonstraram que o corpo, para além da sua materialidade, é também instrumento de poder, controle e coerção social (Bourdieu, 2002; Braga, 2016; Clastres, 1978; Foucault, 1987). Os corpos femininos, em particular, são alvo de constante monitoramento e coerção social. Segundo Foucault (1987), os corpos são submetidos a métodos disciplinares para serem “aprimorados”. Para Bourdieu (2002), o corpo feminino corresponde a "um produto social para ser visto" e também “carece de aprimoramentos”, por isso “precisaria ser” manipulado e retocado para ser “aprimorado”. Segundo Bourdieu,

¹ Os seios também podem causar “disforia de gênero” em homens trans ou pessoas não-binárias por ser uma representação do gênero atribuído ao nascimento. Esta pesquisa reconhece que são muitas as representações desta parte do corpo em suas mais diversas subjetividades.

os corpos das mulheres são objetificados pelo olhar e pelo discurso dos outros, são "corpos-para-o-outro", sendo a manipulação da sua materialidade de caráter estético.

O que está por trás da manipulação corporal dos corpos femininos é uma busca incansável por se adequar a um "padrão de beleza" arraigado na cultura. Sendo assim, a manipulação da materialidade dos corpos femininos atende, reforça e legitima o "cânone de beleza" vigente. As mulheres sofrem historicamente com uma coerção social sobre seus corpos e comportamentos realizada a partir de diversos setores da sociedade. O jornalismo direcionado para mulheres, por exemplo, constrói e prescreve o que é "ser mulher" na nossa sociedade através de seus discursos sobre como o corpo feminino "deveria ser" (Braga, 2016). Além do discurso midiático, existem outros, como o médico, o religioso, o político e o da moda, que muitas vezes reforçam e reproduzem o padrão idealizado para o corpo feminino. Neste estudo, busco compreender a relação entre algumas mulheres e seus corpos, em especial os seios, parte do corpo tão significativa na constituição das identidades femininas.

O texto desta dissertação se organiza em quatro capítulos, que buscam delimitar teórica e metodologicamente o objeto de estudo. No capítulo um, dedico-me a refletir sobre o corpo feminino na cultura, em particular os seios, a partir de autoras/es, como Aureliano (2009), Braga (2016), Clastres (1978), Del Priore (2000), Foucault (1987), Goffman (1982) e Leal (1995), buscando compreender os diferentes sentidos que essa parte do corpo feminino pode receber (sexualidade, amamentação, adoecimento), além de refletir sobre os processos de coerção social históricos sobre os corpos femininos. No segundo capítulo, promovo um diálogo entre autores, como Bourdieu (2007), Mauss (1934), Rodrigues (2006), entre outros, para compreender o modo pelo qual as culturas deixam marcas nos corpos. No terceiro capítulo, apresento o conjunto de dados empíricos, a metodologia utilizada e os procedimentos de sistematização e análise dos dados. No quarto capítulo, dedico-me à análise das transcrições das entrevistas realizadas e apresentação dos resultados.

Justificativa

O Brasil foi o país que mais realizou procedimentos cirúrgicos com fins estéticos no ano de 2022: foram mais de 2 milhões de cirurgias, de acordo com o *International Society of Aesthetic Plastic Surgery* ou ISAPS (2022). É interessante observar que o aumento das mamas destaca-se no *ranking* como a segunda cirurgia mais realizada no país em 2022, totalizando a soma de 243.923 (11,9% dos procedimentos), seguido pela lipoaspiração. Em relação ao cenário mundial, o Brasil é o segundo país a realizar cirurgias de aumento das mamas, ficando atrás apenas dos EUA, e o primeiro no caso do *lifting* nos seios (ISAPS, 2022). No ano de 2020, o Brasil foi o segundo país que mais realizou cirurgias plásticas, novamente perdendo somente para os EUA: foi feito 1,3 milhão de cirurgias com fins estéticos no país, segundo o *International Society of Aesthetic Plastic Surgery* (ISAPS, 2020). Os dados desta pesquisa demonstram também que as mulheres são o maior público consumidor de cirurgias plásticas no panorama mundial: 86,3% dos procedimentos foram realizados por mulheres e 13,7%, por homens (ISAPS, 2020).

Além disso, em relação aos homens, o procedimento mais comum foi a blefaroplastia, retirada do excesso de pele e, em alguns casos, do músculo palpebral e da gordura orbital da região das pálpebras (ISAPS, 2020). Já a preferência feminina, segundo a pesquisa (ISAPS, 2020), foi a mamoplastia de aumento das mamas, que consiste na implantação de próteses de silicone para aumentar o volume mamário. Além da relação discrepante entre os gêneros, chama a atenção o fato de o procedimento mais procurado pelos homens ser bem menos invasivo que o favorito das mulheres. O pós-operatório é mais severo e demorado no caso de mamoplastia de aumento dos seios do que na blefaroplastia. Segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP, 2023), na mamoplastia de aumento dos seios, é necessário ter cuidados por meses: usar curativos por até 60 dias; evitar esforços, carregamento de peso e prática de exercícios físicos por 30 dias. Na blefaroplastia, de acordo com o cirurgião Dr. Petrônio Fleury (Fleury, 2024), o paciente fica liberado para atividades físicas em um período que varia de 10 a 14 dias. Como se pode facilmente averiguar por esses números, as mulheres se submetem a procedimentos dolorosos e custosos, de recuperação mais demorada, em relação aos homens.

O preço de uma mamoplastia em São Paulo e em outras capitais brasileiras pode variar entre R\$ 15 mil e R\$ 40 mil, a depender da complexidade do caso (Silicone Center, 2013). Por outro lado, as blefaroplastias podem custar entre R\$ 8.316 e R\$ 10.164 nas clínicas de São Paulo (Plástica do Sonho, 2024). A preferência cirúrgica das mulheres pela mamoplastia de aumento dos seios evidencia a relevância social que essa parte do corpo feminino tem. Existem ainda outros procedimentos cirúrgicos para as mamas, como reconstrução mamária, mamoplastia de redução, que inclui as mamas femininas e masculinas, e mastopexia ou elevação dos seios ou *lifting*.

Na atualidade, a própria noção de “padrão de beleza” está sendo questionada socialmente. As pessoas, conscientes da coerção social exercida sobre os corpos através de todos os setores da sociedade, como discursos midiáticos e da moda, começaram a cobrar que as empresas apresentem modelos de corpos reais. Acredito que o estudo oferecerá um registro sobre o entendimento que as mulheres têm sobre seus corpos femininos, em particular seus seios, e acerca da coerção social que é realizada sobre eles, o que pode contribuir com estudos gênero, corpo e discurso. Em relação às mulheres entrevistadas, este estudo apresenta limitações relacionadas à interseccionalidade, apesar de ser um tema que reconheço ser bastante relevante.

Problema de pesquisa

Considerando a coerção social sobre os corpos das mulheres, o problema de pesquisa traçado para este estudo é compreender como as mulheres entrevistadas narram a sua relação com seus próprios corpos, em particular com seus seios, e de que maneira produzem sentido sobre o fato de ser mulher na sociedade atual. Pretendo investigar elementos da cultura de gênero evidenciados nas transcrições das entrevistas, no que diz respeito à relação das entrevistadas com seus próprios corpos e com a sociedade.

Objetivos

Como objetivo principal, este estudo se propõe a produzir uma interpretação de um conjunto de transcrições de entrevistas com mulheres sobre seus corpos, em particular seus seios. Pretendo explorar as relações dessas mulheres com seus seios e analisar de que modo elas produzem sentido sobre seus próprios corpos. Para isso, serão utilizadas 17 entrevistas realizadas para o projeto *Peitos de Fora*, com mulheres moradoras de regiões diferentes do Brasil e do mundo, em que a idade, raça e classe econômica não foram problematizadas. Esta opção tentou privilegiar questões que se apresentaram relevantes para as próprias mulheres, durante a entrevista, de acordo com perspectivas naturalistas (Braga & Gastaldo, 2010).

2

Os seios na cultura

“Todos os dias me percebo mulher. Quando sou interrompida e espremida. Quando me explicam coisas que eu sei. Quando sou colocada em rota de colisão com outra mulher. Se você estiver atenta, o mundo te avisará a todo instante: você é uma mulher.”
(Milly Lacombe)

Os seios femininos trazem marcas da cultura. São atribuídos múltiplos sentidos a eles: 1) sinalizador de sedução, sensualidade e beleza; 2) fonte de nutrição através do leite materno; 3) foco de doenças (no caso do câncer de mama, por exemplo). Essas conotações são construídas socialmente, reproduzidas e ensinadas na cultura. Da Inquisição aos dias de hoje, os corpos femininos são alvo historicamente de monitoramento, julgamento, críticas e controle. O corpo feminino, aqui particularmente os seios, trazem marcas da sua cultura específica.

Além de anatomicamente diferentes, corpos masculinos e femininos têm atribuições diversas no que diz respeito a direitos e obrigações (Rodrigues, 2006). Mais do que limites e direitos, existe certa expectativa de como a pessoa deve utilizar aquele corpo em sociedade para comunicar ou performar um papel. Segundo Goffman (2014), as pessoas buscam controlar sua expressividade nas interações cotidianas com intuito de gerenciar impressões na apresentação de si. As pessoas têm capacidade ativa de interpretar símbolos e, como uma/um atriz/ator em um palco de teatro, desempenham papéis quando estão em público. Essa “apresentação do *self*”, portanto, não é uma identidade, mas uma performance social, baseada em uma interação caracterizada por um monitoramento mútuo. Em suas palavras: o “indivíduo não anda pelo mundo cuidando apenas da própria vida. Ele vagueia constrangido a manter uma imagem viável de si mesmo aos olhos dos outros.” (Goffman *apud* Giddens, p. 311, 2013).

A identidade pode ser definida, por esse prisma, como performance (Zanello, 2018). Segundo Valeska Zanello, existem *scripts* culturais que orientam as pessoas sobre como agir, pensar, sentir, se locomover, entre outras ações, para que sejam reconhecidas como mulher ou homem. Essas convenções sociais foram

estabelecidas antes de nascermos. Goffman (1976) já afirmava que a apresentação de gênero na interação social se refere a representações convencionalizadas, o que chamou de “*displays* de gênero”. Além disso, 70 anos antes, Simone De Beauvoir (1949) havia mencionado que o destino da mulher na cultura não poderia ser definido por vieses biológicos, psíquicos ou econômicos, mas sim através do que chamou de “conjunto da civilização”, ou seja, de convenções culturais. Tal pensamento é resumido no seu popular aforismo “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 1949, p. 13).

As mulheres, ainda na atualidade, recebem *scripts* das mídias, da publicidade, da moda, da medicina, da religião etc sobre como seus corpos e seios supostamente “deveriam ser”. São ensinadas socialmente a buscar o “aprimoramento” do seu corpo e dos seus seios através de intervenções cirúrgicas (implantação de próteses de silicone, *liftings* e lipoaspiração), da aquisição de produtos (sutiãs “milagrosos”, cremes e hidratantes especiais) e de procedimentos estéticos (depilação, drenagem linfática, tratamentos para estrias e celulites). No Brasil, no período de 2020-2022, a segunda cirurgia plástica com fins estéticos mais realizada pelas mulheres foi a mamoplastia de aumento das mamas, segundo o *International Society of Aesthetic Plastic Surgery* (ISAPS, 2022; ISAPS, 2020).

Essas discursos reforçam a ideia de que o corpo feminino “deveria” ser retocado, transformado e (re)modelado com o objetivo de perseguir os “padrões de beleza”, que oscilam conforme a cultura e o período. Mulheres corpulentas, durante o Renascimento, eram consideradas as mais belas, enquanto, no início do século XX, começou-se a cultuar a magreza como padrão, por exemplo (Del Priore, 2000). Braga mostra, nos discursos da imprensa feminina, que mesmo “as mulheres consideradas “padrão” de beleza, dotadas das características do corpo idealizado, ainda assim necessitam da “transformação” operada pela equipe de capa da revista para se tornarem o corpo-verão.” (Braga, 2016, p. 90). Ou seja, depreende-se, de acordo com tal lógica, que as mulheres próximas ao padrão de beleza anglo-saxão e europeu ainda assim “precisariam de aprimoramento” constante dos seus corpos. Além disso, a sociedade de consumo fomenta a insatisfação renovada no compasso da moda, atingindo as subjetividades femininas e os corpos das mulheres. Com frequência, são ofertados novos produtos, serviços e procedimentos de “adequação” à estética supostamente considerada ideal.

Essa coerção social acontece a todo tempo sobre os corpos femininos. Desde a infância e adolescência, as mulheres passam por processos de educação sobre qual uso devem fazer dos seus corpos. O corpo feminino é exposto em páginas de revistas e telas nos meios de comunicação, que utilizam estratégias discursivas específicas para representar e legitimar características que o corpo feminino “deve ter” (Braga, 2016). A ideia de que o corpo “deve ter” determinada característica conecta-se com a perspectiva foucaultiana sobre poder. Para Foucault (1987), o corpo começou a ser compreendido como “objeto e alvo de poder” durante o Período Clássico (séculos VI - IV a.C), por isso passou por diversos métodos disciplinares para ser treinado e manipulado.

Os corpos dos soldados, por exemplo, a partir da segunda metade do século XVIII, começaram a ser programados para melhor rendimento. Segundo Foucault, a disciplina produz corpos submissos e “dóceis”: um corpo dócil é aquele “que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (Foucault, 1987, p. 163). Para serem úteis e eficientes, os corpos eram distribuídos em espaços funcionais e hierárquicos — escolas, celas, lugares e fileiras —, com o intuito de marcar lugares e indicar valores; garantir a obediência dos indivíduos e a melhor economia de tempo e de gestos. O controle do tempo está atrelado à ideia de eficiência e produtividade, de eliminação do ócio.

O corpo feminino pode ser entendido como um “corpo dócil” (Foucault, 1987), submisso, que “precisa” de aprimoramento. Entretanto, o enfoque do seu “melhoramento” não é associado à obtenção de melhores resultados, como no caso exemplificado por Foucault, mas sim de caráter estético. Braga demonstra que, nas revistas femininas, características naturais do corpo da mulher são apontadas como imperfeições, que deveriam ser combatidas e eliminadas. O corpo feminino considerado imperfeito apresentaria características indesejáveis. Para cada característica ou atributo que não corresponde ao corpo idealizado, as mídias comparecem oferecendo “dicas”, “segredos”, “recursos” (produtos) e serviços para “aprimorar” a aparência dos corpos femininos (Braga, 2016).

Os seios têm um papel importante na constituição da identidade da mulher. Por isso, sua remoção, mesmo em caso de adoecimento, pode causar sofrimento e problemas de autoestima. O câncer também é uma doença que costuma ser associada à “sentença de morte”, trazendo demandas específicas sobre o corpo feminino:

a experiência do câncer de mama leva a mulher a ressignificar o próprio conceito do que é ‘ser mulher’, das atribuições e representações sobre o corpo feminino, e o que ele representa na constituição da sua relação com os outros.” (Aureliano, 2009, p. 67).

Mesmo a suspeita de diagnóstico de câncer, que exige pequenas intervenções cirúrgicas na retirada de nódulos para a realização de biopsia através de punção, é capaz de deixar mulheres inseguras quanto à sua aparência física, como demonstra uma das entrevistadas para esta pesquisa:

Eu tinha medo de como eu ia me ver depois. Imaginava que ficaria **deformada**. (Trecho da entrevista 9 realizada em 17/10/2020)

Aureliano (2009) realizou uma pesquisa com mulheres de dois grupos de ajuda mútua na Paraíba, com o objetivo de estudar como elas atribuíram sentido ao corpo modificado pela cirurgia de mastectomia, que provoca profundas alterações corporais. Segundo dados da pesquisa de Aureliano, as mulheres mastectomizadas compartilham da mesma insegurança e, após a realização do procedimento, buscam ressignificar seus corpos através de afirmações como “sou mais que um peito” (Aureliano, 2009). Isso demonstra que o seio é de caráter identitário para a mulher e como sua mutilação pode gerar uma crise de imagem e autoestima.

Além disso, as mulheres mastectomizadas são muitas vezes estigmatizadas. Para Goffman, a estigmatização acontece quando “um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode-se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus.” (Goffman, 1982, p. 14). Os corpos femininos adoecidos pelo câncer podem representar este estigma, e as mulheres ficarem restritas ao estigma de “doente”.

Contudo, a interação social pode acontecer sem que o estigma seja percebido pelas outras pessoas no que Goffman (1982) chamou de “encontros mistos”. No caso das mulheres mastectomizadas, como não têm o atributo que as distinguem aparente, elas conseguem disfarçar a visibilidade da cicatriz ou da suposta imperfeição corporal. Por terem controle dessa visibilidade dos seus corpos, as mulheres mastectomizadas podem optar por não expor seus seios por meio de decotes, utilizando sutiãs e adereços. A negociação dessa visibilidade do corpo modificado permite que a mulher circule por espaços sociais, sem demonstrar que realizou o procedimento de mastectomia de maneira explícita (Aureliano, 2009).

O sutiã — assim como o espartilhos e as cintas no passado — é um recurso de controle sobre os corpos femininos. Além disso, tais itens do vestuário são símbolos de aprisionamento e liberdade que buscam padronizar os diferentes formatos de corpos femininos. Segundo Del Priore (2000), as roupas eram definidas como “obstáculo à sedução” do desejo masculino por cobrir o corpo feminino, em especial as partes mais cobiçadas por esse olhar em romances do século XIX, como o pé, em *A pata da gazela*, de José de Alencar, ou a mão, em *A mão e luva*, de Machado de Assis. Para Del Priore, havia um jogo de esconde-esconde de sedução, em que as mulheres optavam por ocultar ou expor certa parte do corpo. O uso de decotes no vestuário feminino é considerado sensual em nossa cultura ainda nos dias atuais. Mas a exposição de parte dos seios através de um decote também carrega conotações sociais, pois é considerada adequada apenas para aquelas que teriam os “seios perfeitos” para tal.

Assim como as revistas analisadas por Braga (2016), o anúncio abaixo, do produto Fita Up, veiculado no Instagram, representa características que o corpo feminino “deveria ter”. Neste caso, que os seios “deveriam ter”.

Figura 1 - Anúncio digital da Fita UP



Fonte: Instagram (11/10/2023)

A Figura 1 traz uma mulher preta e mostra o produto em sua cor de pele, o que demonstra certa orientação do anúncio para adequação a novas demandas culturais e econômicas, em que pessoas pretas são o novo filão de mercado. O tema da diversidade tem recebido, na atualidade, sua devida importância, após a sociedade cobrar o mercado, que antes ignorava corpos “fora do padrão”. Entretanto, em seu discurso, existem elementos que tecem como o corpo feminino “deveria ser”, como o “efeito *push up*”, que promete “levantar” os seios, sugerindo que esta parte do corpo feminino “deveria” ser sempre empinada. A segunda oração de maior destaque do anúncio (“use decotes profundos sem precisar de sutiã”) coloca na ordem da necessidade (“precisar”) o uso do sutiã para que a mulher vista determinada roupa decotada.

A escolha do modo imperativo do discurso, assim como nas revistas femininas analisadas por Braga (2016), aponta o que a mulher deve fazer (“use”).

A frase de maior destaque — "Voltei a usar meus vestidos decotados!" — é estrategicamente colocada para simular uma fala enunciada pela mulher da foto anúncio, "feliz", "retocada", "remodelada". O verbo "voltar" no passado mostra que houve uma interrupção do uso de "vestidos decotados", mas que o retorno a este tipo de vestimenta foi possível graças a esse produto, que "levanta" os seios. O modo imperativo e a menção à necessidade mostram que existem deveres atribuídos às mulheres, segundo este discurso, para "correção" e "aprimoramento" antes de exibir seus seios em um decote.²

Os sutiãs corrigem e escondem. Mamilos, por exemplo, não podem aparecer — lembrem-se do escândalo que se criou em torno do seio da cantora Janet Jackson, no Super Bowl XXXVIII, em fevereiro de 2004, conhecido como *Nipplegate* —, devendo ser escondidos por meio de sutiãs. Pêlos também são "proibidos" no corpo das mulheres, sendo objeto de estigmatização. Existe uma expectativa social de que os corpos femininos sejam depilados, principalmente em regiões como axilas, pernas e virilhas. Na negociação imposta pela sociedade, estruturada e dominada por homens, as mulheres podem se recusar a essa prática. Mas, neste caso, sofrem o ônus de serem vistas como "fora do padrão", podendo sofrer constrangimentos, sanções e estigmatização social (Braga, 2002). Os pêlos, no corpo feminino, são associados geralmente à "sujeira" e à "falta de cuidado". A entrevistada abaixo cita o hábito do ritual da depilação ser uma herança familiar, cobrada em especial pela sua avó materna, que critica a presença dos pêlos no corpo da neta.

Minha avó é toda coisa com pressão estética: você precisar ser magra, estar depilada... Ela até comenta quando vê os pêlos. E isso ficou marcado em mim. (Entrevista 6 realizada em 25/08/2020)

Como demonstra a entrevistada, a sanção por esse estigma pode vir da parte de outra mulher, dentro da própria casa. É importante lembrar que a avó também foi educada a partir dessas regras sociais, impostas através de coerção social sobre o seu corpo, para anos depois reproduzi-las com sua neta. A

² É interessante pontuar que os mamilos femininos eram proibidos de serem publicados em imagens e vídeos em redes sociais de ampla repercussão, como Facebook e Instagram. A decisão foi revista, após pressão social, pelas empresas responsáveis em janeiro de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/01/20/facebook-e-instagram-va-rever-proibicao-de-mamilos-femininos.ghtml>. Acesso em 27/10/2023

necessidade constante de depilação foi um aspecto de destaque entre as entrevistadas para esta pesquisa. Mesmo que a depilação seja feita com frequência, é natural que o corpo apresente pêlos em crescimento, mas, mesmo nesse caso, a mulher sofre estigmatização e julgamento. Os pêlos masculinos, presentes na barba, nas pernas e nas axilas, são elogiados e até enaltecidos — veja-se o caso do, entre outros, ator Tony Ramos, considerado galã desde a década de 1960, e conhecido por ser muito peludo. A depilação feminina também evidencia a infantilização dos corpos femininos adultos, que naturalmente terão pêlos.

O conceito de estigma de Goffman (1982) relaciona-se com os pêlos e com as mulheres mastectomizadas, conforme mencionado acima, mas também é útil para pensarmos sobre o próprio seio feminino. Os corpos femininos, muitas vezes, são reduzidos à categoria de meros objetos sexuais — repositórios de desejos do outro —, como se as mulheres não tivessem subjetividade ou outros atributos além da sensualidade. Para despertar desejo, no entanto, as mulheres e seus seios “precisariam” estar alinhados com o “cânone da beleza”, que é europeu e anglo-saxão. O fato de seu corpo estar em desalinho com os “padrões de beleza” tende a ser associado à solidão³. Mas por que buscar se encaixar a este ideal de beleza? A feiúra — melhor dizendo, o distanciamento dos cânones de beleza — é combatida por algumas mulheres pelo medo da exclusão social e da solidão. Zanello (2018) recorda que foi no começo do século XX, com o avanço do capitalismo industrial, que a aparência feminina passou a ser cada vez mais associada à conquista amorosa. A estética feminina, segundo Zanello, virou capital matrimonial.

Enquanto existe a perspectiva de que a beleza expande as chances de conquista de amor, a feiúra promove isolamento. Para Madre Teresa de Calcutá, “o trágico da feiúra de um leproso era a sua solidão, o fato de ser indesejável, não amado, rejeitado.” (Calcutá *apud* Del Priore, 2000, p. 80). A lepra é uma doença infecciosa que afeta os nervos e deixa marcas por todo o corpo. A feiúra é também associada aos vilões de contos de fada, lidos e assistidos por crianças em todo o mundo. Nessas fábulas, é comum encontrar alteração ou manipulação corporal,

³ O tema da solidão da mulher preta é estudado por diversas autoras/es, como Crenshaw (2015), Hooks (2019), Macario (2023), trazendo uma perspectiva racial para reflexões acerca do “padrão de beleza”.

geralmente atrelados a uma maldição, que transformou a/o personagem em alguém “feia/o” e solitária/o (Ribeiro, 1995). No popular conto de *A Bela e a Fera*, a Fera — ilustrada em filmes como um figura monstruosa, espécie de lobisomem, com garras extensas e dentes caninos — retorna à sua imagem original, um príncipe jovem e bonito. Por outro lado, a animação *Shrek* (2001), em particular, desafia essa posição. Na história, a princesa Fiona escolhe ficar com o ogro Shrek, e não com o príncipe “padrão”, e viver em um pântano, mesmo que sua aparência também mude para uma ogra com essa decisão.

Del Priore (2000) acredita que, na atualidade, as mulheres buscam salvar seus corpos da rejeição social, enquanto, no passado, as mulheres almejavam a entrada no “reino dos céus”: “Diferentemente das nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nossos corpos da desgraça da rejeição social. Nosso tormento não é o fogo do inferno, mas a balança e o espelho.” (Del Priore, 2000, p. 11). Para a historiadora, a balança, a fita métrica e o espelho apontam para os “defeitos” do corpo feminino, que, nesta lógica, precisam ser “corrigidos” para que a mulher obtenha amor.

O medo da solidão devido à inadequação aos “padrões de beleza” articula-se com a ideia de o corpo feminino ser um “corpo-para-o-outro” (Bourdieu, 2002). Isso significa que a relação que a mulher tem com seu corpo não se limita à representação subjetiva da autoimagem refletiva no espelho. Segundo Bourdieu (2002), a relação entre corpo-mulher baseia-se na autoimagem e, em certo grau, na autoestima, que é construída por meio de comentários de pares (familiares e pessoas do convívio), mas não se limita a esses aspectos. Objetificado pelo olhar e pelo discurso dos outros, o corpo feminino está inserido em uma estrutura social patriarcal, que subordina a mulher deixando-a em permanente estado de insegurança e dependência simbólica. O corpo feminino é um produto social para ser visto. A partir da constituição feita pelos homens das mulheres como objetos simbólicos, elas vivenciam uma lacuna entre “o corpo socialmente exigido” e “a relação prática com o próprio corpo”, que sofre com olhares e reações alheias (Bourdieu, 2002).

Braga (2002) acrescenta que esse padrão interacional em que a mulher é subordinada ao poder e à dominação masculina torna-a dependente da validação dos outros (homens e demais participantes da sociedade), além de trazer como

consequência a introjeção desse mesmo olhar sobre seu próprio corpo. Sendo assim, a partir da dominação masculina, as mulheres

existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, enquanto objetos receptivos, atraentes e disponíveis. Delas se espera que sejam “femininas”, isto é sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas (Bourdieu, 2002, p. 111).

Historicamente, o corpo feminino está sujeito a monitoramentos e a julgamentos morais de toda ordem. Um exemplo nesse sentido ocorreu em 2017 com a atriz Bruna Marquezine, que foi criticada por diversas pessoas na Internet por ter seios que apresentam uma anatomia divergente do “cânone estético”, que valoriza o seio adolescente como a “forma ideal”, como é possível ver na imagem abaixo da rede social Facebook. (Ramos, 2018)

Figura 2 - Fotografia e comentários de post de Bruna Marquezine



Fonte: Buzzfeed

Conforme mencionado anteriormente, para Bourdieu (2002), o corpo feminino é objetificado pelo olhar e pelo discurso dos outros, um “produto para ser visto”. Mais do que visto, ser comentado, criticado, julgado pelos outros. As pessoas se sentem à vontade para tecer críticas sobre os corpos de mulheres, sejam

elas famosas ou não. É interessante pontuar que esse julgamento é característico, inclusive, dos ambientes de redes sociais *on-line*, que facilitam o monitoramento dos corpos femininos.

Segundo Ferreira (1995), o envelhecimento pode ser um processo sofrido em uma sociedade que prega a juventude como ideal corporal. Para a autora, são mapeadas marcas da presença e da ausência de vitalidade no corpo, sendo que as marcas e os efeitos da velhice, em comparação com todas as fases da vida, são as que obtêm maior visibilidade (Ferreira, 1995, p. 419). Na atualidade, é interessante observar que é possível encontrar marcas de envelhecimento que passam a ser exibidas por algumas mulheres, como cabelos grisalhos, desafiando o “padrão de beleza”.

Para Clastres (1978), o “corpo é memória”, pois conta a história de um povo e de um tempo específico. Os seios podem também se apresentar anatomicamente de forma diferente após uma “história” de amamentação, que deveria ser compreendida como um relato de vida, de amor, de troca. Entretanto, lidar com as mudanças dos seus corpos e seios, após a gestação e a amamentação, pode ser um processo sofrido para a autoimagem e a autoestima, como demonstra uma das entrevistadas desta pesquisa abaixo.

Ser mãe fez meus peitos ficarem desse tamanho (ênfatizando com as mãos seios maiores) **para depois eles ficarem desse tamanho** (apontando para o tamanho dos seios reais), para depois ficarem **caídos, murchos e flácidos**, basicamente só pele. (Trecho da entrevista 4 realizada em 24/06/2020)

Por outro lado, marcas e alterações corporais podem ser lembradas com orgulho por algumas mulheres. É o caso demonstrado nos dois trechos de entrevistas, reproduzidos abaixo:

Eu tinha medo de como eu ia me ver depois. Imaginava que ficaria **deformada**. Depois, percebi que estava distorcendo os valores: eu precisava me preocupar com a minha saúde, estar bem e saudável antes da estética. A gente é jovem, acha que tem a vida inteira pela frente. Mas não é bem assim. A gente não sabe o dia de amanhã. **No final das contas, eu tirei uma mensagem positiva: me apropriei do meu corpo. É meu templo. Não tenho que ter um peito lindo, ideal, para agradar ninguém. Ele é meu e conta a minha história.** Parece até clichê, mas é muito real.” (Trecho da entrevista 9 realizada em 17/10/2020)

O ano que eu engordei de estresse e emagreci de tristeza estão aqui. Então, **meu peito tem estrias**. Mas essas estrias não significam flutuação de peso. **São coisas**

que vivi. São uma fotografia do que passei. (Trecho da entrevista 17 realizada em 29/05/2020)

No exemplo anterior, as estrias são entendidas como memória do que foi vivido (“coisas que vivi” / “fotografia do que passei”). A mulher se “apropria” e se orgulha das suas marcas, sentimento próximo ao que Clastres (1978) verificou nos ritos de iniciação de jovens indígenas, cujo objetivo era marcar o corpo para evitar o esquecimento de que esse suportou a dor do ritual de iniciação, além de certificar seu pertencimento ao grupo. “A marca é um obstáculo ao esquecimento” (Clastres, 1978, p. 128).

Se por um lado há quem se orgulhe das marcas das experiências no corpo, existe uma variedade de procedimentos e recursos que buscam minimizar os efeitos delas, na atualidade, como tatuagens que simulam mamilos e procedimentos a laser para disfarçar cicatrizes. Para Almeida & Siqueira (2018), as tatuagens são marcas adicionadas ao corpo que exaltam experiências vividas e materializam emoções, são signos de identidades, pertencimentos e distinções. Por outro lado, destaco que as tatuagens podem receber novos significados, como uma tentativa de retorno à forma original de um corpo, como no caso das tatuagens reparadoras, que objetivam “reconstruir” um mamilo ou aquelas que busca esconder uma cicatriz.

Goffman (1982) afirma que o estigmatizado não é compreendido como completamente humano. Tal perspectiva se relaciona com o seio materno, pois as mulheres com leite são comparadas a animais mamíferos, como vacas (Vicentin, 2016). Sandre-Pereira (2003) realizou uma pesquisa sobre a relação entre amamentação e sexualidade dentro de uma abordagem antropológica, a partir de entrevistas feitas com homens e mulheres no Brasil e na França. Segundo Sandre-Pereira, os homens associam a palavra “respeito” à amamentação. Entretanto, esse “respeito” se traduz algumas vezes como um “não-desejo”.

Sandre-Pereira (2003) descreve o que chama de “tabu do seio materno”, em que há uma espécie de proibição para tocar no seio materno, entendido como “sagrado”, por isso quem olhar para essa parte do corpo com eroticidade é visto como “tarado”. Segundo Sandre-Pereira, para alguns, há a percepção de que a mulher se resume apenas ao papel de mãe quando está amamentando. Por outro lado, como indica em sua pesquisa, durante o aleitamento, os seios são mais

atrativos para os homens por ficarem mais volumosos. Ou seja, se, para alguns, o “seio maternal” pode ser sagrado, intocável; para outros, pode ser mais atraente, um símbolo sexual. “O seio maternal e o seio erótico podem ou não ocupar o mesmo corpo, dependendo da forma como os indivíduos interpretam para si esse complexo sistema simbólico e lidam com ele.” (Sandre-Pereira, 2003, p. 482). A compreensão do papel dos seios no aleitamento durante o ato sexual dependerá do entendimento do casal. A autora, por exemplo, cita que o vazamento do leite na prática pode causar constrangimento para alguns casais; enquanto para outros, maior excitação (Sandre-Pereira, 2003).

Os dados da pesquisa de Sandre-Pereira evidenciam também uma dualidade na própria mulher entrevistada durante o período da amamentação entre o ser “boa mãe” e o “boa mulher”. A “boa mãe” é aquela que ama incondicionalmente e nutre seus filhos a partir do leite materno. A amamentação, assim como nadar e andar, corresponde a uma “técnica do corpo”, adquirida pelas pessoas, não de maneira natural, mas sim construída socialmente e relacionada à cultura e a um período determinado da história (Mauss, 2003). O ato da amamentação⁴, em particular, foi endossado pelo discurso médico higienista do início do século XX, como lembra Sarlo (2023).

O esforço dos médicos em persuadir “cientificamente” a mulher de que o amor materno é sentimento inato, puro e sagrado através da valorização do aleitamento materno constitui uma primeira brecha pela qual o poder médico penetraria no interior da família, redefinindo os papéis de cada um. (Sarlo, 2023, p. 50)

Existe também a “boa mulher”, a mulher que deveria ter relações sexuais com seu marido, sendo cobrada socialmente a priorizar e “satisfazer as necessidades” do parceiro. Nessa lógica, os seios femininos foram objeto de disputa entre marido e bebê durante a amamentação, conforme verificou Sandre-Pereira (2003). O fragmento de um relato da pesquisa de Sandre-Pereira chama a atenção em particular: Marie, jovem mãe francesa, dona de casa, optou por não amamentar seu filho, após o marido afirmar que “afinal, os seios são meus e não do bebê” (Sandre-Pereira, 2003).

⁴ A amamentação também foi objeto de destaque para a Psicanálise, o que não é o enfoque principal deste estudo. Freud considerava o ato repleto de significação sensual para a mulher e para o bebê (Freud, 1997)

A noção de disputa de posse masculina em relação ao corpo feminino aponta para valores patriarcais ainda presentes na cultura e pode ser percebida em outros contextos. Um exemplo disso é o caso da rainha de bateria Mulher Abacaxi (Marcela Porto) que desfilou com os seios desnudos na Sapucaí, Rio de Janeiro, durante o Carnaval de 2023, o que culminou no término de seu casamento (Revista Quem, 2023). É importante destacar que o corpo carnavalesco comunica um modo de ser através da performance, das danças e fantasias (Guterres, 1995). Nesta festa popular, mais partes do corpo costumam ser expostas⁵.

Além disso, para Sarlo (2023), o discurso médico que propagou a amamentação trouxe ainda uma redefinição dos papéis no seio familiar no início do século XX. Aureliano (2009) afirma que esse discurso propôs a higienização das cidades, o saneamento dos espaços públicos e também a ordenação da vida familiar no século XIX. Com isso, a mulher foi convocada a cumprir um papel associado à sua “natureza” e, como consequência, passou a restringir sua atuação no espaço privado, sendo responsável pelo cuidado das/os filhas/os e do espaço doméstico, enquanto o homem foi inserido na esfera pública por sua “natureza” ser descrita como “social” e “intelectual” (Aureliano, 2009).

Zanello (2018) acrescenta que, nessa estrutura, existe uma divisão de trabalho emocional, em que aos homens são cobrados valores como individualização, autonomia e independência; e às mulheres ligação, cuidado e interdependência. É importante destacar que os cuidados da família e do espaço doméstico esperados das mulheres não são remunerados, o que reforça a desigualdade social entre gêneros (Frederic, 2021), além de sobrecarregar mulheres, que enfrentam a dupla jornada entre trabalho empresarial e trabalho doméstico desde que assumiram posições profissionais fora dos seus lares.

Ortner afirma que a mulher ocupa um status secundário na sociedade devido a três aspectos: 1) desvalorização social quanto aos produtos, aos papéis, às tarefas femininas; 2) arranjos sócio-estruturais que excluem as mulheres da liderança de funções da sociedade; 3) mecanismos simbólicos que atribuem “sujeira” ou “impureza” ao universo feminino (Ortner, 1974). O leite materno, os

⁵ É importante destacar que existe uma legislação de atentado violento ao pudor, descrito no Decreto-lei Nº 2.848, de 7 dezembro de 1940, Art. 214: “Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a praticar ou permitir que com ele se pratique ato libidinoso diverso da conjunção carnal”. Informações disponíveis no endereço eletrônico: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=217089&filename=LegislacaoCitada%20PL%203502/2004. Acesso em 22/11/2023

pêlos femininos e a própria menstruação são alguns exemplos de atividades e características das mulheres que são consideradas “sujas” e “impuras”. Segundo Leal (1995), a menstruação, é compreendida como um fluido diferente do sangue de outros ferimentos do mesmo corpo feminino, sendo descrito como “forte, “nojento”, “grosso”, “pastoso”. Rodrigues (2006) acrescenta que, em diversas culturas, as mulheres podem ser afastadas das atividades e do convívio com familiares, tendo o sangue sido compreendido como uma “maldição”.

No que diz respeito ao sangue menstrual, muitas vezes foi associado à ‘maldição’, determinando sentimentos de vergonha ou culpa. Associa-se frequentemente à crença de que a comida poderia se estragar ou apodrecer se uma mulher menstruada a tocasse, à proibição de praticar ato sexual, exercícios físicos, banhos de mar, lavar a cabeça, pisar em escamas de peixes, andar descalço, comer alimentos ácidos, tomar banho frio, comer peixe, tocar em flores, tomar gelado, comer ovo, comer galinha choca. Em muitas sociedades a mulher menstruada é segregada em lugares especiais e obrigada a se alimentar apenas de alimentos crus. (Rodrigues, 2006, p. 78-79)

Como a menstruação, a amamentação ultrapassa a ordem biológica, e o leite materno também pode ser motivo de repulsa e receber conotações diferentes de acordo com a cultura (Sandre-Pereira, 2003). Na Nova-Guiné, membros da sociedade *Mae-Enga* proibem relações sexuais durante o período da amamentação por entenderem que o esperma pode contaminar o leite. Na sociedade *Mende*, em Serra Leoa, África, a saúde da criança é responsabilidade integral da mãe e também existe proibição da prática de relações sexuais durante o período da amamentação. Caso a criança adoecia, a mãe é condenada a não ter seguido a orientação de não ter relações sexuais durante o aleitamento (Bonte, 1994 *apud* Sandre-Pereira, 2003).

Os sentidos e significados da amamentação ultrapassam o fato de ser um ato natural para se tornar algo construído, de acordo com a pesquisa de Sandre-Pereira (2003). Segundo a autora, na França, a contratação de amas de leite foi uma prática comum em famílias mais abastadas, porém, para as famílias mais pobres, a prioridade das mulheres era trabalhar para garantir o sustento da família. No Brasil, fortemente inspirado por Portugal, a prática se tornou uma demanda da classe média urbana a partir do século XIX (Sandre-Pereira, 2003), consolidando a imagem popular da mãe-preta, mulheres pretas escravizadas que amamentavam as/os filhas/os de sinhás. Contudo, como mostra Sarlo, a medicina

passou a criticar o aleitamento materno por meio de ama de leite — entendido como “mercenário” e “perigoso”, por ser “portador de germes” — para diminuir a mortalidade infantil e exercer controle disciplinar sobre os corpos das mulheres, que deveriam ficar em seus lares cuidando de suas/seus filhas/os (Sarlo, 2023, p. 127).

A amamentação em espaços públicos ainda é tabu em nossa sociedade. Relatos de mulheres que foram impedidas ou constrangidas de amamentar seus bebês costumam ser notificados em diversos sites e redes sociais. Como resposta a um episódio em Minas Gerais, em que uma mulher foi constrangida ao amamentar sua filha em um shopping, cerca de 20 mães se reuniram em Belo Horizonte, para amamentarem juntas suas/seus filhas/os como ato político (Oliveira & Ricci, 2018). Em 26 de setembro de 2023, foi aprovado o Projeto de Lei 1654/19, de autoria da senadora Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM), na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJ) da Câmara dos Deputados. O projeto garante que mulheres amamentem suas/seus filhas/os em locais públicos, punindo com multa de 3 a 20 salários mínimos a quem constranger, reprimir ou tentar restringir o direito da lactante. O projeto está em tramitação e, até a elaboração desta dissertação, não constava na pauta do plenário da Câmara, onde deve ser aprovado antes da sanção presidencial e só assim se tornar lei.

Os corpos femininos podem ser entendidos como instrumento político. Historicamente, podem ser compreendidos como sinal de protesto o ato de carregar sutiãs para serem queimados ou de mostrar os seios desnudos em locais públicos. No dia 7 de setembro de 1968, ocorreu a histórica manifestação “Queima de sutiãs” (*Bra-burning*), que reuniu cerca de 400 mulheres em protesto contra os concursos de miss que avaliavam a “beleza feminina” nos Estados Unidos. As ativistas se agruparam em frente ao teatro onde era realizado o concurso Miss América, em *Atlantic City*, nos EUA, portando sapatos de salto alto, cílios postiços, maquiagens, espartilhos, cintas e sutiãs, com a finalidade de colocá-los em uma lata de lixo para serem queimados. A prefeitura não autorizou o uso de fogo (Cordeiro & Mota, 2018). Na “Lata de Lixo da Liberdade”, foram jogadas também perucas e exemplares de várias revistas femininas que objetificavam as mulheres, como *Cosmopolitan* (no Brasil, Nova), *Family Circle* e *The Ladies’ Home Journal* (Braga, 2016).

Quarenta anos depois, em 2008, surgiu o movimento *Femen*⁶ (Ucrânia), que tem como estratégia a exibição pública de mulheres com os seios à mostra, ora com frases curtas pintadas nos corpos das manifestantes, ora pronunciadas através de gritos de protesto. O objetivo do movimento é derrubar instituições como o patriarcado, a polícia, o governo e a Igreja. Para alguns, “expor o corpo é, também, uma forma de trazer questões de cunho privado para o político e, nesse sentido, as ações das ativistas alinham-se com as causas feministas das últimas décadas.” (Silva, 2016, p. 754-755). Em contrapartida, para outros, a exposição dos seios reforça a situação sexualizada da mulher e, ao invés de convidar para um novo olhar sobre a mulher na sociedade, acaba por reforçar sua objetificação.⁷

No Brasil, há o bloco de Carnaval Vaca Profana⁸, que tem como finalidade utilizar a exposição dos seios em um bloco de Carnaval como protesto e militância para a libertação dos corpos femininos da lógica do patriarcado. Os dois exemplos ilustram o corpo feminino e sua nudez, particularmente dos seios, como ativismo, com a exposição dos seios como instrumento político cujo objetivo é questionar e derrubar instituições conservadoras, como o patriarcado, a polícia, o governo, a Igreja e outros setores da sociedade civil.

Através das artes, o grupo de ativistas feministas anônimas *Guerrilla Girls* busca expor preconceitos étnicos e de gênero, e a corrupção na política, na arte e no cinema. O grupo é conhecido por usar máscaras de gorila em suas aparições públicas. Formado em 1985, *Guerrilla Girls* foi criado em resposta à exposição *International Survey of Recent Painting and Sculpture* (Panorama internacional de pinturas e esculturas recentes) realizada em 1984 no *Museum of Modern Art*

⁶ O movimento nasceu na Ucrânia, em 2008, para protestar contra o turismo sexual e a prostituição do país. A partir do final de 2009, foi adicionada ao grupo a estratégia de exibição pública de mulheres com os seios à mostra com frases curtas pintadas nos corpos das manifestantes ou pronunciadas por meio de gritos em protesto, como “*Be my valentine, not my murderer*” (seja meu namorado, não meu assassino), “*Real Dictators*” (ditadores reais) e “*Fake peacemakers*” (Falsos pacificadores). Pouco depois, o *Femen* passa a explorar o poder de compartilhamento e difusão das redes sociais, criando conteúdos específicos para serem postados e repostados *on-line*. Em ações maiores, o movimento comunica previamente veículos tradicionais de mídia sobre a data e o local onde irá acontecer o manifesto com o objetivo de divulgar o ato.

⁷ O debate pode indicar, de certa forma, um retrocesso, visto que nos anos 60 e 70 pregava-se o amor livre e o nudismo.

⁸ O bloco Vaca Profana foi criado em 2015 em Olinda, no Recife, com o objetivo de utilizar o carnaval como narrativa de protesto para a libertação de corpos femininos. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/o-bloco-vacas-profanas-e-a-manifestacao-feminista-no-carnaval-de-olinda/>. Acesso em 20/nov/2023

(MoMA), em Nova York, Estados Unidos. Na época, a mostra, de curadoria de Kynaston McShine, incluiu 165 artistas, apenas treze eram mulheres. No Brasil, o grupo de ativistas mapeou que apenas 6% dos artistas em exposição são mulheres em 2017. Contudo, 60% dos nus eram femininos no Museu de Arte de São Paulo (MASP).

Há necessidade de tratar sobre outra perspectiva da nudez feminina: quando este corpo é exposto sem autorização da mulher. Um caso recente foram os adolescentes que utilizaram inteligência artificial para criar montagens de colegas nuas em um colégio do Rio de Janeiro (Bastos, 2013). Outro exemplo é o compartilhamento de imagens íntimas de mulheres de maneira não consensual. Na atualidade, a exposição de fotos e vídeos íntimos sem autorização, chamada de “nudes” informalmente, por meios digitais operam a partir da lógica do patriarcado, reforçando a perspectiva de que mulheres são objetos sexuais.

Paz & Silva (2023) analisaram processos comunicacionais em que mulheres foram ameaçadas de ter conteúdos íntimos expostos sem seu consentimento na internet a partir de dados etnográficos obtidos entre 2019 e 2021. O material foi coletado por meio de observação participante, conversas e ligações estabelecidas via WhatsApp com interlocutoras e em sites específicos. Segundo Paz & Silva (2023), as mulheres são culpabilizadas por terem supostamente “provocado situações” em que a colocaram com vítima e, nesta lógica, são vistas como “merecedoras” de serem penalizadas. Para as pesquisadoras, o compartilhamento de conteúdos de mulheres na internet com fotos ou vídeos desautorizados é de caráter moral, amparado no paradigma patriarcal, que descreve certos comportamentos sexuais femininos como “má reputação”. (Paz & Silva, 2023)

Os estudos de gênero e corpo passaram a ser abordados recentemente com mais recorrência na área da Comunicação. Antes, esses temas costumavam ser encontrados mais frequentemente na Sociologia e na Antropologia. A título de exemplo, o grupo de trabalho (GT) *Comunicação, Gêneros e Sexualidades* foi criado em 2018, no XXVII Encontro Anual da Associação Nacional de Programa

de Pós-Graduação em Comunicação – Compós, tendo o primeiro encontro de debates do grupo sido realizado em 2019 (Escosteguy, 2020).

Após uma breve análise em pesquisas contemporâneas neste GT da Compós e no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, da Intercom, por exemplo, foi possível identificar pesquisas variadas sobre o tema. Os seios explantados foram objeto de análise de um recente trabalho. Segundo Baccarim (2023), as imagens que circulam em páginas de redes sociais podem tanto reforçar o “padrão de beleza” vigente, como também elaborar deslocamentos e/ou fissuras sobre discursos hegemônicos em relação ao seio feminino, como no caso dos seios que tiveram próteses de silicone extirpadas. Em sua pesquisa, Baccarim analisou dois perfis no Instagram (@explantedesilicone e @perigos.do.silicone), nos quais identificou que as imagens dos seios explantados podem ser um ponto de convergência em que as mulheres elaboram novos modos de subjetivação.

Outros temas que atravessam os corpos femininos, como estupro, violência de gênero, parto e maternidade, têm recebido destaque nos grupos de trabalho e pesquisa. Varges (2022) analisou relatos de mulheres vítimas de abuso sexual em páginas de redes sociais para investigar a relação entre as exposições feitas pelas vítimas e a busca por agência no que tange à violação sofrida. A partir da análise dos dados obtidos, Varges (2022) identificou que os chamados *exposeds* são movimentos importantes na formação de redes de mulheres por encorajar que elas relatem estupros e violências sofridas, além de estabelecer culturas de resistência, como pode ser visto, segundo a pesquisadora, em outros movimentos, como #MeToo⁹ em 2017 e #MeuPrimeiroAssedio¹⁰ em 2015.

Para Paiva (2019), as redes sociais são um espaço de atuação feminista no Brasil, em que as mulheres denunciam casos de assédio e machismo. A partir dessas denúncias, as mulheres conseguem visibilizar suas reivindicações pouco a pouco, além de serem ouvidas pela mídia tradicional e pelo sistema judiciário. Paiva (2019) pontua também que existiram outros movimentos liderados por mulheres com a mesma finalidade de expor assédios e casos de violência no país,

⁹ #MeToo foi um movimento que teve início com mulheres ligadas à indústria cinematográfica que denunciou abusos sexuais de homens poderosos deste segmento.

¹⁰ A campanha #meuprimeiroassedio ocorreu no Brasil em outubro de 2015 e foi lançada pela ONG feminista Think Olga. O movimento viralizou nas redes sociais com relatos de mulheres sobre seus primeiros assédios.

como o Chega de Fiu-Fiu¹¹, #EuNaoMerecoSerEstuprada¹², #MexeuComUmaMexeuComTodas¹³ e #EleNão¹⁴.

Por outro lado, Januário (2022) observou a associação entre o “ideal de beleza” e empoderamento presentes no discurso das empresas de cosméticos no Brasil. Por meio da análise de conteúdo e do monitoramento da mídia entre os anos de 2015 e 2020, Januário identificou que o mercado publicitário tem utilizado de alguns debates feministas relacionados à quebra de estereótipos e representações mais realistas da mulher contemporânea, o “feminismo de mercado”. Contudo, a publicidade é uma ferramenta capitalista que até pode auxiliar na construção de representações sociais mais fidedignas e plurais, mas que não empodera as mulheres, e sim as sujeitas. (Januário, 2022)

O parto e a própria noção de maternidade têm sido tratadas por diferentes pesquisadoras/es (Silva, 2020; Braga, 2008, 2021; Rezende, 2020; Souza & Polivanov, 2021; Oliveira-Cruz & Mendonça, 2021; Coimbra, 2022). Coimbra (2022) articulou conceitos como a escrita de si e a escrita do corpo, elaboradas por Michel Foucault e Hélène Cixous, como uma possível chave de leitura para os relatos de parto compartilhados no Instagram. Motter *et al* (2022) analisaram narrativas de mulheres publicadas na rede social LinkedIn sobre histórias de mães que foram demitidas, promovidas ou contratadas durante a gestação com o

¹¹ Chega de Fiu Fiu foi uma campanha de combate ao assédio sexual em espaços públicos lançada em 2013 e idealizada pela organização não-governamental Think Olga. Disponível em: <https://thinkolga.com/projetos/chega-de-fiu-fiu/>. Acesso em 20/mar/2024.

¹² #EuNaoMerecoSerEstuprada foi uma campanha que surgiu nas redes sociais como reação aos dados divulgados de uma pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica (IPEA) do governo brasileiro no dia 27 de março de 2014. Inicialmente, a pesquisa indicou que 65% dos entrevistados concordavam com a frase que “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas”. Uma semana depois, o instituto assumiu que houve um erro no percentual e atualizou para 26%. Como resposta, a jornalista Nana Queiroz incentivou que as mulheres postassem fotos suas segurando um cartaz com a frase “Não mereço ser estuprada”. (Paiva, 2019)

¹³ #MexeuComUmaMexeuComTodas foi uma campanha brasileira de bastante popularidade que aconteceu nas redes sociais com o objetivo de denunciar episódios de assédio que ocorriam nos bastidores da Rede Globo. A figurinista Susllen Tonani acusava o ator principal José Mayer de assédio sexual. Diversas atrizes da emissora se mobilizaram em apoio a colega, e o caso ganhou repercussão nacional. José Mayer foi afastado da novela.

¹⁴ #EleNão ou apenas Ele Não foi uma mobilização social liderada por mulheres com o objetivo de protestar contra a então candidatura à presidência da República de Jair Bolsonaro, que acabou eleito em 2018. A organização do Ele Não teve início nas redes sociais, mas foram realizados protestos em diversas cidades brasileiras motivados por declarações misóginas e machistas do candidato, além das ameaças à democracia.

objetivo de identificar no que se apoiam os novos discursos empresariais de inclusão e aceitação.

A interrupção voluntária da gravidez foi estudada por Ribeiro (2021), que considerou como recorte as manifestações que levaram à aprovação do projeto que descriminaliza o aborto na Argentina em 2020. Utilizando a análise de conteúdo como metodologia, a pesquisa buscou compreender quais as estratégias de comunicação utilizadas nas redes sociais, articuladas por movimentos feministas, contribuíram para que o movimento ganhasse relevância e conquistasse avanços políticos.

Corpos “fora do padrão” foram também analisados nas pesquisas de Habckost (2021) e de Di Lauro (2023). Habckost (2021) buscou refletir sobre as potencialidades de geração de novos sentidos para os “corpos gordos” nas mídias digitais, em particular em redes sociais como o Instagram. Já Di Lauro (2023) observou comentários feitos sobre o corpo da cantora Preta Gil nas redes sociais, utilizando como metodologia estudos de discurso inspirados em teorizações foucaultianas. A questão racial também apareceu em pesquisas como as de Mustafé & Coelho (2022), em que foram analisadas as relações de dominação promovidas pela branquitude em três campanhas publicitárias lançadas pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH).

Foram também mapeados estudos sobre a chamada “ideologia de gênero”, em que Popolin (2021) investigou como a população “LGBT+”¹⁵ e a “ideologia de gênero” são mencionadas em grupos de WhatsApp pró-Bolsonaro, sendo que essa suposta “ideologia de gênero” é enxergada pela direita como algo que precisa ser combatido. Já Mendonça *et al* (2021) analisaram como corpos da população “LGBTQ+” são submetidos a discursos e atos de ódio visibilizados, cuja intenção passa por inferiorizar e regradar subjetividades e formas expressivas, por optarem por identidade de gênero e/ou orientação sexual não hegemônica. Foram identificados também estudos sobre *drag queens* por Amin (2022), que analisou dois videocliques da cantora *drag* Glória Groove, e Ostruca & Montargil (2022), que apresentaram um estado da arte de pesquisas sobre *drag queens* e transformistas realizadas no campo da Comunicação com pesquisas quanti-quali dos anais dos GTs da Intercom nacional no período entre 2001 e 2021.

¹⁵ Atualmente, a sigla foi atualizada para LGBTQIAPN+. Contudo, aqui o termo é mencionado como foi tratado no artigo publicado.

3

Corpo e gênero

Eu não estou aceitando as coisas que não posso mudar. Estou mudando as coisas que não posso aceitar.

(Angela Davis)

Mais do que um fenômeno biológico, parto da premissa de que os corpos são também culturais, resultado de um sistema simbólico, o que não é um fato novo na academia. Em 1911, Franz Boas contribuiu para o desenvolvimento dessa perspectiva¹⁶, que foi seguida e difundida por outras/os pesquisadoras/es, como Ruth Benedict, Margareth Mead, Cora Du Bois e Clyde Kluckhohn. Apesar da importante contribuição de Boas, foi o sociólogo e antropólogo francês Marcel Mauss que solidificou o entendimento do corpo como produto cultural em *As técnicas corporais*, em 1934. Existem diferentes formas de usar o corpo, que variam conforme cultura e contexto. Mais do que uma necessidade biológica, dormir, por exemplo, é também ritual, um fato cultural, que sofre a mediação da cultura circundante que indica onde, como e quando descansar. Rodrigues (2006) exemplifica que, em algumas culturas, são utilizados cobertores, redes suspensas, cama, travesseiro ou o próprio chão.

As “técnicas corporais” são adquiridas socialmente, não são aprendidas de maneira natural, são herdadas e transmitidas pela cultura através de gerações (Mauss, 1934), assim como a expressão das emoções e dos sentimentos¹⁷, saberes partilhados por adultas/os com as crianças. As mídias também atuam de maneira ativa na transmissão dessas regras, a partir da construção e disseminação constante de representações. E, na transmissão dessas técnicas, está presente uma confluência de forças sociais que se manifesta na materialidade desses corpos, que trazem as marcas da sua cultura. Por isso, para Rodrigues (2006), são estabelecidas regras para dormir, tossir, praticar atividades esportivas; para

¹⁶ O antropólogo Franz Boas publicou, em 1911, o *Relatório sobre as mudanças na forma corporal dos descendentes de imigrantes*, que contribuiu para o entendimento de que o corpo humano é mais que um fenômeno biológico.

¹⁷ Para Antropologia das emoções, ver Siqueira (2015), Le Breton (2019) e Mauss (1979).

mulheres e homens, para crianças e adolescentes, para idosas e idosos. O conhecimento dessa “gramática” é essencial para o “bom convívio social”. A pessoa que não sabe se portar, sentar, mastigar de boca fechada, por exemplo, é rotulada como “sem modos”. (Rodrigues, 2006). O *topless* é um tabu cultural. A prática é permitida somente em algumas culturas e contextos específicos.

A alimentação também é uma convenção social. A cultura define o que é (e o que não é) alimento, quando e onde deve ser ingerido. Também não se pode beber e comer de qualquer jeito, existem protocolos que devem ser seguidos de acordo com a cultura e o contexto. Pode-se comer sozinho ou com familiares. Em algumas culturas, a alimentação pode exigir purificação e higienização anterior; outras, posterior (Rodrigues, 2006). Bourdieu (2007) acrescenta que a própria seleção de quais alimentos serão consumidos e o ato de comer são processos de distinções sociais que podem ser atravessados por questões de gênero. Enquanto das mulheres se espera comer com moderação, em pequenas quantidades, dos homens, espera-se dispor de maior volume de bebidas e comida, além de “alimentos fortes”, como a carne, para manter seu vigor. (Bourdieu, 2007)

O gosto, para Bourdieu (2007), é um elemento de distinção, capaz de classificar pessoas em uma cultura. É definido pelo autor como “o princípio de tudo o que se tem, pessoas e coisas, e de tudo o que se é para os outros, daquilo que serve de base para se classificar a si mesmo e pelo qual é classificado.” (Bourdieu, 2007, p. 56). Ao mesmo tempo que classifica e distingue, o gosto permite à pessoa reafirmar a posição e o lugar ocupados no espaço social ou assegurar distanciamento, ou seja, pode unir ou separar as pessoas. Une aquelas que são produto de condições semelhantes, mas distinguindo-as das outras.

O corpo, para o sociólogo, manifesta gostos de classe, seja através de sua forma anatômica, seja através do vestuário, dos cuidados de si, da alimentação etc. Nas palavras de Bourdieu:

Segue-se que o corpo é a objetivação mais irrecusável do gosto de classe, manifestado sob várias maneiras. Em primeiro lugar, no que tem de mais natural, na aparência, ou seja, nas dimensões (volume, tamanho, peso, etc) e nas formas (redondas ou quadradas, rígidas ou flexíveis, retas ou encurvadas, etc.) de sua conformação visível em que se exprime de inúmeros modos uma verdadeira relação com o corpo, ou seja, a maneira de tratá-lo, cuidar dele, alimentá-lo, sustentá-lo (Bourdieu, 2007, p. 179)

Rodrigues (2006) também compreende que o corpo traz marcas de distinções sociais, é um indicador da nossa posição social. Existe uma ideia de que determinadas pessoas podem ir (ou não) a determinados espaços, ocupar certas posições hierárquicas e consumir certos produtos. Segundo Rodrigues, “classificamos as pessoas quanto à ‘aparência’, habilitando-as ou não a determinados empregos e a frequentar certos lugares” (Rodrigues, 2006, p. 49). As pessoas costumam se surpreender quando uma pessoa dotada de certos elementos de distinção social — possivelmente branca, magra, jovem, com roupas formais — é considerada criminosa. A ideia de distinção associa-se, portanto, ao consumo, que é apontado por Rodrigues (2016) em outro texto como “distintivo” e “hierarquizante”, capaz de diferenciar e ordenar as pessoas. Essas características, segundo Rodrigues (2016), podem ser encontradas na sociedade industrial e de consumo que pretende estabelecer uma distância entre ideal e possível, promovendo insatisfação com o que somos e temos.

O corpo das mulheres é alvo histórico não só de exploração, retaliações e punições, mas também de representações misóginas. Segundo Rodrigues (2006), os aparelhos reprodutores do corpo feminino aparecem na mitologia de diversas regiões do mundo de forma ofensiva. Existe uma lenda popular sobre mulheres que possuem vaginas com dentes. O mito demonstra o terror masculino da “castração do pênis” e reforça aversão às mulheres e ao contato sexual. Foi lançado um filme chamado *Vagina Dentada (Teeth)*, em 2007, sobre o tema, inclusive.

Além da misoginia, que é demonstrada também na aversão à menstruação e na violência contra a mulher, o corpo feminino é reduzido à capacidade de parir. É comum que, em nossa cultura, as mulheres ainda sejam questionadas sobre quando serão mães, deduzindo que, por ser mulher, ela “naturalmente” gostaria de gestar uma criança. Entretanto, pesquisas mostram que esta situação de “maternidade compulsória” tem sido questionada (Braga, 2021). Por outro lado, a coerção social sobre os corpos femininos também ocorre com mulheres grávidas em diversas etapas da gestação, como na escolha sobre o tipo de parto (Lage *et al*, 2020).

O parto é uma técnica corporal, cujo rito varia de acordo com a cultura. Em algumas sociedades, as mulheres dão à luz em pé, por exemplo (Rodrigues, 2006). Na atualidade brasileira, são realizadas cerca de 1.680.000 cesáreas anualmente, o que representa 57,6% dos partos realizados, segundo dados do Ministério da Saúde apresentados no Jornal da USP (Lemos, 2023). Já no sistema privado de saúde, o percentual de cesáreas realizadas sobe para 86%. É neste contexto que o país se insere como o segundo maior no mundo a realizar a cesariana (Lemos, 2023). Entretanto, a Organização Mundial de Saúde recomenda que a taxa ideal de cesárea seria entre 10% e 15%, segundo cartilha da OMS (s.d)¹⁸.

Na atualidade, o discurso de humanização do parto tem criticado certa patologização do corpo grávido, a realização excessiva de cesarianas e o uso de medicalização durante o ato de dar à luz. A cesárea é um recurso bastante relevante para a obstetrícia. Segundo Silva (2020), antes do século XIX, as cesarianas eram utilizadas quando as mães faleciam em partos domiciliares, com o objetivo de tirar a/o bebê viva/o de dentro da barriga da mãe. Com o avanço da medicina, as técnicas começaram a ser realizadas em mulheres em trabalho de parto com a finalidade de salvar a vida da mãe e/ou da/o bebê.

Rezende (2020) acrescenta que o parto foi alvo de medicalização ao longo do século XX, quando começou a ser realizado em hospitais com obstetras, em sua maioria homens, o que justificaria, segundo a autora, intervenções pouco discutidas com as pacientes, como a cesárea, o uso de ocitocina sintética na indução do parto e a anestesia. Para Tornquist (2004), como estamos diante de uma sociedade ainda marcada pela herança patriarcal, o parto é um momento no qual as mulheres detêm poder, por isso a escolha pelo tipo de procedimento é uma forma política de empoderamento das mulheres. A experiência do parto é, portanto, incompatível com a ideia do corpo da mulher como sendo passivo e frágil propagada como norma social, sendo a mulher compreendida a partir de uma visão ativa da experiência do parto e do seu corpo (Shabot, 2016).

Segundo Tornquist (2004), a intensificação das cesáreas foi um dos instrumentos que marcou a transferência dos poderes das parteiras para a/o

¹⁸A cartilha completa de Declaração da OMS sobre Taxas de Cesáreas, elaborada da Organização Mundial da Saúde, está disponível neste link: https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/161442/WHO_RHR_15.02_por.pdf;jsessionid=609D94BA99AFF71F9E6E22D34602493D?sequence=3. Acesso em 24/11/2023

profissional da medicina, no final do século XIX. No Brasil, os partos realizados por parteiras eram eventos comuns até o início do século XIX. Com a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro, em 1808, foram criados os primeiros cursos de Medicina do país (Brenes, 1991). Em paralelo à profissionalização do médico, foram lançados cursos de parteira, já que a preferência das mulheres era que as parteiras acompanhassem os seus partos (Silva, 2020). O curso para ser uma parteira diplomada tinha pré-requisitos excludentes: era necessário domínio da língua portuguesa (leitura e escrita) e o pagamento de uma taxa de 30 mil réis, o que automaticamente descartava as mulheres pobres, em sua maioria negras e indígenas (Tornquist, 2004). Com isso, pode-se dizer que o papel da parteira foi desqualificado e punido pela biomedicina, apesar de eles terem extraído saberes sobre o parto através do trabalho dessas profissionais. Segundo Tornquist (2004), a Igreja medieval associou as parteiras a feiticeiras e bruxas. Na modernidade, com o higienismo, foi relacionada às parteiras a ideia de sujeira, risco e perigo, enquanto a medicina, liderada principalmente pelos homens, ganhava força.

Além disso, existem formas de regulação e controle do corpo da mulher atravessadas por um paternalismo médico e normatização sexista (Lage *et al*, 2020). A violência obstétrica é um dos exemplos mais comuns de violação do corpo da mulher mãe, que pode acontecer através de abusos de medicalização e da adoção de procedimentos, como a episiotomia, corte realizado no períneo da mulher (entre a vagina e o ânus) para “facilitar” a saída do bebê. O Ministério da Saúde (2017) sugere que a episiotomia seja realizada com parcimônia e apenas em caso de consentimento da mulher. Após a episiotomia, o corpo feminino pode ser novamente violentado na sala de parto com o “ponto do marido”, feito pela/o médica/o ao término da sutura de uma episiotomia, em que se aperta a entrada da vagina, submetendo às mulheres às “necessidades” do prazer do homem. O corpo, em especial o feminino, está muitas vezes à mercê de normas sociais (Lage *et al*, 2020), das relações e das políticas sob as quais vive (Butler, 2015), no campo do patriarcado, embora os movimentos feministas atuais tenham questionado e lutado para alterar tais processos.

O corpo, portanto está sempre à mercê de formas de sociabilidade e normas morais que não apenas delimitam sua autonomia individual, como definem os modos pelos quais são apreendidos, reconhecidos, cuidados, ou descartados, violentados, aniquilados. (Lage *et al*, 2020, p. 6)

Segundo a pesquisa de Rezende (2020), o útero é compreendido, durante o parto, como uma parte do corpo feminino dotada de certa autonomia. Algumas mulheres conversam com a/o bebê, ainda quando estão dentro de seus corpos, o que é considerado importante para o desenvolvimento do próprio parto. Rezende (2020) observa, nos dados obtidos para sua pesquisa, que o parto é ainda um momento em que há separação entre o eu e seu corpo, como se a mulher vivenciasse um transe.

Se por um lado a escolha pelo parto natural pode ser entendida como empoderador, o parir envolve dor física, sendo essa descrita como uma “sensação esperada, e não temida, suportada por prazer” (Rezende, 2020, p. 19). A dor carrega significações diferentes de acordo com o contexto e a cultura específica. Para Mauss (1979), a expressão de emoções, como chorar e rir, faz parte de uma construção social. É uma linguagem compartilhada entre membros de uma cultura, com “gramática” e “vocabulário”. Existe uma convenção social que dita quando, por que e com que intensidade as pessoas deveriam expressar esses sentimentos. Le Breton (2010), descreve que a expressão do riso é de caráter cultural e relaciona-se com a circunstância. Para ele, é o contexto que decide o significado daquele riso. Nessa lógica, pode-se pensar que a expressão dos sentimentos, como a dor, tem também conotações diferentes.

Segundo Clastres (1978), em ritos de iniciação de jovens indígenas de diferentes tribos, entende-se que o sofrimento ensina algo à/ao jovem, por isso as/os responsáveis pela realização do ritual dedicam-se a garantir que o sofrimento da/o iniciada/o tenha chegado ao seu limite. Como demonstra Rezende (2020) em sua pesquisa, a dor é descrita como “prazerosa”, sendo o parto associado ao sentimento de felicidade em diversos trechos dos relatos analisados por ela em sua pesquisa.

Segundo Rezende (2020), existe a ideia de que os corpos femininos estariam “naturalmente” preparados para parir, e há também uma romantização dos partos naturais recentemente, o que pode se tornar uma nova pressão na vida das mulheres. Como indica a psicóloga Rosely Sayão, a escolha entre o parto natural e a cesariana conta com uma dimensão opressiva de normas médicas e sociais na atualidade. Sayão (2015) relata em sua coluna que uma jovem gestante estava aflita e culpada antecipadamente pela possibilidade de precisar modificar

sua decisão na iminência do parto e optar pela cesariana. A psicóloga chama a atenção para alguns aspectos relacionados ao parto na atualidade, entre eles a produção do sentimento de culpa pela escolha do tipo de parto diante das pressões sociais (Sayão, 2015). De maneira semelhante, os discursos de autoamor e aceitação de si, popularizados pelas mídias *on-line* e pelo discurso publicitário, podem se tornar mais uma pressão sobre a grávida pelos valores que sustentam, e também para as demais mulheres.

Sem origem e autoria claras, o movimento *Body Positive* ou *BoPo* se populariza nas redes sociais digitais a partir de postagens (fotografias e vídeos) de corpos “fora do padrão de beleza” (Conde & Seixas, 2021). Segundo Conde & Seixas, o *BoPo* busca promover uma nova cultura do corpo, que propõe a exposição dos corpos como eles são com o objetivo de difundir a autoaceitação e a representatividade de todas as formas corporais no mundo. No Instagram, o perfil *The Body Positive* conta com mais de 42 mil seguidoras/es até a elaboração desta dissertação.

Existem, na atualidade, diversas influenciadoras digitais associadas ao movimento *BoPo*. Contudo, para Conde & Seixas (2021), mesmo as influenciadoras *BoPo* atendem à lógica capitalista. O movimento corresponde a um mercado em ascensão, operado a partir da lógica medicalizante de regulação do corpo, que utiliza como estratégia um discurso neoliberal travestido de aceitação de si mesmo e de amor próprio, o que foi analisado também na pesquisa de Januário (2022), que chama este movimento de “feminismo de mercado”. As influenciadoras recomendam produtos e serviços associados ao movimento *BoPo*, como cursos, serviços de maquiagem, roupas e objetos símbolos da causa. O autocuidado é oferecido também por grandes empresas recentemente, em um ativismo suspeito que oferece produtos para *skincare* (cuidados com a pele).

Dessa forma, o grupo que busca ter os seus ‘corpos válidos’ da maneira que são acabam encontrando-se novamente dependentes de um mercado de *commodities* mascarado por um ativismo que positiva o corpo ao mesmo tempo que o recaptura em uma liberdade coercitiva. (Conde & Seixas, 2021, p. 151)

Associado atualmente à ideia de autocuidado, a cultura *fitness* ganhou contornos definidos na atualidade com as redes sociais e influenciadoras/es, que através de fotos e vídeos mostram sua rotina de treinos e hábitos alimentares

como forma de autocuidado. Para Conde & Seixas (2021), o *fitness* surge como reflexo da estetização da saúde e da exigência permanente de alta performance. Pode ser, portanto, uma nova pressão na vida das mulheres, cobradas a terem uma vida saudável. Além disso, na medida em que o serviço está disponível, não lançar mão dele pode ser entendido como desleixo.

Assim, o discurso da vida saudável e da boa alimentação acaba por legitimar e estimular cuidados com o corpo, ao mesmo tempo que fomenta a vaidade e o embelezamento como atores fundamentais na lógica consumista. (Conde & Seixas, 2021, p. 151)

No século XX, a gordura passa a ser associada à feiura, deselegância e vulgaridade, e não mais à fartura (Del Priore, 2000). A prática de atividades físicas, como a musculação, associadas a regimes, tem como finalidade combater a gordura, enxergada a partir de então com uma grande vilã. Del Priore lembra que a chegada do esporte ao Brasil aconteceu no século XIX com os imigrantes que se mudaram para o país. Sua função, na época, era profilática. A equitação, por exemplo, foi praticada por muitas pessoas da aristocracia brasileira, principalmente durante o reinado de d. Pedro II (Del Priore, 2000). A prática de atividades físicas pode ser custosa, assim como a aquisição de cosméticos para “embelezar” o corpo feminino. Dessa forma, o processo de busca por uma suposta beleza tem historicamente relação direta com o capital. É necessário gastar — e, para isso, ter — dinheiro para se tornar bonita/o.

O papel da mulher na sociedade está fortemente associado aos direitos do corpo. Conforme mencionado neste capítulo, o corpo feminino por vezes é reduzido ao seu sistema reprodutor, sendo a mulher associada muitas vezes a uma maternidade instintiva. O aborto induzido é legalizado em 77 países, segundo *Center for Reproductive Rights*, mas, no Brasil, só é permitido legalmente em três circunstâncias: 1) quando a gravidez oferece de risco à vida da gestante; 2) quando a gravidez resulta de violência sexual e 3) quando há possibilidade de anencefalia fetal (Decreto-Lei Nº 2.848). Em países europeus e em alguns estados norte-americanos, a legalização do aborto foi conquistada também a partir de mobilização social, com a segunda onda de movimentos feministas, nos anos sessenta e setenta do século XX (Machado, 2017). Recentemente, a França se

tornou o primeiro país no mundo a garantir constitucionalmente o direito ao aborto (g1, 2024).

Contudo, a ilegalidade não impede a prática no Brasil, colocando a integridade física das mulheres em risco, em especial das mais pobres, que buscam procedimentos clandestinos para realizar a interrupção da gravidez. As mulheres com maior poder aquisitivo podem ir a países em que o aborto não é criminalizado e custear o procedimento. A Organização Mundial de Saúde (2022) considera “aborto inseguro” quando o procedimento é realizado por pessoas sem a habilidade necessária e/ou em ambiente inadequado para se fazerem os procedimentos médicos. Segundo a Diretriz sobre cuidados no aborto da OMS (2022), 45% de todos os abortos realizados no mundo são desse tipo, sendo 97% dos abortos inseguros feitos em países em desenvolvimento. A Pesquisa Nacional de Aborto (PNA, 2021) identificou que 52% das mulheres entrevistadas tinham 19 anos ou menos quando fizeram o primeiro aborto (Diniz *et al*, 2021, p. 1605). Segundo a PNA 2021, aos 40 anos, uma em cada sete mulheres já realizou pelo menos um aborto (Diniz *et al*, 2021, p. 1601).

O aborto é atravessado por princípios religiosos e morais que condenam a prática. Segundo Beauvoir (1949), o aborto provocado é compreendido de maneiras distintas entre os gêneros. Os homens lidam com “displacência”, como se o aborto fosse um acidente que a natureza condenou o corpo feminino. As mulheres têm seu universo moral abalado, visto que, desde a infância, são ensinadas que são feitas para procriar. Velleda *et al* (2022) também compreendem que a interrupção voluntária da gravidez é de caráter moral, porém destacam que o direito de realizá-lo faz parte de condições básicas de autonomia sobre o próprio corpo, o que deve ser priorizado no exercício da democracia. O impedimento da realização do aborto demonstra, portanto, que as mulheres não têm autonomia sobre seus corpos e que o papel social de mãe ainda é imposto mesmo quando é indesejado.

Velleda *et al* (2022) realizaram uma pesquisa que objetivou identificar quais discursos interpelam as motivações e enfrentamentos das mulheres que realizaram aborto. Para isso, seis mulheres foram entrevistadas por meio do bate-papo da rede social Facebook. Ao analisar as falas dessas mulheres, Velleda *et al* (2022) perceberam que

Diferentemente do que circula no senso comum, a escolha pelo aborto não foi simples, mas sim um processo que mobilizou sentimentos ambivalentes e subjetivos. O fato de não se estar em uma relação estável ou não se desejar manter vínculo permanente com o parceiro aparece em diversas falas como motivação para a interrupção da gestação, também associada à condição econômica e ao planejamento para o futuro, que seriam impedidos ou dificultados pela presença de um filho. (Velleda *et al*, 2022, p. 11)

São, portanto, diversas motivações por trás da opção pela realização de um aborto. O impedimento do aborto é uma forma de controle para manutenção do patriarcado, assim como a violência contra mulher. Na nossa cultura, diversas violências praticadas contra a mulher são naturalizadas, tendo o feminicídio como ápice (Roichman, 2020). Entretanto, existem diferentes formas de violência contra mulher: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.

Considerado como crime passional e/ou relativo à esfera privada/doméstica até algumas décadas atrás, a violência contra mulher — assim como o aborto — faz parte da pauta de movimentos sociais feministas, apontando para desigualdades de gênero e problemas sociais. Em 1979, no Brasil, começaram a ser criadas políticas de enfrentamento da violência contra mulher através da *Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher*, estabelecidas em um tratado internacional. Antes disso, homens envolvidos em casos de violência contra a mulher eram inocentados devido ao argumento legal de defesa da própria honra (Hauber, 2020). Atualmente, é considerado crime a omissão ou o silenciamento diante da violência doméstica, conforme o artigo 5º da Lei nº 11.340.

Art. 5: Para os efeitos desta Lei, configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial. (Lei nº 11.340/2006)

A nomenclatura feminicídio é uma política de continuidade a essa Convenção e também da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340), importante instrumento que busca desenvolver mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Apesar da luta histórica, o feminicídio é ainda fortemente presente na cultura brasileira. O país registrou 1.437 feminicídios no ano de 2022, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023).

Com a violência contra mulher ainda tão presente, foi sancionada em 2015 a Lei do Feminicídio (Lei nº 13.104/15), que busca combater o assassinato de mulheres apenas por serem mulheres. É considerado feminicídio quando o assassinato envolve violência doméstica e familiar, menosprezo ou discriminação à condição de mulher da vítima. A lei estabeleceu o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio e adicionou o crime à lista de crimes hediondos. A tipificação desse crime é essencial para “reconhecer, no arcabouço legislativo estatal, que mulheres estão morrendo pela simples razão de serem mulheres” (Roichman, 2020, p. 359).

As mídias têm poder regulatório de ensinar, de maneira rotineira, de quais vidas devemos nos compadecer, ao utilizar mecanismos que organizam as pessoas que devem ser vistas e como devem ser vistas (Butler, 2015). Há, segundo Butler, uma distribuição desigualitária da condição de sujeita/o no enquadramento midiático de certas vidas. Sendo assim, a criação da nomenclatura feminicídio e a adoção do termo no enquadramento midiático são importantes ferramentas para combater a invisibilização da violência contra a mulher.

Apesar da relevância da tipificação, Hauber (2020) observou comentários na página de Facebook do jornal O Globo de reportagens sobre o tema que o uso do termo feminicídio incomoda mais que a própria violência contra a mulher relatada na publicação, especialmente os homens. Segundo Hauber, as mulheres costumavam defender a tipificação do crime, enquanto os homens questionam a necessidade dessa diferenciação. Infelizmente, os crimes relacionados ao feminicídio são associados à natureza doméstica, e não à um problema social, o que pode ser bastante nocivo:

tratar os crimes como passionais e como algo relativo à esfera privada também favorece a ideia de que a mulher teria certa responsabilidade, que poderia, de alguma forma, impedir esse tipo crime, por exemplo, tomando mais cuidado ao escolher seus companheiros, como alguns comentários nos *posts* sugerem. (Hauber, 2020, p. 21)

Na análise dos comentários dos *posts*, Hauber (2020) identificou que algumas pessoas culpabilizam a mulher por não saber escolher companheiros, nem diferenciar “homem” de “marginal”.

4

Metodologia: corporeidade feminina e discurso

Toda vez que uma mulher se defende, sem nem perceber que isso é possível, sem qualquer pretensão, ela defende todas as mulheres.

(Maya Angelou)

A Análise do Discurso compreende o discurso como linguagem em curso, um instrumento de comunicação em constante atividade (Manhães, 2006). A/o sujeita/o tem agência na elaboração de um discurso, porque, em termos práticos, se apropria da linguagem — dos seus códigos, protocolos e conteúdos — para classificar, ordenar e comunicar sua visão de mundo. Nesta perspectiva, a linguagem, portanto, é prática social e está embutida na interação (Magalhães, 2005). Para esta pesquisa, me inspiro na descrição da metodologia de Dominique Maingueneau, que compreende a Análise de Discurso como um estudo não apenas de enunciados, mas o modo pelo qual os enunciados são atividades inseridas na interação social (Schiffrin *apud* Maingueneau, 2007), mais do que uma sequência de unidades linguísticas. Maingueneau destaca a dimensão interativa do discurso, optando pelo termo “coenunciador” para se referir às/aos interlocutoras/es. Com isso, o linguista considera que a/o destinatária/o não é passiva/o no processo de enunciação (Maingueneau, 2004).

Todo discurso está também contido em um interdiscurso. É possível perceber isso nos relatos apresentados pelas entrevistadas que fazem alusão a discursos de influenciadoras/es digitais, revistas e veículos de maneira geral, discursos publicitários, entre outros. Ao estudar as revistas femininas, por exemplo, Braga identificou que essas mídias constroem e ofertam sentidos sobre os corpos femininos através de um discurso que traz aspectos da lógica do sistema social dentro do qual foi gerado, como o discurso médico e o jornalístico. É possível encontrar, nos discursos dessas revistas, lógicas de mercado, saberes especializados e relações históricas de poder (Braga, 2016).

Para além das mídias, o discurso está presente no cotidiano na interação social através da narração de histórias. O ato de contar histórias é defendido por diversas/os autoras/es como uma prática de entendimento da vida social, em que

“os indivíduos organizam suas experiências de vida e constroem sentido sobre si mesmos” (Bastos & Biar, 2015, p. 98). O próprio ato de falar, segundo Gumperz, corresponde a um processo contínuo de negociação entre emissão e recepção. Em suas palavras:

Falar, sob uma perspectiva prática, não é apenas uma questão de indivíduos que codificam e decodificam mensagens. Interagir, como os analistas da conversa têm demonstrado, é engajar-se em um processo contínuo de negociação, tanto para inferir o que os outros querem dizer quanto para monitorar como as próprias contribuições são recebidas. (Gumperz, 2002, p. 80)

Sendo assim, pesquisas sobre o tema contribuem para o entendimento da interação social contemporânea. Esta dissertação se beneficiou fortemente dos trabalhos da chamada microsociologia, que compreende que as ações individuais criam a vida social, em diálogo com Goffman (1982; 1976; 2014) e Gumperz (2002).

O discurso como linguagem em curso baseia-se também na performance. Durante um encontro social, as pessoas compartilham de um conhecimento para além da linguagem e da fala, que se relaciona com o que pode — ou não — ser falado, para quem e quando (Bastos & Biar, 2015). Conforme mencionado anteriormente, a interação social é baseada no monitoramento mútuo e no gerenciamento da apresentação de si. As pessoas têm capacidade ativa de interpretar símbolos e, como uma/um atriz/ator em um palco de teatro, desempenham um papel com o objetivo de gerenciar sua imagem (Goffman, 2014). Questões como essa foram discutidas também por Butler (2018), que descreve o corpo como uma construção discursiva e performativa. Para a filósofa, o gênero corresponde a uma performance identitária construída pela — e na — linguagem, sendo que performance se refere diretamente à ação: ao agir de determinada forma, a pessoa expressa o gênero que apresenta ao mundo.

Dito isto, em termos práticos, a Análise do Discurso busca identificar e descrever os elementos formadores do discurso. A metodologia compreende que todo discurso deixa marcas que possibilitam identificar a posição da/o emissora/emissor e o modo de construção, como indicadores de pessoa, de tempo e de espaço. Os indicadores de pessoa são expressos através de pronomes que auxiliam na análise de posições e papéis decorrentes dos atos de linguagem. Já os

indicadores de tempo e de espaço, através de advérbios e demais operadores discursivos, como a própria ideia de passado, presente e futuro (Manhães, 2006).

Em relação aos dados desta pesquisa, em alguns trechos das transcrições, as participantes utilizaram pronomes na terceira pessoa do plural para descrever seus seios e seus corpos, referindo-se a esta parte do corpo como algo alheio (“ele” e “eles”), e não parte de si mesmas, conforme os exemplos descritos abaixo:

No decorrer da cicatrização, eu percebi que um continuava maior que o outro ainda. E, com o passar do tempo, **ele cedeu, ficou** caído. (Trecho da entrevista 7 realizada em 17/09/2020)

Mas, depois que fiz 30, comecei a prestar bastante atenção na mudança **deles**. (Trecho da entrevista 10 realizada em 22/10/2020)

Eles não eram da maneira como gostaria que fossem: achava a auréola grande, meu peito pequeno, um pouco caído. (Trecho da entrevista 13 realizada em 12/02/2021)

No trecho destacado abaixo, a entrevistada também descreve seus seios como alheios ao próprio corpo, além de estabelecer uma rivalidade e deslocamento entre os seios e si (“deles” e “eu”), promovida pelo uso do sutiã.

O sutiã tava ali pra modificar essa minha parte do corpo, seu tamanho e formato. Não eram os meus seios que estavam ali. Era uma cobertura modificando totalmente a **aparência deles e quem eu era**. (Trecho da entrevista 12 realizada em 01/11/2020)

Segundo Manhães (2006), o discurso é baseado em duas instâncias: acional e conversacional. A mensagem precisa ser inteligível pela esfera da emissão e da recepção para que haja comunicação. Apesar da subjetividade da/o falante, o discurso para que seja compreendido na interação social tem sua significação construída a partir de pressupostos e de implícitos, processos interlocutivos relacionados ao cenário conversacional que são demonstrados através fala, com neologismos e gírias, e também através de silêncios, reticências e gestos (Manhães, 2006).

Toda comunicação é uma ação simbólica e social (Manhães, 2006). Ou seja, ao falarem, as/os emissoras/es realizam atos de fala, ações que correspondem ao uso do sistema linguístico propriamente, mas também à representação de

papéis sociais. A/o interlocutora/interlocutor se apropria da linguagem para explicar, pedir, negociar a partir do seu ponto de vista. O discurso é ideológico, sempre carrega um ponto de vista, visando um objetivo.

A proposta da Análise do Discurso é, portanto, desmontar o enunciado com o objetivo de compreender como esse discurso foi construído, buscando por indicadores de pessoa, de tempo e de espaço para analisar quem fala, e de que ponto de vista vem aquela mensagem. É do interesse da/o analista do discurso identificar e descrever padrões comunicacionais que indiquem o ponto de vista da/o falante, além de desmontar o discurso com a finalidade de analisar os componentes que o compõe.

Em termos históricos, é importante pontuar que a Análise do Discurso não se restringe à linguística e também está presente em estudos das Ciências Sociais (Maingueneau, 2007). A metodologia teve grandes inspiradores linguistas nos anos 60, mas também antropólogos (Hymes, 1978), sociólogos (Garfinkel, 1967; Sacks *et al*, 1974) e filósofos (Pêcheux, 1969; Foucault, 1970). Para Rodrigues & Braga (2014), é possível agrupar as diversas definições de Análise do Discurso em três abordagens: 1ª) a partir de um viés estruturalista, compreende-se que o discurso é qualquer conjunto de expressões da linguagem natural que compreenda duas ou mais orações, sendo a linguagem uma competência orgânica e independente das pessoas; 2ª) a partir de uma abordagem pragmática, o discurso é definido como o uso que os seres humanos fazem da linguagem natural. Essa definição pressupõe que a linguagem resulta de comportamentos que ocorrem na interação social; 3ª) a partir do entendimento de que o discurso corresponde a qualquer manifestação ou expressão, seja verbal ou não, de uma prática social. Essa compreensão amplia o âmbito da noção de discurso ao descrever como discurso qualquer manifestação de comportamentos e práticas sociais, não se restringindo a expressões ou comportamentos verbais e prosódicos. (Rodrigues & Braga, 2014)

A terceira definição do discurso tem inspiração nas obras de Norman Fairclough e Michel Foucault (Rodrigues & Braga, 2014). Foi a partir desta perspectiva que surgiu a Análise do Discurso Crítica. Segundo Magalhães (2005), um grupo de pesquisadoras/es desenvolveu uma abordagem de estudo da linguagem conhecida como linguística crítica (LC) na década de 1970, na Universidade de East Anglia, na Grã-Bretanha. A linha de estudo foi consolidada

nove anos depois na publicação do livro *Language and Control* em 1979, obra que teve repercussão entre linguistas e pesquisadores da linguagem interessados na relação entre o estudo textual e nos conceitos poder e ideologia.

A aplicação da Análise do Discurso é bastante heterogênea e conta com diversos desdobramentos, como Análise do Discurso (Fairclough, 1993; Foucault; 1970; Maingueneau, 2004, 2007; Pêcheux, 1969), Análise da Conversa (Marcuschi, 2007; Ostermann & Oliveira, 2015; Sacks *et al*, 1974; Watson & Gastaldo, 2015), Sociolinguística Interacional (Bateson, 1972; Erickson, 1987; Goffman, 1976, 1982, 2014; Gumperz, 1982; Hymes, 1978), Análise de Narrativa (Bastos & Biar, 2015; Labov, 1972), Análise de Categorizações de Pertencimento (Braga & Gastaldo, 2017), entre outros.

A presente pesquisa se aproxima do que Braga & Rodrigues (2014) chamaram de “abordagem etnometodológica do discurso”, que tem como pilar a busca pela observação de fenômenos, suspendendo as concepções da/o pesquisadora/pesquisador. Como esclarecem Braga & Rodrigues,

Autores/as que estudam o discurso do ponto de vista etnometodológico não negam que exista uma estrutura linguística nem a natureza inata do dispositivo da linguagem; apenas suspendem a aceitação destes pressupostos, em vez de confiarem na introspecção do/a pesquisador/a, preferindo adotar como princípio a observação da maneira como as pessoas se comportam quando interagem entre elas. (Braga & Rodrigues, 2014, p. 122)

O material empírico constituinte do *corpus* desta pesquisa se compõe de transcrições de 17 entrevistas com mulheres. As entrevistas foram publicadas inicialmente no perfil da rede social Instagram do *Peitos de Fora*. Criada em 2020, a página do projeto tem como objetivo compartilhar histórias de vida de mulheres anônimas em relação aos seus corpos, especificamente os seios. As publicações são acompanhadas de aquarelas pintadas pela autora que retratam os seios das entrevistadas. Os relatos, obtidos entre maio de 2020 e março de 2021, foram reunidos por meio de entrevistas face a face e *on-line*, em que o áudio da entrevista foi gravado por meio de um aplicativo com a anuência das participantes. A ferramenta funcionava como um gravador de áudio, instalada no

meu celular, em busca de mais segurança e com o objetivo de poder retornar ao material quando necessário.

Os dados foram coletados a partir de entrevistas em profundidade que tomaram como ponto de partida a seguinte pergunta: qual a relação da coenunciadora com seus próprios seios. Durante a entrevista, a participante posava nua para a realização do esboço do desenho. Foi utilizado um padrão de enquadramento frontal que centraliza os seios nas aquarelas. Dias após a entrevista, o desenho era aquarelado, e o material enviado para apreciação e autorização da mulher em questão antes da publicação no Instagram. A entrevista em profundidade, que durou em média 40 minutos, foi o formato escolhido por facilitar que a participante tivesse autonomia para narrar sua história à sua maneira. É importante esclarecer que poucas alterações foram feitas nas falas, apenas alguns ajustes para proteger as identidades das participantes.

Ao todo, foram realizadas 17 entrevistas. Boa parte delas aconteceu através de encontros *on-line* realizados por meio de *softwares* de conferência, como *Zoom* e *Google Meet*. Como o projeto nasceu durante a pandemia de Covid-19, a realização das entrevistas por meio de plataformas digitais foi fundamental. Algumas das mulheres entrevistadas moravam em estados brasileiros variados, como São Paulo, Bahia e Minas Gerais, e também em países diferentes (Portugal), enquanto eu resido no Rio de Janeiro, no Brasil. Sendo assim, o uso de plataformas digitais, nesses casos, contribuiu bastante para a realização das atividades do projeto.

As mulheres entrevistadas chegaram à conta do *Peitos de Fora*, após o projeto ser mencionado em dois perfis de maior popularidade, *Movimento Corpo Livre* e *Revista TPM*. Contudo, algumas entrevistas foram feitas presencialmente, em especial com mulheres que me conheciam e se interessaram pelo projeto. Algumas participantes foram amigas próximas e, nesses casos, boa parte das entrevistas foram presenciais. Todas as entrevistas obedeceram o mesmo padrão de profundidade, enquadramento frontal que centraliza os seios na imagem e técnica de pintura. Todas as entrevistadas autorizaram o uso do material também para esta dissertação.

É interessante observar que o circuito das contas do Instagram (*Peitos de Fora*, *Revista TPM* e *Movimento Corpo Livre*) — mídias por onde circularam a chamada e de onde vieram as voluntárias para o projeto — atraiu 17 entrevistadas,

apenas uma negra. Isso aponta para uma segmentação de classe, raça, dentro das próprias mídias, refletida nos resultados deste trabalho.

Além disso, mesmo escolhendo o enquadramento frontal como padrão, é possível identificar que as aquarelas são diferentes, em especial no que tange as proporções do desenho dos seios. O tamanho da ilustração buscou refletir a própria relação que estabeleci com a entrevistada, com quem me relacionei em uma situação sensível e íntima. Uma participante mais tímida, por exemplo, foi representada por meio de um desenho menor em comparação com as demais para transmitir um pouco da personalidade da mulher durante a entrevista.

As entrevistas foram transcritas e armazenadas no Google Docs. Para a pesquisa, foram feitas diversas leituras das 17 transcrições com o objetivo de identificar recorrências e padrões nos discursos. Até chegar na estipulação de categorias analíticas detalhadas no capítulo a seguir, foram realizados três processos de sistematização do material. Em um primeiro momento, as ocorrências e recorrências encontradas no *corpus* possibilitaram a identificação de 23 padrões temáticos. São eles: envelhecimento, família, insatisfação, amamentação, medo, dor, mídias, silicone, pêlos, cicatrizes, sutiãs, estrias, seios estigmatizados, culpa, angústia, aceitação, hormônio, infância e adolescência, militância, assédio, prazer sexual, julgamento e vergonha.

Já em uma segunda organização dos dados, foi possível identificar padrões complementares ou similares. Assim, foram aglutinados tais padrões, que permitiram a estipulação de 3 categorias analíticas. A mais relevante — ou seja, a que teve o maior número de recorrências — foi a que denominamos “Homens geralmente olham com cobiça”: seios, família, saúde e sociedade. Nesta categoria, foram analisados trechos das transcrições sobre características físicas herdadas de gerações anteriores, aspectos e influências familiares, estigmas, “seios fora do padrão”, assédio, doenças e autoaceitação. A relação com o corpo em diferentes fases de vida, da infância à vida adulta também foi examinada. A adolescência foi um período de destaque nos dados, sendo associada em especial à expectativa do desenvolvimento dos seios e a necessidade de “se moldar” às expectativas sociais.

A segunda categoria estipulada foi denominada “Nunca amei meus peitos”: o mal estar na corporeidade feminina, em que foram observados trechos que mencionam sentimentos e emoções no que tange seus seios, como medo, ansiedade, (in)satisfação e preocupação. Fragmentos das transcrições sobre marcas do envelhecimento no corpo, em especial nos seios, também foram encontrados no material.

Por fim, na terceira categoria denominada “Eu adorava ver Dr. Hollywood”: mídias e imperialismo corporal, foram identificados e examinados excertos das entrevistas sobre a relação entre as participantes com mídias de diferentes formatos, como revistas físicas (*Capricho*, *Playboy* e *Glamour*), séries de TV (*Dr. Hollywood*), *influencers* digitais (Gabi Puglise, Isabella Trad, Thais Carla, Bianca Barroca e Ray Neon) e bandas internacionais, como *Spice Girls*.

É importante pontuar que a estipulação de categorias é sempre um desafio: elas se sobrepõe, nem sempre são excludentes e não descrevem a totalidade do fenômeno. Assim, é possível identificar o mesmo trecho de entrevista usado como exemplo de duas ou três categorias diferentes. Adicionalmente, as recorrências observadas em cada padrão em particular evidenciam a relevância de cada categoria analítica no *corpus* da pesquisa. Nos títulos das categorias, foram utilizados termos êmicos, extraídos do próprio material em análise. No capítulo a seguir, passaremos a interpretação dos dados.

Peitos de fora: sociedade, corpo e mídias

O corpo das outras mulheres não é nosso campo de batalha.

(Rupi Kaur, 2017)

Neste capítulo, detalhamos a análise dos dados e apresentamos as aquarelas realizadas durante as entrevistas abaixo das transcrições. Após a sistematização dos dados, foram estipuladas três categorias analíticas: a. “Homens geralmente olham com cobiça”: seios, família, saúde e sociedade; b. “Nunca amei meus peitos”: o mal estar na corporeidade feminina e c. “Eu adorava ver Dr. Hollywood”: mídias e imperialismo corporal.

A categoria analítica que apareceu com mais recorrência foi “Homens geralmente olham com cobiça”: seios, família, saúde e sociedade, em que foram analisados estigmas nos corpos femininos, como a presença de pêlos e seios “fora do padrão”, e episódios de críticas e coerção social. Foram observados também padrões sobre a relação entre os familiares da participante e seu corpo. A segunda categoria estipulada a partir da quantidade de recorrência foi “Nunca amei meus peitos”: o mal estar na corporeidade feminina, em que foram examinados relatos sobre como as coenunciadoras atribuem sentido às marcas de envelhecimento. As emoções citadas pelas participantes em relação aos seus próprios corpos também foram observadas neste conjunto de dados. Por fim, a terceira categoria estipulada, que foi a de menor recorrência, foi “Eu adorava ver Dr. Hollywood”: mídias e imperialismo corporal. Ficou evidente a forte presença norte-americana nas transcrições das mulheres entrevistadas que mencionaram diretamente mídias estrangeiras, como *Dr. Hollywood* e *Playboy*, e a banda britânica *Spice Girls*. Após este breve resumo das categorias analíticas estipuladas, passo então à descrevê-las.

a. **“Homens geralmente olham com cobiça”**: seios, família, saúde e sociedade

A categoria analítica com maior recorrência nos dados é a que denominamos “Homens geralmente olham com cobiça”: seios, família, saúde e sociedade”. Neste conjunto, foram observados padrões nas transcrições das mulheres entrevistadas sobre a relação com esta parte do corpo em diferentes fases da vida (infância, adolescência e vida adulta). A adolescência foi um período de destaque no material, sendo associada à expectativa de desenvolvimento dos seios. Além disso, a família, em particular figuras femininas — avó e mãe —, foram mencionadas em alguns trechos das coenunciadoras associadas a episódios de críticas e coerção social sobre seus corpos. Ainda sobre esta relação familiar-corpo, as entrevistadas citaram características físicas que são herdadas de gerações passadas. Essa categoria analítica também trata de estigmas nos corpos femininos, como a presença de pêlos e seios “fora do padrão”, assuntos que foram abordados em pesquisas prévias (Braga, 2002, 2016).

Como mencionado no capítulo 2. *Os seios na cultura*, esta parte do corpo feminino recebe diversas conotações, do tabu do seio materno à sexualidade. Mais do que isso, existe uma coerção social para que os corpos femininos sejam manipulados e retocados para serem “aceitos” socialmente. Há uma expectativa social de que os corpos femininos sejam depilados, sendo os pêlos muitas vezes criticados por serem associados à falta de cuidado da mulher, como cita a entrevistada abaixo. As mulheres que negam a prática da depilação são estigmatizadas, como os dados desta pesquisa demonstram.

Tenho um vestido de flores que mostra essa parte do colo e dá para ver os pêlos. **As pessoas reparam. Percebo uns olhares.** Já vi pessoas **me olhando estranho** no trabalho. Se fosse algo aceito, eu me sentiria mais confortável. Me incomodo mais pela interpretação das pessoas. Elas sempre acham que você é uma **mulher desleixada por ter pêlos**. Eu me sentiria mais confortável com meu corpo se o colo fosse liso. (Trecho da entrevista 6 realizada em 25/08/2020)

Figura 3 - Aquarela da entrevistada 6



Fonte: Peitos de Fora

Por outro lado, a coenunciadora abaixo exhibe os pêlos nas axilas como forma de “defesa” do assédio masculino (“O olhar muda completamente”). Ou seja, aquilo que torna aquele corpo estigmatizado e "fora do padrão" é utilizado pela participante como uma ferramenta de “defesa”.

Tenho peito grande, com bico aparente e fico sem sutiã. (...) Uso blusas com detalhes na parte dos seios, que eu mesma desenho. Isso gera reações. **Homens geralmente olham com cobiça. Eu tenho uma defesa ótima: dou uma ajeitada no cabelo e mostro as axilas com pêlos.** O olhar muda completamente. As mulheres olham incomodadas. (Trecho da entrevista 14 realizada em 19/03/2021)

Figura 4 - Aquarela da entrevistada 14



Fonte: Peitos de Fora

Tal perspectiva já havia sido observada por Seffner (1995) em sua pesquisa sobre pessoas soropositivas. Segundo o autor, “se o indivíduo percebe que tem no corpo algo que pode causar mal a outros, isso pode virar uma possibilidade de defesa.” (Seffner, 1995, p. 410). Seffner observou que, em contextos específicos, era conferido poder a esses corpos estigmatizados por serem portadores do vírus HIV. Segundo as/os entrevistadas/os da sua pesquisa, esses fluidos poderiam ser utilizados como mecanismo de defesa em situações de risco para contaminar quem ameaçasse a integridade física da/o estigmatizada/o.

No caso da participante desta pesquisa, o excesso de pêlos foi considerado também sintoma de um distúrbio na tireóide, mesmo em um caso em que a mulher tinha, em sua família, esse característica presente nos corpos da avó e da mãe. Ao se referir sobre seus pêlos, a entrevistada 6 demarca que a característica é genética (“minha mãe tem”, “minha avó também”):

Eu tenho esses aqui no colo. **Minha mãe tem** pêlos no mesmo lugar, **minha avó também.** (Trecho da entrevista 6 realizada em 25/08/2020)

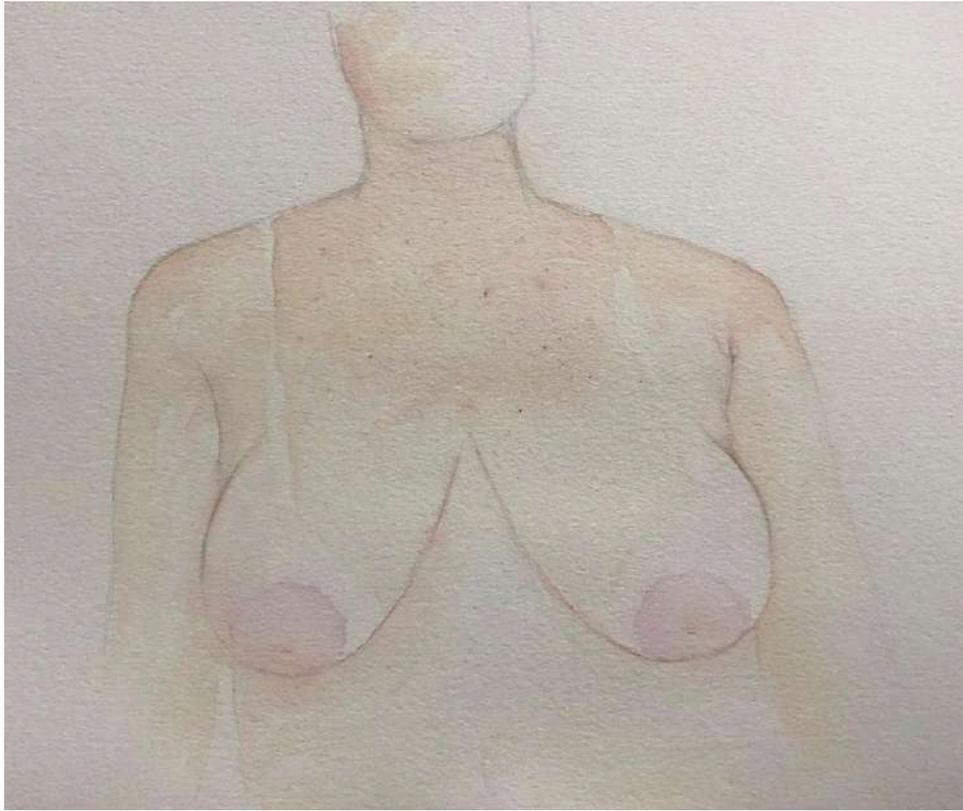
A presença dos pêlos foi motivo de preocupação com sua saúde física, mesmo sendo a única característica mencionada do suposto “problema”. A coenunciadora considerava que a “barriga peluda” e a presença de pêlos em outras partes do corpo “não era normal”, sendo necessário verificar através de exame médico o status da saúde física do seu corpo, feitos há alguns anos (“desde os 16”), sendo que a entrevistada tem por volta de 28. Ou seja, o significado do que seja normalidade associa-se à cultura e à noção de um padrão-estético específico que orienta que as mulheres, para serem bonitas, deveriam ter corpos lisos, sem pêlos. A própria ideia de saúde é questionada pela participante por apresentar “barriga peluda” e “pêlos no colo”.

Eu achei que tava com problema na tireoide por conta dos pêlos. Fiz exame, mas não deu nada. Desde os 16, eu faço exame, porque minha barriga é muito peluda. Eu pensava que **aquilo não era normal. (...)**. Agora eu tô tentando aceitar um pouco mais. Mas os pêlos no colo ainda me incomodam. **Como não estou saindo de casa, fico menos preocupada.** (Trecho da entrevista 6 realizada em 25/08/2020)

A entrevistada 16 também demonstrou ter “preocupação” e “incômodo” com sua saúde por ter uma anatomia que considerava diferente do “padrão”: mamilos invertidos (“o meu mamilo é para dentro”), recorrendo, como a coenunciadora 6, a médicos para se certificar que seus seios não tinham nenhum problema.

Meus peitos cresceram muito naturalmente com o desenvolvimento do meu corpo. Não foi uma coisa de uma hora pra outra. Mas **o meu mamilo é para dentro, o biquinho dele.** Isso me **incomodava**, me deixava **preocupada**. Eu via o peito de todas as amigas com bico pra fora, não conhecia ninguém com peito assim como o meu. **Achava que tava errado, que era um problema do meu peito. Eu fui a vários médicos** na época. A resposta deles era sempre: fica tranquila, quando você for amamentar, o bebê puxa. (Trecho da entrevista 16 realizada em 02/07/2020)

Figura 5 - Aquarela da entrevistada 16



Fonte: Peitos de Fora

A questão social também é mencionada no trecho da coenunciadora 6 como motivo de preocupação do julgamento alheio sobre a presença de “pêlos” em seu corpo (“Como não estou saindo de casa, fico meus preocupada”). O corpo feminino, conforme mencionado anteriormente, é um "corpo-para-o-outro" (Bourdieu, 2002), que "precisaria" de cuidados e tratamentos, como a depilação, antes de ser exposto socialmente. Na transcrição, fica claro que a preocupação sobre a exibição desses pêlos diz respeito à proteção contra o julgamento alheio em espaços públicos. Sendo assim, existe um padrão-estético que é compartilhado coletivamente entre a sociedade em relação às mulheres.

As estrias são definidas por algumas participantes como "horríveis", algo que "precisava" ser removido do corpo feminino ("a gente precisava tirar"), conforme menciona a coenunciadora abaixo.

Quando tinha 12 anos, surgiram algumas estrias nos seios. A **minha mãe falava que era horrível** e que a **gente precisava tirar** enquanto elas ainda estavam se formando. Ela me levou na dermatologista e **fiz vários tratamentos** com um ácido superforte. (Trecho da entrevista 11 realizada em 27/10/2020)

Figura 6 - Aquarela da entrevistada 11



Fonte: Peitos de Fora

A família reforça a manutenção do "corpo perfeito", orientando às participantes sobre quais características seus corpos e seus seios "deveriam ter". No caso da entrevistada 6, a mulher foi ensinada pela avó materna que seu colo "não deveria ter pêlos". No exemplo abaixo, a coenunciadora 11 menciona sua mãe como alguém que definiu que era necessário "tirar suas estrias", quando tinha 12 anos. Dessa forma, é no âmbito familiar das mulheres entrevistadas que muitas vezes ocorrem episódios de coerção social sobre os corpos femininos, na infância e na adolescência, conforme indicado no trecho da entrevista abaixo.

Hoje, eu gosto dos meus peitos, mas não foi sempre assim. **Desde criança, fui ensinada a me importar com eles.** (Trecho da entrevista 11 realizada em 27/10/2020)

Essa coerção feita pelas famílias das entrevistadas, conforme mencionado nos trechos das entrevistas 6 e 11 em especial, foi feita porque essas pessoas reproduziram cobranças e convenções sociais sobre os corpos femininos, ensinadas anteriormente a elas também. Esse processo de monitoramento e

opressão sobre os corpos femininos é histórico. Essas pessoas não são as idealizadoras dessas normas sociais. Por outro lado, a família também apareceu no material como "apoio" em um contexto específico, em que a filha elogia a mãe, quando ela se mostra "insatisfeita" em relação ao próprio corpo.

Fico observando de fora e tenho a sensação de que minha filha Anita tem **mais autoestima** que eu nessa época. Eu comecei a engordar com 8, que é a idade que ela tem hoje. Ela também tem passado por esse processo de engordar. **Mas, diferente de mim, é bem resolvida.** Das vezes que ela me viu em um momento mais insatisfeita reclamando do meu corpo, ela sempre tenta me levar para um caminho contrário: “**nada a ver, minha mãe, pare com isso. Você é linda!**” Eu sinto ela como um **apoio**, uma **amiga**. (Entrevista 10)

Figura 7 - Aquarela da entrevistada 10



Fonte: Peitos de Fora

A complexidade da relação entre mãe e filha já havia sido observada por Simone de Beauvoir. Segundo a filósofa, a mãe impõe à filha seu próprio destino, almejando integrá-la no chamado “mundo feminino”, ao mesmo tempo em que se ressentida da sua situação social — a maioria das mulheres compartilha desse sentimento. Apesar disso, meninas e meninos são educados de maneira distinta.

Na educação das meninas, as mães reivindicam sua própria feminilidade, buscando transformá-la em uma “mulher de verdade”, semelhante a si própria. (Beauvoir, 1949).

Além disso, no trecho da entrevista 10, a coenunciadora menciona que a questão corporal para ela é algo a ser "resolvida", citando em oposição sua filha que “diferente de mim, é bem resolvida”. A relação com seu próprio corpo é colocada pela participante como "problemática" e que deve ser resolvida, sendo a solução para tal o desenvolvimento da "autoestima".

O corpo é memória do que foi experienciado pela pessoa (Clastres, 1978). O corpo também é memória familiar e conta com uma materialidade que pode ser compartilhada com gerações anteriores, em que há a transmissão de características físicas. Os pêlos, mencionados pela coenunciadora 6, são característicos no corpo da sua mãe e no da sua avó. Há também o caso da entrevistada 2, em que o corpo também carrega memória. Seus seios são “grandes” como os da avó. Ela reforça que foi a única integrante da família a herdar essa característica física (“aqui em casa ninguém tem: nem minha mãe, nem minha irmã”)

Toda vez que falo do meu peito, eu lembro da minha avó Cleusa. Ela tinha os peitos grandes e aqui em casa ninguém tem: nem minha mãe, nem minha irmã. Era muito maior do que o normal. Achava diferente e aquilo dali me gerava curiosidade. **Era algo bem inocente.** Eu sempre brincava, ficava apertando e dizia: “mas é tão grande!” Ela acabava brincando de volta e dizia: “ah, um dia você vai ter o peito do tamanho do meu”. E aí, né? **Aconteceu** depois que eu fiquei mais velha. Eu devia ter uns 8, 7 anos. Era criança mesmo. Eu falo que é **praga de vó. Mas praga sem ser coisa ruim, né?** (Trecho da entrevistada 2 realizada em 12/06/2020)

Figura 8 - Aquarela da entrevistada 2



Fonte: Peitos de Fora

Os seios grandes aparecem algumas vezes no material como uma característica desejada em diferentes fases da vida. Na infância, como no caso acima da entrevistada 2, é comum as mulheres demonstrarem que a observação sobre o seio grande não carrega caráter sexual, é “bem inocente”. No exemplo abaixo, a coenunciadora demonstra a vontade de ter seios grandes quando criança mesmo que, para isso, precise “chupar limão”, reforçando que sua criação era “boba”.

Eu sou do interior. Era muito **boba minha criação**. Todo mundo falava: vamos **chupar limão**, porque **faz o peito crescer**. Aí a gente chupava limão. (Trecho da entrevista 3 realizada em 16/06/2020)

Figura 9 - Aquarela da entrevistada 3



Fonte: Peitos de Fora

O desejo por seios grandes foi mencionado por outras coenunciadoras, principalmente durante a adolescência. Além disso, esta parte do corpo feminino pode ser bastante significativa para a identidade da mulher (“representou a feminilidade”), como é possível observar no exemplo abaixo:

O seio, para mim, sempre **representou a feminilidade. Na adolescência, não via a hora deles se desenvolverem para me sentir feminina.** (Trecho da entrevista 13 realizada em 12/02/2021)

Figura 10 - Aquarela da entrevistada 13



Fonte: Peitos de Fora

Por outro lado, o desejo por seios maiores é associado à insatisfação por outra entrevistada também na adolescência. Fica implícito que a coenunciadora julgava seu desenvolvimento corporal ao se comparar com o corpo de outras meninas de mesma idade.

O tamanho dos meus seios sempre me incomodou. Durante a **adolescência, eu percebia diferença entre o desenvolvimento do meu corpo e dos outros.** (Trecho da entrevista 12 realizada em 01/11/2020)

Figura 11 - Aquarela da entrevistada 12



Fonte: Peitos de Fora

A comparação com os “outros” também foi observada na entrevista de outra participante. Neste trecho abaixo, os outros são “amigas”.

Lembro de uma viagem para Praia Seca com três amigas. Lembro daquela coisa de trocar a roupa todo mundo junto, e eu olhar discretamente para **ter certeza que só o meu peito era diferente**. (Trecho da entrevista 16 realizada em 02/07/2020)

Nos dois trechos destacados, nota-se que as coenunciadoras, ao se compararem, concluem que seus corpos são “diferentes” dos outros, que há algo de “diferente” na anatomia e no desenvolvimento de seus seios.

As participantes resgatam histórias sobre diferentes fases da vida do corpo, sendo a adolescência um dos períodos mais citados. Para a entrevistada 14, é nesta fase que as mulheres sentiam que deveriam se “moldar” às normas e convenções sociais. No seu caso, a coenunciadora costumava vestir um sutiã desconfortável para “melhorar” a apresentação dessa parte do corpo (“apertando e juntando os peitos”).

A **adolescência** é uma fase tão **ridícula**. Você sente que deve se **moldar**. Eu usava sutiã apertando e juntando os peitos. (Trecho da entrevista 14 realizada em 19/03/2021)

Em outro exemplo, a coenunciadora 11 relata que, na vida adulta (“21 anos”), parou de tomar anticoncepcional, o que modificou o formato dos seus seios, deixando-os menores (“diminuindo”) e flácidos (“molinhos”). Mas a participante considerou retornar ao uso do anticoncepcional para “não deixar de ter um peito que costumava receber elogios”. Ou seja, os seios grandes eram valorizados, recebiam “elogios”, o que evidencia também que as mulheres são sujeitas a comentários, elogios e críticas sobre seus corpos também se estão alinhadas ao “padrão de beleza”.

Com 21 anos, eu parei de tomar anticoncepcional. Tinha um **peitão, enorme, redondão**. Mas logo quando parei de tomar hormônio, teve uma mudança brusca. Os meus peitos sumiram: **diminuíram**, ficaram mais **molinhos**. Não queria de jeito nenhum hormônio no meu corpo, mas **considereei voltar a tomar só para não deixar de ter um peito que costumava receber elogios**. Fiquei **lutando** contra essa nova imagem que estava **mais longe de uma padrão que estava na minha cabeça**. (Trecho da entrevista 11 realizada em 27/10/2020)

No final do excerto, a entrevista utiliza o verbo “lutar” para dar sentido à nova apresentação dos seus seios e indica que essa “nova imagem mais longe de um padrão” estava na sua “cabeça”. É possível observar que as mulheres se culpabilizam sobre um padrão-estético que não foi criado por elas, mas sim pela sociedade. Em suas narrativas, a autoaceitação surge como uma nova demanda que a própria mulher precisa solucionar, e não a sociedade, conforme sinalizado nos destaques dos trechos abaixo:

Acho que isso acontece porque o peito é uma parte supervalorizada. Isso tem muito a ver com a coisa da beleza que é imposta para a gente e **é algo que eu tenho que trabalhar muito**. (Trecho da entrevista 2 realizada em 03/06/2020)

Ressignifiquei essa falta de apreciação por mim mesma. Não sei se não tivesse colocado o silicone se eu teria questões de autoestima. Mas luto para que outras não passem por isso. A beleza não tá mais ligada ao físico. Vejo beleza na coragem, na minha determinação em levar isso adiante. **Ainda é um caminho a se percorrer: encontrar beleza na imperfeição**. Mas hoje a encontro no que tenho como pessoa. Nunca me importei com a cicatriz: optar pela saúde e pelo meu bem estar é um ato de nobreza. (Trecho da entrevista 7 realizada em 17/09/2020)

Figura 12 - Aquarela da entrevistada 7



Fonte: Peitos de Fora

Hoje, com 32, tento não ficar meu autoflagelando. **Não posso cair nessa cilada da perfeição, desse corpo eternamente jovem** (...) Tenho algumas feridas de autoimagem que vem da minha infância, porque fui gordinha na pré-adolescência. Isso acabou respingando na minha relação com meu corpo até hoje. (Trecho da entrevista 10 realizada em 22/10/2020)

Ainda estou me descobrindo e sei que levarei um bom tempo para explorar todas as minhas arestas. Mas, **por enquanto**, me é suficiente amar meus seios pequenos, delicados e discretos. Não pretendo mudá-los, pois quero amar meu corpo como ele é, antes de qualquer coisa. (Trecho da entrevista 12 realizada em 01/11/2020)

Esse problema - que nunca foi um problema - era muito mais coisa da minha cabeça que qualquer outra coisa. O fato da cirurgia ter dado errado fez com que eu lidasse melhor com as minhas imperfeições. Se tivesse ficado do jeito que gostaria, talvez teria os mesmos problemas, porque perfeito nunca fica. **A gente tá sempre buscando a perfeição. Mas ela não existe.** (Trecho da entrevista 13 realizada em 12/02/2021)

Sendo assim, é conferida à mulher agência nesta tarefa de lidar com insatisfações com seu próprio corpo, e não à cultura, às mídias e à indústria da

beleza, que idealizaram e estabeleceram normas e convenções sociais em relação ao corpo feminino. A aceitação do seu próprio corpo é considerada de responsabilidade das mulheres que sofrem com diversas imposições sociais, sendo descritas por uma coenunciadora como um problema idealizado por ela mesma (“era muito mais coisa da minha cabeça”).

O processo de autoaceitação também demanda esforço e tempo da mulher, sendo citado em alguns trechos acima como uma demanda em andamento. As coenunciadoras utilizam marcadores de tempo, como verbos no gerúndio (“tá sempre buscando”) e advérbios de tempo (“ainda é um caminho a percorrer” e “por enquanto”), para descrever a experiência de busca pela aceitação do seu próprio corpo. Há ainda a presença de verbos que reforçam a responsabilidade feminina (“tenho que” e “não posso”).

O sutiã é um elemento popular das vestimentas femininas que foi mencionado em algumas entrevistas como uma peça “desconfortável”. Foi chamado de “armadura”. Um dos seus objetivos, segundo as coenunciadoras, era “modificar” a aparência dessa parte do corpo feminino, seja o “tamanho” dos seios através do bojo, seja o “formato”, “levantando os seios” para que apareçam de uma determinada maneira no decote. O sutiã também era utilizado por uma participante que ficava com medo dos seios ficarem “caídos”. É interessante observar que, em diversos relatos, as coenunciadoras mencionam a decisão de parar de vestir a peça.

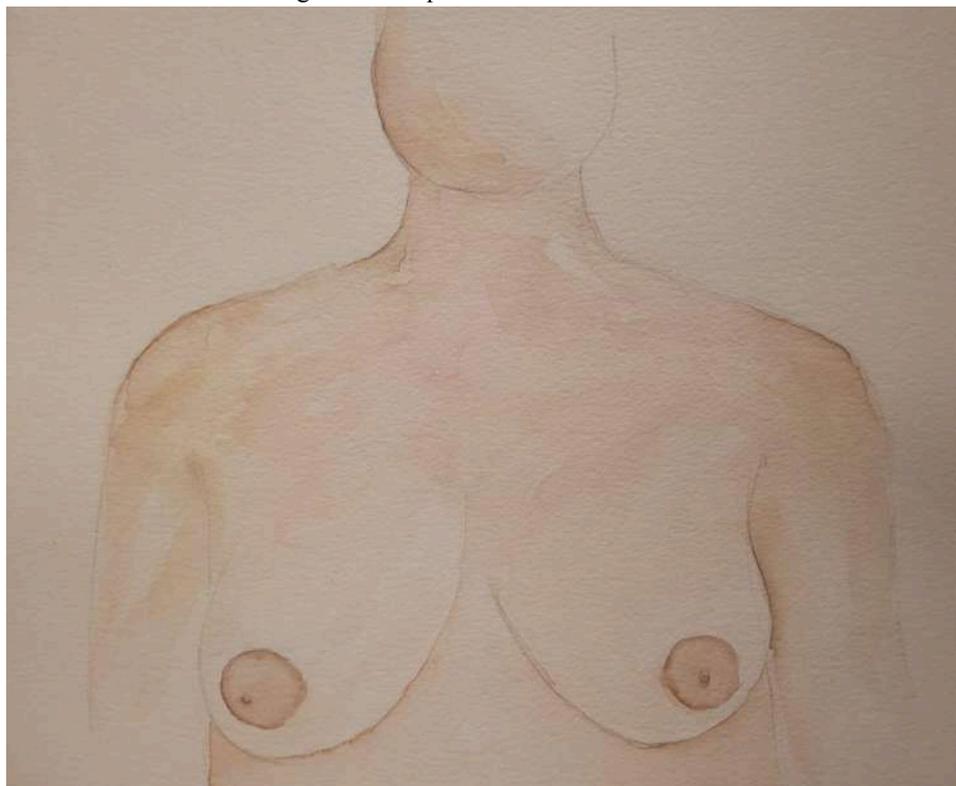
Durante esse período todo da adolescência, eu usei sutiã de bojo, porque internamente também queria ter um corpo mais desenvolvido, como as outras meninas. Eu percebia que isso chamava a atenção dos meninos, e os **meus peitos sempre foram pequeninhos** (...). De uns três/quatro anos para cá, **foi que eu percebi que aquela não era quem eu era**. Eu queria me igualar às outras meninas, ser bonita daquela maneira delas e não da minha. **O sutiã tava ali pra modificar essa minha parte do corpo, seu tamanho e formato. Não eram os meus seios que estavam ali. Era uma cobertura modificando totalmente a aparência deles e quem eu era**. Aos poucos, fui deixando de usar sutiã. (Trecho da entrevista 12 realizada em 01/11/2020)

E tem a minha mãe, que é uma baita referência. Vai fazer 80. **Ela não gosta e nem usa sutiã, chama de armadura**. Quando eu estava de sutiã, ela perguntava

se eu ia sair de armadura: “eu me sinto com armadura. **Quero ficar solta, quero ficar livre**”. (Trecho da entrevista 14 realizada em 19/03/2021)

Nunca gostei de sutiã, mas usava porque ficava com medo dos meus peitos ficarem caídos. Usava quando saía com as amigas para **parecer que tinha mais peito, para ficar mais juntinho no decote da blusa. Porque eu não gostava dos meus peitos antes. Eu usava sutiã mesmo achando desconfortável, mesmo não gostando.** (Trecho da entrevista 15 realizada no dia 18/07/2020)

Figura 13 - Aquarela da entrevistada 15



Fonte: Peitos de Fora

Contudo, há uma expectativa social de que as mulheres “deveriam usar” sutiãs. A escolha de não usar essa peça rompe com o “padrão” estabelecido. Nos trechos abaixo, é possível perceber que as coenunciadoras que não usam sutiã sofrem um julgamento social (“olhar de julgamento” / “quando eu saio na rua, eu percebo que tem gente que olha, fica comentando”). A entrevistada 15 elenca pessoas de seu convívio próximo, como “irmã”, “mãe”, “marido” e “sogra”, que “sabem” da sua escolha em não usar sutiã. Esta afirmação evidencia a relevância dessa decisão da participante, que precisou comunicar, de alguma forma, sua escolha e negociar seu ponto de vista, visando não usar uma vestimenta considerada “padrão”, “norma social”.

Na minha família, todo mundo sabe que eu não uso. Minha irmã também não usa. Eu moro em outra cidade. **Mas, quando vou à minha mãe, vou sem sutiã.** Na minha casa, sou só eu e meu **marido**. Para ele também, é supernormal. **Na casa da minha sogra também, é normal eu ir sem sutiã. Mas quando eu saio na rua, eu percebo que tem gente que olha, fica comentando: “olha lá, tá sem sutiã, tá querendo mostrar”.** Eu percebo isso mais das mulheres. **O olhar de julgamento.** Parece que tu tá sem blusa na verdade, não é nem sem sutiã. (Trecho da entrevista 15 realizada no dia 18/07/2020)

Outra entrevista que relaciona assédio e o uso de sutiã é destacada a seguir. No trecho, a entrevistada 14 responde de maneira diferente aos gêneros que julgam a sua escolha por não vestir um sutiã. Em relação aos homens, a mulher expõe os pêlos que, conforme apresentado anteriormente, correspondem a um objeto de estigma em relação ao corpo feminino, utilizado pela coenunciadora como “defesa” do assédio masculino. Com as mulheres, por outro lado, a entrevistada busca responder de forma “gentil”, com um “sorriso”. Nos dois trechos (14 e 15), foi ressaltado o “julgamento de outras mulheres” em relação à não usar o sutiã (“Eu percebo isso mais das mulheres” / “as mulheres olham incomodadas”).

Sempre fui **afrontosa, malcriada, do contra**. Tenho **peito grande**, com **bico aparente** e **fico sem sutiã**. Na maioria das vezes, **uso essa exposição do meu peito de uma forma militante. Uso blusas com detalhes na parte dos seios, que eu mesma desenho**. Isso gera reações. Homens geralmente olham com cobiça. Eu tenho uma defesa ótima: dou uma ajeitada no cabelo e mostro as axilas com pêlos. O olhar muda completamente. **As mulheres olham incomodadas**. Eu tento ser **gentil**, dar um **sorriso** e fazê-las entender que tá tudo bem. **Às vezes estou conversando com gente que não consegue me olhar nos olhos, e eu respondo: “oi, tô aqui em cima”**. Mas tem vezes que eu só quero existir mesmo. (Trecho da entrevista 14 realizada em 19/03/2021)

Adicionalmente, na entrevista 14, a coenunciadora menciona a exposição dos seus seios “de forma militante”. Ou seja, a participante se apropria da exposição dessa parte do corpo para negociar e defender seu ponto de vista, uma causa. Descrita por si mesma como “do contra”, a participante opta por ficar “sem sutiã” e utiliza blusas com detalhes autorais no seios. Como a participante se apresenta dessa forma e também como “afrontosa”, o trecho também dá indícios de que existe uma convenção social de que seios “grande, com bico aparente” sem sutiã são uma “afronta” à norma social.

O exemplo acima também relata o assédio que a mulher sofre quando pessoas não as olham nos olhos, mas sim encaram seus seios, o que aponta para a redução do corpo feminino a mero objeto sexual (“Às vezes estou conversando com gente que não consegue me olhar nos olhos, e eu respondo: “oi, tô aqui em cima”.”). A mesma coenunciadora narra outro episódio de assédio que aconteceu em seu trabalho no trecho abaixo.

Em empresa, rolavam várias encheções de saco. Me lembro de entrar em um escritório que era um **monte de homem**, e eles estavam de **óculos de sol**, querendo **brincar** com a ideia de **farol aceso**. Isso aconteceu há uns 15 anos. **Éramos amigos de cerveja, mas aquilo foi um veto à minha liberdade**. Eu achava tudo muito besta, mas até que não me afetava muito. Só que é mal. (Trecho da entrevista 14 realizada em 19/03/2021)

No trecho acima, a entrevistada destaca a forte presença masculina (“monte de homem”) no escritório em que trabalhava, onde ocorreu o episódio de assédio. Os homens usavam “óculos de sol” para ridicularizar (“brincar”) a ideia dos mamilos da mulher entrevistada estarem possivelmente marcando a vestimenta (“farol aceso”). É necessário pontuar que este episódio de coerção social é definido como “mal” pela entrevista, porém ela diz que “não afetava muito”. Ou seja, é possível inferir através desta afirmação que existe certa naturalização de episódios de coerção social, visto que, apesar de identificar que a ação foi “um veto à (sua) liberdade”, a participante afirmava que não afetava-a muito.

Nesta categoria de maior recorrência nos dados, foi possível analisar diversos episódios de coerção social sobre os corpos femininos das entrevistadas. Os dados obtidos indicaram casos de assédio em ambientes corporativos através de “piadas” e coerção social em ambientes familiares através de mães e avós. Por outro lado, também foi possível perceber em um entrevista específica que outros familiares podem surgir como “apoio” em momentos de insatisfação com seu próprio corpo. Neste ponto em particular, o “apoio” em questão é a filha da mulher entrevistada, uma criança, que ainda está sendo “educada” para as convenções sociais relacionadas ao corpo, enquanto que, nas transcrições das entrevistadas, a coerção social vem de gerações anteriores à mulher participante da pesquisa, mulheres adultas (mãe e avó) que já foram “ensinadas” sobre as normas sociais.

Ainda nesta categoria, foram analisados trechos sobre estigmas relacionados ao corpo feminino. Existe uma convenção social que orienta que os corpos femininos sejam lisos e que os seios apresentem uma determinada anatomia alinhada ao “cânone estético”, que considera o seio adolescente como a “forma ideal”. O excesso de pêlos foi mencionado como um “mecanismo de proteção” ao assédio masculino por uma coenunciadora. Por outra participante, houve uma preocupação com a saúde física, mesmo sendo a única característica que pudesse se referir a um suposto “problema”. A entrevistada realizou exames médicos para garantir que não tivesse nenhum “problema” com sua saúde física. De maneira semelhante, outra entrevistada, ao perceber que seus mamilos eram “fora do padrão” (invertidos), buscou um médico para entender se havia algo de errado com seu próprio corpo.

O desejo por seios grandes também surgiu em algumas falas das coenunciadoras, sendo uma característica física almejada em diferentes fases da vida, principalmente na infância e na adolescência. Tal característica era tão desejada que até coisas desagradáveis, como “chupar limão”, eram feitas na infância. Por fim, foi observada a ideia de autoaceitação corporal pelas mulheres entrevistadas, que enxergam que elas mesmas “precisam” desenvolver uma relação “bem resolvida” com seu próprio corpo. Ou seja, a autoaceitação corporal surge como uma nova demanda a ser cumprida pelas mulheres, cabendo a elas responsabilidade em buscar e “solucionar” a questão.

b. “Nunca amei meus peitos”: o mal estar na corporeidade feminina

Esta foi a segunda categoria estipulada a partir da quantidade de recorrência, em que foram analisados relatos sobre como as mulheres entrevistadas atribuem sentido às marcas do envelhecimento. As emoções citadas pelas coenunciadoras em relação aos seus próprios corpos também fazem parte da análise deste conjunto de dados. Medo, ansiedade, (in)satisfação e preocupação são algumas das emoções observadas, mencionadas de acordo com o contexto narrado: a amamentação foi associada ao sentimento de gratidão, mas também à insatisfação com a anatomia dos seus seios após o aleitamento; o medo em relação à possibilidade de desenvolver um câncer de mama. Nesta categoria, também

foram analisados trechos de como as participantes narram histórias que envolvem intervenções cirúrgicas com fins estéticos, amamentação e prazer sexual.

Quase 30 anos... E aí a gente começa a perceber que o corpo vai mudando. **Meu peitinho de adolescente vai mudar, seja porque eu vou ter um filho, seja porque eu vou envelhecer.** (Trecho da entrevista 1 realizada em 03/06/2020)

Figura 14 - Aquarela da entrevistada 1



Fonte: Peitos de Fora

Sempre gostei dos meus peitos. Mas, **depois que fiz 30, comecei a prestar bastante atenção na mudança deles.** Percebi que estavam mais **caídos** e isso às vezes me gerava **angústia**. (Trecho da entrevista 10 realizada em 22/10/2020)

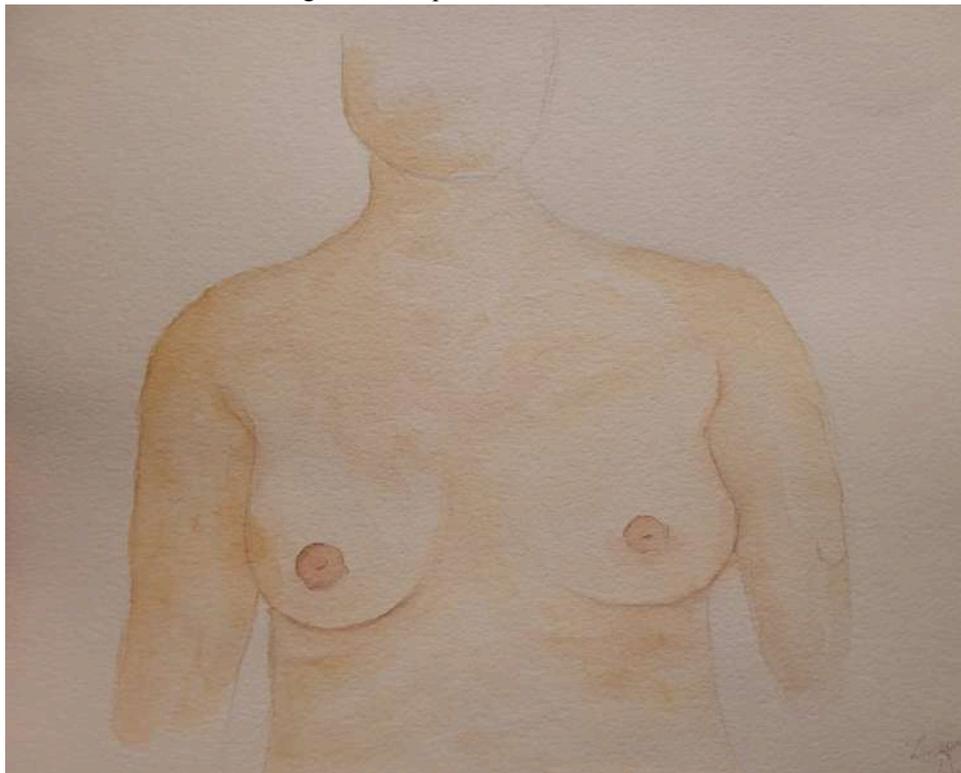
Ai, mas o peito vai ficar caído. É a vida. **Uma hora tudo vai cair. A gente não vai ficar novinho, bonitinho pra sempre.** (Trecho da entrevista 15 realizada em 18/07/2020)

É possível perceber nos trechos destacados acima que os seios “empinados” são associados à jovialidade dos corpos, enquanto que os seios “caídos” são citados como um marcador da passagem do tempo. Além disso, os relatos sobre seios são associados à sensação de angústia, como no trecho da entrevista 10, quando relacionado ao envelhecimento.

São citados ainda outros sentimentos nas entrevistas, como culpa, ansiedade e medo em contextos sobre saúde física. A ansiedade, a culpa e o medo aparecem nos dados de maneira sequencial na entrevista 9, quando a coenunciadora descobriu um cisto no seu seio e se preocupou de ser um sintoma de problema de saúde. Em outro fragmento (entrevista 5), descrito abaixo, o medo do câncer de mama também é narrado.

A morte é uma das coisas que mais me assusta. Por volta dos 12, 13 anos, eu comecei a ter muito **medo do câncer. Na minha família, já tiveram casos de morte por câncer de mama.** Nem sei se classifico com medo, é mais **preocupação**, aquela ideia do “e se fosse comigo? **Se acontecesse comigo, qual seriam as minhas possibilidades de me reconstruir?**” Não só fisicamente, mas mentalmente. Vejo muita coisa de **tatuagem, de reconstrução de mamilo e de mama.** Acho um trabalho muito bonito. (Trecho da entrevista 5 realizada em 31/07/2020)

Figura 15 - Aquarela da entrevistada 5

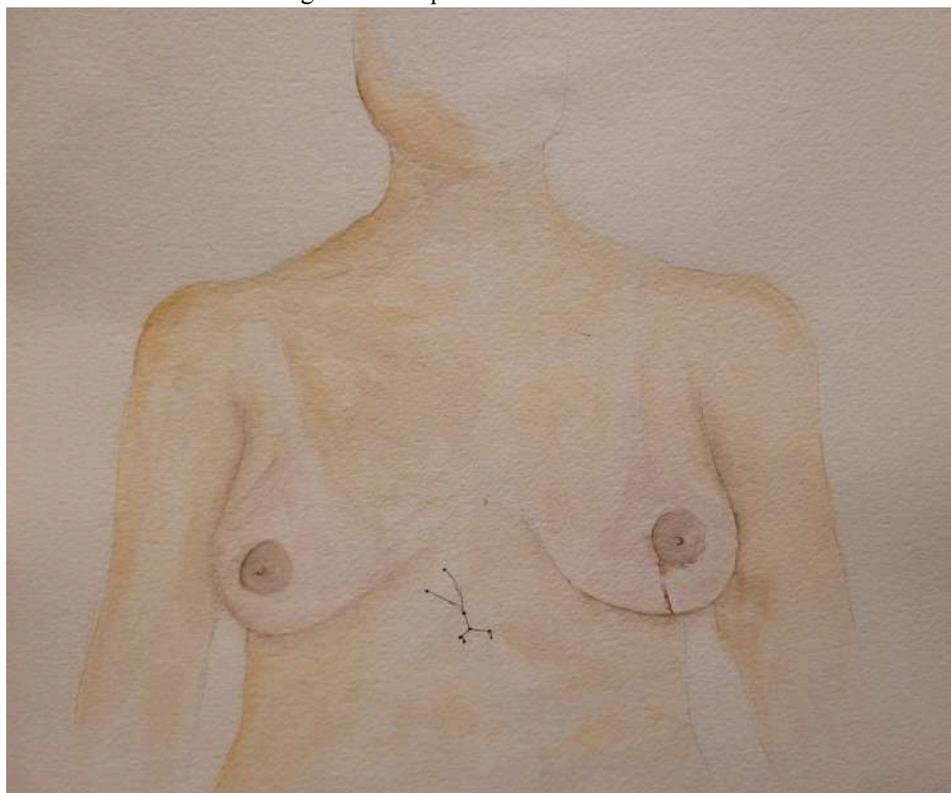


Fonte: Peitos de Fora

Eu tinha 28 anos na época e ia viajar para fazer um curso em São Paulo. Estava deitada esperando dar a hora de sair de casa e senti, no lado esquerdo do peito, um cisto. Estava para ficar menstruada e achei que era alguma coisa hormonal. Uns dias depois, eu menstruei e vi que o cisto não tinha saído. Me dei conta que não era algo passageiro como pensei antes, **fiquei preocupada e tive até uma crise de ansiedade.** Quando voltei de viagem, fui a minha ginecologista, e ela me

tranquilizou. Me passou uma ultrassom e falou que eu devia fazer uma punção para dissolver o cisto. Mas, na hora do exame, o médico me explicou que aquilo era um nódulo. Em vez de fazer a punção, eu precisaria fazer uma biópsia. Nessa hora, eu surtei. **Nunca tive nenhum problema de saúde.** Foi tudo muito **assustador. Com 21 anos, fiz redução de mama. Comecei a me culpar por isso,** mesmo sem ter nenhuma comprovação científica. (...) **Eu tinha medo de como eu ia me ver depois.** Imaginava que ficaria **deformada.** (Trecho da entrevista 9 realizada em 17/10/2020)

Figura 16 - Aquarela da entrevistada 9



Fonte: Peitos de Fora

Nos dois casos, o medo também é associado à autoimagem pós-câncer, que pode envolver a remoção de um — ou os dois — seios, além de deixar cicatrizes no corpo, sinais de estigma que podem ser temidas por algumas mulheres. O câncer, como já mencionado anteriormente, pode causar marcas no corpo feminino e na autoimagem por afetar os seios, parte do corpo bastante representativa para a mulher (Aureliano, 2009). Essa perspectiva também aparece nos exemplos acima quando a coenunciadora 9 diz que tinha medo de que ficaria “deformada” após a realização da biópsia. A entrevistada 5, apesar de dizer que a

morte é uma das coisas que mais a assusta, dá destaque a reconstrução do corpo, indicando que o corpo adoecido pelo câncer “precisaria” ser reconstruído.

A frustração também é um sentimento que norteia as narrativas das mulheres, principalmente ao perceberem que seus seios não seriam como gostariam, como é possível identificar abaixo:

Eles não eram da maneira como gostaria que fossem: achava a auréola grande, meu peito pequeno, um pouco caído. (Trecho da entrevista 13 realizada em 12/02/2021)

A frustração também é mencionada no relato da entrevistada 7. Inicialmente, ela, como no exemplo anterior, demonstra insatisfação com seu corpo e busca ajuda médica para modificar a aparência da sua barriga. Na consulta, são apontados pelo médico outros “defeitos” do seu corpo, e ela opta por fazer um procedimento cirúrgico para “levantar um pouco as mamas”. Dessa forma, após buscar uma “solução”, a coenunciadora sentiu-se novamente frustrada, pois as “correções” não se mantiveram com o tempo e/ou foram desconsideradas pelo cirurgião. A assimetria dos seios foi mencionada apenas neste excerto, não obtendo destaque em outras entrevistas.

Existe vida antes e depois do silicone. **Nunca amei meus peitos.** Tinha mais incômodo com a minha barriga. Quando procurei um cirurgião plástico, com 25 anos, queria resolver esse problema. Foi quando percebi que **esse não era só o meu “defeito”**. Queria **levantar um pouco as mamas**. Eu confiava muito nesse médico. Mas, como sempre fui grande, **lembro de ter falado várias vezes, inclusive quando deitei na maca: não quero sair daqui peituda. Quando acordei, tava com superpeito. No decorrer da cicatrização, eu percebi que um continuava maior que o outro ainda.** E, com o passar do tempo, ele cedeu, ficou caído. **Tudo o que eu queria corrigir não aconteceu, fiquei frustrada.** Durante os oito anos com as próteses, engordei muito e tive alguns problemas de saúde decorrentes da inflamação crônica instalada no meu organismo. (Trecho da entrevista 7 realizada em 17/09/2020)

Outras histórias que fazem alusão ao silicone também foram mencionadas pelas coenunciadoras. Quando há implementação das próteses, é possível perceber um padrão nas falas obtidas: a mulher, insatisfeita com seu corpo, busca no procedimento cirúrgico estético uma “solução”, mas vivencia uma nova insatisfação ao perceber que seus seios não ficaram como o idealizado por elas inicialmente, como é possível perceber neste outro exemplo. A cirurgia também é descrita como um “sonho” de longo prazo pelas entrevistadas.

Só que meus seios me incomodavam demais. Quando eu tinha uns 20 e poucos anos, fui pela primeira vez numa cirurgia plástica. **Queria colocar silicone.** Fui mais por curiosidade. Na época, nem tinha dinheiro para fazer a cirurgia. **Com 29 anos, me divorciei e já tinha o dinheiro para fazer a cirurgia. Era um grande sonho e uma nova etapa na minha vida.** Então, eu fiz. Tive uma reação alérgica ao antibiótico, urticária generalizada, fiquei muito inchada. Acho que isso interferiu bastante na cicatrização. Tinha uma mama tuberosa, e a técnica que o médico usou para tentar melhorar isso foi abaixar um pouco o sulco. **Não gostei do resultado.** Achei que ficou um relevo na parte de baixo. **No começo, insisti em tentar corrigir. Até que fui parando de encanar com isso,** porque não queria fazer uma outra cirurgia, trocar prótese, gastar mais dinheiro. (Trecho da entrevista 13 realizada em 12/02/2021)

Eu adorava ver Dr. Hollywood. O documentário me marcou muito nessa questão de peito. Via direto. **Ah, aposto que foi por isso que quis botar silicone.** Teve uma história de uma menina que tinha caso na família de câncer como eu, e ela também tinha esse medo de ter a doença. Ela removeu as mamas para fazer uma prevenção antes de ter a doença e colocou silicone no lugar. **Quando eu pensava em botar silicone, eu até sabia que valia a pena colocar pelo umbigo pra não ficar com marca.** (Trecho da entrevista 5 realizada em 31/07/2020)

Outro sentimento relacionado a essa parte do corpo feminino é a gratidão no contexto da amamentação. É interessante pontuar que não houve recorrência suficiente para identificar a amamentação como padrão, o que sugere que os outros temas citados são considerados de maior relevância para as mulheres em relação aos seus seios. No caso da amamentação, o sentimento de gratidão é relacionado à capacidade de alimentar seu filho de maneira saudável, mas também ao âmbito coletivo por auxiliar outras mulheres a fazerem o mesmo (“Saber que outras pessoas poderiam estar alimentando seus filhos de uma maneira boa era gratificante.”).

Amamentar foi muito bom. Tem mulher que reclama, mas, para mim, foi bem tranquilo. Era **gratificante**, porque **eu sabia que meu filho estava sendo bem alimentado.** Isso fazia diferença para mim. Mas não acho que isso tenha feito diferença na minha conexão com ele. **Essa relação mais afetiva eu fui desenvolvendo com o tempo.** O meu filho mamava muito, mas ainda sobrava. (...) Por isso, eu decidi doar leite pouco depois dele nascer. Muita mãe quis amamentar, mas não pode. **Saber que outras pessoas poderiam estar alimentando seus filhos de uma maneira boa era gratificante.** (Trecho da entrevista 4 realizada em 24/06/2020)

Figura 17 - Aquarela da entrevistada 4



Fonte: Peitos de Fora

Para a coenunciadora, apesar do sentimento de gratidão, a amamentação não foi responsável pela criação do vínculo que tem com seu filho, o que foi construído, segundo ela, com o tempo. A cultura orienta que a amamentação é fundamental para a criação desse laço entre mãe e filha/o, o que poderia gerar sentimentos negativos, como culpa e fracasso, nas mulheres que não conseguiriam amamentar suas/seus filhas/os. Sendo assim, a amamentação garante que o bebê receba os nutrientes necessários para o seu desenvolvimento, mas é uma “técnica do corpo” (Mauss, 2003) no sentido de ser atribuída a essa ação princípios e significados adquiridos pelas pessoas através da cultura.

Por outro lado, a entrevistada demonstra insatisfação com a anatomia dos seus seios, definidos por ela como “caídos”, “murchos”, “flácidos”, após o aleitamento.

Sempre detestei meus peitos. Até hoje, eu não gosto deles. Tá vendo onde ele termina? Era para ele estar aqui (puxando os peitos para cima). Ser mãe fez meus peitos ficarem desse tamanho (ênfatisando com as mãos seios maiores) para depois eles ficarem desse tamanho (apontando para o tamanho dos seios reais), para depois ficarem **caídos, murchos e flácidos, basicamente só pele.** (Trecho da entrevista 4 realizada em 24/06/2020)

O prazer sexual — assim como a amamentação — foi identificado de maneira excepcional nas entrevistas realizadas. Na entrevista 14, a coenunciadora sinaliza que “entendeu” a potência que tem nos seios em relação ao prazer sexual. É interessante a escolha desse verbo: para entender, é necessário valer-se de algo com inteligência e complexidade, exige esforço. Além disso, a entrevistada 14, apesar de mencionar o prazer sexual que sente através dos seus seios, descreve essa parte do corpo como algo que “era” lindo, “virados para lua”, “peitos duros e firmes”. A escolha desses adjetivos para descrever seus seios reforçam o “padrão de beleza” vigente que valoriza o seio adolescente como “ideal”.

Meus peitos **eram lindos, daquele modelo bicos virados para lua, peitos duros e firmes**. Hoje, ele **esparrama**. Mas eu tive sexo de tão qualidade nessa vida que entendi a potência que tenho neles. Tenho **orgasmo de estímulo** só no peito, sem tocar na minha buceta. Eu gosto dos peitos caídos das moças. Acho macio. Peito que tem estria e parece toda tigrada? Morro de tesão. E as despeitadinhas que só tem bico? Eu amo os peitos. (Trecho da entrevista 14 realizada em 19/03/2021)

A entrevistada 13 também fala sobre prazer sexual ao mencionar seus seios, indicando que a insatisfação que tinha com a anatomia deles poderia ter afetado a sua vida sexual e a do parceiro (“nossa”). Ou seja, enquanto a primeira coenunciadora cita o prazer que é capaz de sentir, a segunda menciona a falta dele. Contudo, é interessante observar que as duas coenunciadoras iniciam suas narrativas fazendo críticas à aparência dos seus seios, mas que têm desfechos diferentes em cada excerto.

Comecei a namorar muito nova. Ele nunca falou nada que me deixasse desconfortável, muito pelo contrário. Só que **meus seios me incomodavam demais**. (...) Um tempo passou, e eu casei com esse primeiro namorado. **E ainda me sentia desconfortável com meus seios. Isso talvez tenha afetado a nossa vida sexual**. (Trecho da entrevista 13 realizada em 12/02/2021)

Nesta segunda categoria analítica, portanto, foram analisados trechos das entrevistadas sobre sentimentos associados aos corpos femininos, em especial aos seios. Foi possível identificar, em diversas falas, emoções relacionadas ao envelhecimento, como preocupação, angústia e medo. O “seio caído” surgiu como um marcador de envelhecimento, correspondendo a uma característica “fora do

padrão de beleza” que prega o seio adolescente como “formato ideal”. O envelhecimento foi descrito por muitas das mulheres entrevistadas como “algo a ser resolvido”. Ou seja, a mulher se coloca como a responsável por “resolver” a insatisfação que sente em relação ao seu corpo, e, nessa lógica, a solução para o “problema” seria o desenvolvimento da autoestima.

Foram ainda apresentados trechos de entrevistas sobre a insatisfação das participantes em relação aos seus corpos. Medo, angústia e ansiedade foram outras emoções citadas pelas coenunciadoras em relação à possibilidade de desenvolver doenças, como o câncer de mama. Nesses relatos, foi possível identificar que as entrevistadas tinha medo de como seus seios se apresentariam após a doença ou realização da punção, como “deformadas” (entrevistada 9). Mesmo sem diagnóstico, uma coenunciadora se questionou sobre as possibilidades de “reconstruir” o corpo após a doença através de procedimentos, como tatuagens reconstitutivas de mamilos (entrevistada 5).

A amamentação e o prazer sexual foram identificados também, mas, de maneira excepcional, nas falas das coenunciadoras. Os temas foram mencionados apenas por duas entrevistadas, o que indica que estes assuntos não são considerados os mais relevantes para as participantes. A amamentação foi citada associada ao sentimento de gratidão em alimentar um filho de maneira saudável. Entretanto, a participante descreveu com insatisfação as mudanças dos seus corpos e seios após o período de aleitamento. O prazer sexual foi apresentado apenas por duas mulheres: uma mencionando a possibilidade de orgasmos através do toque em seus seios, e a outra participante indicando que teve prejuízos à qualidade da vida sexual por se sentir insatisfeita com seu corpo.

c. “Eu adorava ver Dr. Hollywood”: mídias e imperialismo corporal

Os dados desta pesquisa também trazem menções a diferentes tipos de mídias, como revistas adolescentes (*Capricho*), eróticas (*Playboy*) e femininas (*Glamour*), seriados televisivos norte-americanos (*Dr. Hollywood*), influenciadoras digitais (Gabi Puglise, Isabella Trad, Thais Carla, Bianca Barroca, Raissa Galvão) e a banda *Spice Girls*. Embora não haja um padrão nas mídias, principalmente em relação aos formatos, ficou evidente que alguns dos meios de

comunicação listados pelas participantes são estrangeiros (norte-americanos e britânicos).

A coenunciadora abaixo relata que, na sua adolescência nos anos 90, leu uma matéria que ensinava a verificar se o peito era “caído”. É possível inferir que este formato de conteúdo, que conta com o teste, um recurso didático, sugere que o “peito caído” é um problema, um defeito que sequer pode ser identificado a olho nu pelo espelho, sendo necessário ofertar um conteúdo para que a mulher, ainda adolescente, se examine para verificar se possui esta característica ou não.

Quando era adolescente, vi na Capricho ou numa revistas dessas que **o peito era caído se segurasse um lápis. Eu peguei o estojo inteiro e coloquei debaixo do peito para segurar.** Contava essa história num tom de brincadeira na época, mas **me sentia mal. Detestava os meus peitos.** (Trecho da entrevista 11 realizada em 27/10/2020)

A entrevistada lembra que utilizou um “estojo inteiro” durante o teste, e não apenas um lápis para se certificar que seus seios eram “bastante caídos”. Ela assume que se “sentia mal” com essa característica após a realização do teste, mas não demonstrava em público esse sentimento, se escondia do desconforto através do humor (“contava essa história num tom de brincadeira”). O desconforto é causado por seus seios não se apresentarem de acordo com o “cânone de beleza”.

Questiono-me pessoalmente sobre a dificuldade que a coenunciadora menciona na época de demonstrar sua chateação às/aos amigos. Parece que as mulheres são cobradas a almejar o que é determinado pela cultura como padrão de beleza, mas que não podem se mostrar vaidosas em excesso para as/os outras/os. Essa mesma lógica pode ser percebida em relatos de mulheres mastectomizadas, como demonstra Aureliano (2009). Boa parte das informantes de Aureliano reforçaram que a mutilação do seio adoecido, a partir da mastectomia, era uma necessidade de saúde, de cura, o que era mais importante do que a preocupação estética.

Existem ainda outras menções a distintas modalidades de veículos de comunicação, que passo a descrever. Em relação a programas televisivos, foi citado o *reality show Dr. Hollywood*, que começou a ser transmitido no Brasil no canal aberto *RedeTV!* em 2007 e está no ar até a elaboração desta dissertação. No programa de TV, são apresentados “sucessos profissionais” do cirurgião plástico Dr. Robert Rey, médico de Beverly Hills, Califórnia, Estados Unidos.

Eu adorava ver Dr. Hollywood. O documentário me marcou muito nessa questão de peito. Via direto. Ah, aposto que foi por isso que quis botar silicone. Teve uma história de uma menina que tinha caso na família de câncer como eu, e ela também tinha esse medo de ter a doença. Ela removeu as mamas para fazer uma prevenção antes de ter a doença e colocou silicone no lugar. Quando eu pensava em botar silicone, eu até sabia que valia a pena colocar pelo umbigo pra não ficar com marca. (Trecho da entrevista 5 realizada em 31/07/2020)

A coenunciadora 5 descreve o programa de TV como um “documentário”, e não como um *reality show*. Os documentários são produções que se referem a conteúdos não-ficcionais e são caracterizados pelo compromisso de apresentar a “realidade”. Por outro lado, os *realities* são programas de entretenimento, comercializados como conteúdos da “vida real”, que têm outros interesses e compromissos, como ofertar um estilo de vida, vender produtos e serviços. Para isso, podem ser utilizados recursos para “prender a atenção” do público, como cortes específicos feitos na edição, manejos no roteiro, seleção direcionada de personagens etc.

O programa *Dr. Hollywood* divulga apenas histórias bem-sucedidas de cirurgias plásticas, o que já demonstra que não existe um compromisso de informar os possíveis problemas que podem ocorrer em procedimentos desse tipo. A entrevistada 5 se identificou com a história da participante do *reality show* e entendeu que o silicone seria um caminho para evitar o desenvolvimento de doenças, como o câncer de mama. Apesar de não ter formação na área da saúde e ser uma adolescente na época, ela já sabia como o silicone deveria ser colocado para evitar cicatrizes (“Quando eu pensava em botar silicone, eu até sabia que valia a pena colocar pelo umbigo pra não ficar com marca”). Ou seja, se por um lado, havia disposição em realizar a aplicação dos implantes de silicone nos seios; por outro, havia preocupação em ter marcas visíveis, como cicatrizes.

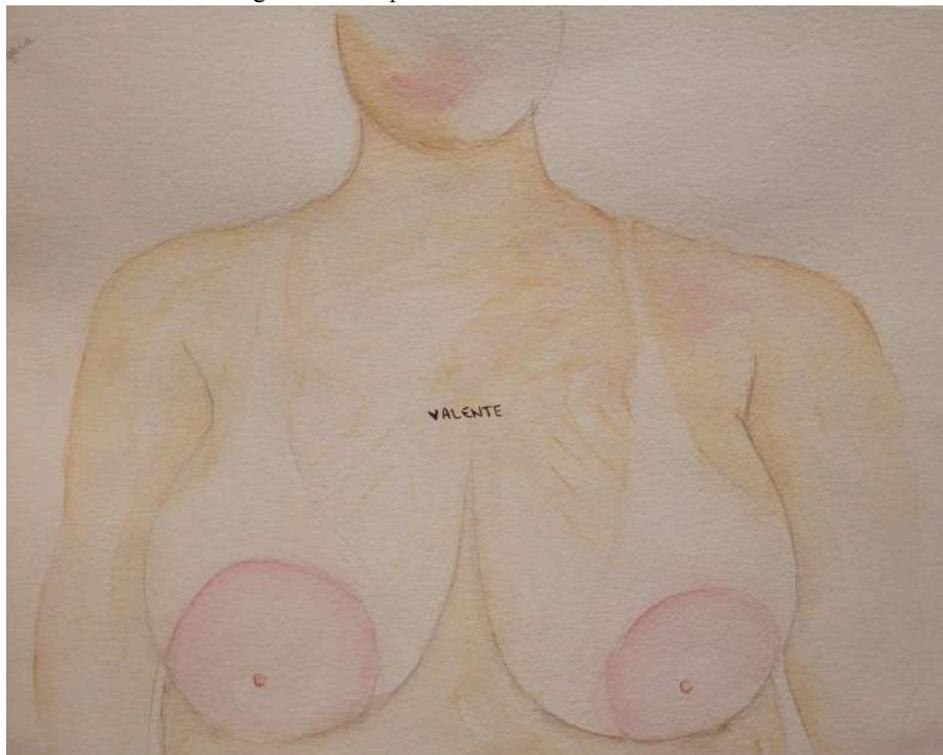
Em 2013, quando essa coenunciadora era adolescente, a atriz internacional Angelina Jolie realizou um procedimento cirúrgico chamado mastectomia profilática bilateral, em que foi retirada toda a glândula mamária, exceto pele e mamilo, e colocada prótese bilateral. Com a realização da cirurgia, as chances da atriz desenvolver um câncer de mama diminuiriam em mais de 90% (Oncoguia,

2015). Essa informação evidencia mais uma vez a participação midiática sobre os corpos femininos através de celebridades.

As influenciadores digitais e revistas eróticas também aparecem nos dados desta pesquisa. A entrevistada 8 menciona um exemplo de influenciadora de estilo de vida *fitness*, corpo branco e magro (Gabriela Pugliesi), que compartilha sua rotina de treinos e alimentação restritiva. A coenunciadora aponta algumas contradições em relação ao seu corpo magro e até uma perspectiva meritocrática (“Ela era um exemplo de “se eu me esforçar, eu vou conseguir”), mas indica que seguir influenciadoras com “corpos reais” causou “estranhamento” inicialmente, mas que foi importante para “alcançar esse nirvana”. Nirvana é uma palavra de origem budista que corresponde ao estado de libertação atingido pelo ser humano ao percorrer sua busca espiritual. Ou seja, a adoção dessa palavra mostra que a entrevistada se coloca como alguém que conseguiu desenvolver o que chamou de “mudança de olhar”, uma “desconstrução” em relação aos corpos expostos nas mídias, percebendo que “aquilo é mentira, é *Photoshop*, é plástico puro”.

Na época, seguia a Pugliese. Ela era um exemplo de “**se eu me esforçar, eu vou conseguir**”. **Mas seguir pessoas com corpos reais** (@todebells, @thaiscarla, @biancabarroca, @rayneon) **foi uma coisa muito boa**. A primeira sensação foi estranha. Eu me perguntava se elas não tinham vergonha. Só que, para mim, **foi ótimo começar a ver peito caído, barriga, estria**. Foi **ficando natural**. Foi uma desconstrução. Nesses dias, eu vi uma Playboy da Nanda Costa. **Ela lá maravilhosa**. Mas senti que o **corpo dela inteiro parecia de plástico**. Fiquei impressionada como a minha cabeça e o meu olhar mudaram. **Antigamente, era esse corpo que eu queria**. Só que, de repente, eu olhei e logo percebi que aquilo **é mentira, é Photoshop, plástico puro**. É tudo uma **mudança de olhar**. Acho que consegui **alcançar esse nirvana**. (Trecho da entrevista 8 realizada em 09/10/2020)

Figura 18 - Aquarela da entrevistada 8



Fonte: Peitos de Fora

Sendo assim, desprender-se da coerção social exercida sobre os corpos femininos tem um custo emocional significativo, é o mesmo que “alcançar esse nirvana”, requer agência. Outra coenunciadora citou uma cantora internacional no seu relato. Na transcrição abaixo, é possível perceber a influência de uma celebridade na experiência corporal da participante em questão, que almeja para si características que não possuía daquele corpo, como “ser ruiva” e ter “seios grandes”.

Eu sempre achei bonito peito grande. A ruiva das Spice Girls, Geri Halliwell, ela tinha o maior peitão. Ela botava, na época das Spice, aquele decote bem americano que o peito pula, **justamente quando eu era adolescente e tinha peito pequeno.** E ela era ruiva. Eu sempre quis ser ruiva. (Trecho da entrevista 16 realizada em 02/07/2020)

Existe, portanto, um imperialismo cultural que se estende aos corpos femininos através de produtos midiáticos, como *Dr. Hollywood* e *Spice Girls*. As mídias direcionadas para mulheres buscam ensiná-las como “deveriam” ser seus corpos a partir de um modelo idealizado. Entretanto, esses meios de comunicação também podem oferecer conteúdos informativos sobre o corpo feminino, como no

fragmento abaixo, em que é citada uma reportagem sobre o explante, procedimento cirúrgico que consiste na remoção da prótese de silicone.

No ano passado, uma colega de trabalho me disse que queria colocar silicone. Numa tentativa de preveni-la da intervenção, eu finalmente contei tudo que me ocorreu por causa das próteses. Uns dias depois, ela me recomendou uma **reportagem da Glamour sobre explante**. Fiquei encantada! Havia descoberto ali que eu poderia me **libertar do peso, da culpa e dos riscos**. (Trecho da entrevista 7 realizada em 17/09/2020)

Sobre o explante das próteses de silicone, alguns números chamam a atenção: foram realizadas 29.417 mil cirurgias do tipo no Brasil em 2022 (ISAPS, 2022). O assunto também ganhou notoriedade nas mídias com os depoimentos de celebridades que optaram pela realização do procedimento, como Fiorella Mattheis e Giovanna Antonelli. As próteses de silicone podem causar doenças autoimunes, como a doença do silicone (*Breast Implant Illness*), descrita pela primeira vez em 2011 e associada à síndrome ASIA (*Autoimmune/autoinflammatory syndrome*). O corpo, nesse caso, cria mecanismos de proteção por ter entrado em contato com substâncias “estranhas”, as próteses de silicone. A doença costuma apresentar os seguintes sintomas: cansaço excessivo, dor nas articulações, confusão mental, queda de cabelo, depressão, insônia, perda de memória e dificuldade de concentração (Zolin, 2022).

Esta categoria analítica, portanto, buscou analisar a relação entre produtos midiáticos de formatos diversos que foram mencionadas pelas entrevistadas e seus próprios corpos, em particular os seios. Foi possível compreender que as mídias podem oferecer, através de seus conteúdos, informações relevantes sobre a saúde física da mulher, como no caso o desenvolvimento de doenças autoimunes em relação a implantes de silicone. Por outro lado, foi também possível identificar que as mídias podem realizar uma coerção social sobre os corpos femininos, demonstrando, de maneira pedagógica, quais características o corpo feminino “deve (ou não) ter”.

Além disso, as transcrições das entrevistadas evidenciaram a influência das próprias celebridades sobre seus corpos. Uma coenunciadora apontou o desejo de “ser ruiva” e ter “seios grandes”, características físicas da cantora Geri Halliwell, da banda britânica *Spice Girls*. Há ainda o caso da atriz Angelina Jolie. Apesar de não ter sido mencionado diretamente nos dados deste estudo, o fato

ocorreu no mesmo período em que a coenunciadora era adolescente e assistia a um episódio específico do programa de TV *Dr. Hollywood*. Uma participante do *reality show* removeu os seios para prevenir o desenvolvimento de câncer de mama, doença que, assim como Angelina Jolie, tinha pré-disposição genética. A coenunciadora relatou o desejo de colocar silicone quando adolescente por conta desta história do *reality*.

Outros produtos midiáticos listados neste conjunto de dados foram a revista *Playboy* e algumas mulheres *influencers* digitais. Foi interessante observar o uso da palavra “nirvana” em uma das falas da coenunciadora para indicar que ela “desconstruiu seu olhar” em relação a esses “corpos perfeitos” exibidos nas páginas da revista erótica da *Playboy* e que, para isso, seguir no Instagram o que chamou de contas de mulheres com “corpos reais” foi uma ação importante para conseguir “alcançar o nirvana”.

6 Considerações finais

O corpo feminino é alvo histórico de constante monitoramento e coerção social. Existem diversas expectativas e normas sociais em relação às mulheres sobre como seus corpos “deveriam ser” e como “deveriam se comportar”. Essa coerção social sobre os corpos e modos de agir acontece a todo momento em diversos setores da sociedade através do discurso médico, religioso, político, midiático e outros. Braga (2016) observa que o conteúdo jornalístico direcionado para mulheres concebe e preconiza o que é "ser mulher" através de discursos sobre como o corpo feminino “deveria ser”. Essa coerção sobre os corpos femininos é tácita, não explicitada, realizada através de conteúdos jornalísticos, conforme mencionado por Braga (2016), mas também através de “piadas”, comentários, olhares etc. Partindo desta premissa, o problema de pesquisa delimitado para este estudo foi compreender como as mulheres entrevistadas narram e atribuem sentido à sua experiência corporal. São atribuídos diversos sentidos aos seios, como sexualidade, beleza, amamentação e adoecimento (câncer de mama). Esta parte do corpo feminino também é objeto de bastante coerção social no Brasil e no mundo. Nosso país foi o que mais realizou procedimentos cirúrgicos com fins estéticos no ano de 2022 (ISAPS, 2022).

Com o objetivo de elaborar uma interpretação de um conjunto de entrevistas com mulheres sobre seus corpos, em especial seus seios, este estudo analisou transcrições de 17 entrevistas com moradoras de regiões diferentes do Brasil e do mundo. A idade, raça e classe econômica não foram questões problematizadas aqui, porque não foram tornadas relevantes nos contextos das entrevistas pelas participantes. Esta pesquisa buscou compreender a relação das mulheres com seus corpos, independentemente de raça, gênero etc. Se esses dados fossem relevantes, teriam aparecido nas falas. Entretanto, este não foi o caso. A entrevista buscou dar destaque aos temas que se apresentaram importantes para as próprias participantes durante a conversa, de acordo com perspectivas naturalistas, em que os dados são fornecidos pelo próprio fenômeno (Braga & Gastaldo, 2010). Sendo assim, os dados demográficos das coenunciadoras não foram coletados, porque não era o objetivo deste trabalho.

Obtidas entre maio de 2020 e março de 2021, as transcrições foram publicadas inicialmente no perfil da rede social Instagram do *Projeto Peitos de Fora*, que foi criado em 2020. A página tem como objetivo compartilhar histórias de mulheres anônimas em relação aos seus seios, acompanhadas de aquarelas autorais que retratam os seios da entrevistada. Com duração média de 40 minutos, as entrevistas em profundidade foram conduzidas a partir do questionamento sobre a relação da participante com seus próprios seios. O objetivo da aplicação deste formato era oferecer autonomia para a participante narrar sua história pessoal à sua maneira. A coenunciadora contava suas experiências, ao passo que posava nua para a realização do esboço do desenho de seus seios. Em relação ao posicionamento da imagem, foi estabelecido um padrão de enquadramento frontal que centraliza os seios na tela.

Dias após a entrevista, o desenho era finalizado e aquarelado. Após a pintura, o material era enviado para apreciação e autorização da mulher em questão antes da publicação no Instagram. Em relação à transcrição, foram feitos poucos ajustes para proteger a identidade das coenunciadoras. Boa parte das mulheres participantes desta pesquisa chegaram ao perfil do *Peitos de Fora* na rede social Instagram, depois do projeto ser repostado em contas de maior popularidade, como *Movimento Corpo Livre* e *Revista TPM*. Algumas entrevistas foram realizadas presencialmente, em especial com mulheres conhecidas. Todas as entrevistas obedeceram ao mesmo padrão de profundidade, enquadramento frontal que centraliza os seios na imagem e aquarela como técnica de pintura. Todas as entrevistadas autorizaram o uso do material também para esta dissertação.

Como aparato metodológico, foi utilizada a Análise do Discurso. As/os autoras/es Braga (2008), Bastos & Biar (2015), Maingueneau (2007), Manhães (2006), Magalhães (2005) e Schiffrin (1994) nos auxiliaram na conceituação da técnica do método. A Análise de Discurso não é um estudo apenas de enunciados, mas sobre o modo pelo qual os enunciados são atividades inseridas na interação social (Schiffrin *apud* Maingueneau, 2007). Segundo Manhães (2006), a técnica busca identificar e descrever os elementos formadores do discurso, preconizando que o discurso deixa marcas que possibilitam identificar a posição da/o emissora/emissor e seu modo de construção.

Segundo a metodologia, todo discurso está também contido em um interdiscurso (Braga, 2016). Conforme pontuado no capítulo 4. *Metodologia*, Braga (2016), em sua pesquisa sobre a imprensa feminina, observou que essas mídias constroem e ofertam sentidos sobre os corpos femininos através de um discurso que carrega princípios da lógica do sistema social dentro do qual foi gerado, como o discurso médico e o jornalístico, por exemplo. A partir desta perspectiva, pode-se entender que os relatos apresentados pelas entrevistadas fazem alusão a discursos de influenciadoras/es digitais, revistas e veículos de maneira geral, discursos publicitários, médicos, entre outros, que trazem à tona aspectos acerca do sistema social.

A dimensão interativa do discurso é outro aspecto tratado por diversas/os autoras/es. Maingueneau (2007) utiliza o termo “coenunciador” para se referir às/aos interlocutoras, reforçando seu entendimento de que a/o destinatária/o não é passiva/o no processo de enunciação (Maingueneau *apud* Braga, 2008). De maneira similar, para Manhães (2006), toda comunicação é uma ação simbólica e social. Para Gumperz (2002), o ato de falar corresponde a um processo de negociação contínuo entre emissão e recepção, que envolve a codificação do que a/o outra/o disse, como também o monitoramento de como a fala foi recebida. Adicionalmente, segundo Goffman (2014), a interação social é baseada no monitoramento mútuo e no gerenciamento da imagem de si. Ou seja, as pessoas performam um papel em uma interação social com o objetivo de gerenciar sua imagem. Bastos & Biar (2015) acrescentam que, nesses encontros sociais, as pessoas “sabem” normas tácitas sobre o que pode (ou não) ser falado, para quem e quando.

Para refletir sobre os corpos femininos, em particular os seios, na cultura, esta pesquisa utilizou autoras/es, como Aureliano (2009), Braga (2016), Beauvoir (1949), Clastres (1978), Del Priore (2000), Foucault (1987), Goffman (1982) e Leal (1995). Como é possível perceber por parte da seleção de autoras/es elencados, foram utilizados estudiosos da Comunicação, da Antropologia, de estudos de gênero e interação social na tentativa de desenvolver uma visão multidisciplinar sobre o corpo feminino e a coerção social ao qual é submetido. Para Foucault, o corpo é instrumento de poder, passa por diversos métodos disciplinares para treinamento e obtenção de melhor rendimento. Para serem úteis e eficientes, os chamados “corpos dóceis” eram distribuídos (e até enclausurados)

em espaços para garantir a obediência das pessoas e melhor economia do tempo (Foucault, 1987). Os corpos femininos também podem ser compreendidos como “corpos dóceis” (Foucault, 1987), submissos, que “precisam” de aprimoramento.

Como observado por Braga (2016), as revistas femininas apresentam características naturais do corpo feminino como “indesejáveis”, ofertando “dicas”, produtos e serviços para “aprimoramento” da aparência dos corpos femininos. Bourdieu (2002) descreve o corpo feminino como um “corpo-para-o-outro”. A mulher é um “ser-percebido”, que existe pelo e para o olhar dos outros, enquanto objetos simbólicos receptivos e atraentes (Bourdieu, 2002). Tendo necessidade do olhar do outro para se constituírem, a mulher, subordinada ao poder e à dominação masculina, torna-se dependente da validação dos outros (homens e demais participantes da sociedade), introjetando esse mesmo olhar sobre seu próprio corpo (Braga, 2002).

Existe também uma expectativa social de como as mulheres “deveriam” agir e se comportar. A forma que a mulher assume na sociedade é definida por convenções e normas sociais (Beauvoir, 1949). Para Goffman, a apresentação de gênero na interação social se dá por meio de representações convencionalizadas; em suas palavras, “*displays* de gênero”. Isso significa que existem condutas, comportamentos, gestos e ações considerados adequados a cada gênero (Goffman, 1976). Ainda na atualidade, as mulheres recebem representações das mídias, da publicidade, da moda, da medicina e da religião sobre como agir, pensar e se comportar para que sejam reconhecidas como tal (Zanello, 2018).

No capítulo 2. *Os seios na cultura*, também foram descritos sentidos para os seios, objeto principal desta dissertação. Esta parte do corpo feminino é bastante representativa na constituição da identidade da mulher, recebendo especial atenção da indústria da beleza. No Brasil, a mamoplastia de aumento das mamas foi a segunda cirurgia plástica com fins estéticos mais realizada pelas mulheres nos anos de 2022 e 2020. Os peitos têm múltiplos sentidos na nossa cultura, como indicador de sedução, sensualidade e beleza; fonte de nutrição através do leite materno; foco de doenças (no caso do câncer de mama) etc. Como têm um papel importante para a mulher, a remoção de um seio adoecido, através da mastectomia, pode causar sofrimento e problemas de autoestima. Segundo Aureliano (2009), o câncer também é uma doença que costuma ser associada à “sentença de morte”, além de trazer demandas específicas sobre o corpo feminino.

Existem outros estigmas relacionados aos seios. Os corpos femininos, muitas vezes, são reduzidos a objeto sexual como se as mulheres não tivessem subjetividade ou outros atributos além da sensualidade e sexualidade. Esses corpos podem ainda sofrer o processo de estigmatização apontado por Goffman (1982) em outros contextos, como quando há presença de pêlos. Existe uma expectativa social de que o corpo feminino seja liso, sem pêlos. Quando o oposto ocorre, a mulher em questão pode sofrer constrangimento e estigmatização social (Braga, 2002).

Os dados desta pesquisa reforçam essa afirmação. Entretanto, segundo relato da entrevistada 14, a exibição dos pêlos pode ser um mecanismo de “proteção” ao assédio masculino. Seffner (1995) já havia pontuado que, em contextos específicos, era conferido poder a corpos de portadores do vírus HIV, que poderiam utilizar os fluidos como mecanismo de defesa para contaminar alguém que ameaçasse sua integridade física. Além disso, o corpo feminino e os seios estão sujeitos a julgamentos morais de toda ordem. Os seios com formatos “fora do padrão” também são criticados, como exemplificado através dos comentários sobre o corpo da atriz Bruna Marquezine na rede social Facebook na Figura 2.

Outro sentido atribuído aos seios é ser fonte de alimento. A amamentação é atravessada pela cultura. O discurso médico que propagou o aleitamento redefiniu os papéis no seio familiar no início do século XX (Sarilo, 2023). Inspirado por Portugal, no Brasil, a prática se tornou uma demanda da classe média urbana a partir do século XIX (Sandre-Pereira, 2003), consolidando a imagem popular da mãe-preta. Entretanto, como mostra Sarilo (2023), a medicina teceu críticas em relação ao aleitamento materno por meio de ama de leite para diminuir a mortalidade infantil e exercer controle disciplinar sobre os corpos das mulheres. Em relação à amamentação, há ainda o “tabu do seio materno” (Sandre-Pereira, 2003), em que há proibição tácita para tocar no seio materno, entendido como “sagrado”. Em sua pesquisa, Sandre-Pereira identificou que há uma dualidade na própria mulher entrevistada durante o período da amamentação entre o ser “boa mãe” e o “boa mulher”. Enquanto a “boa mãe” “precisa” amar, cuidar e nutrir seus filhos a partir do leite materno, a “boa mulher” é cobrada socialmente a priorizar e “satisfazer as necessidades” do parceiro (Sandre-Pereira, 2003).

Clastres (1978) já havia observado que o corpo conta a história de um povo, é memória. Os seios podem apresentar anatomia diferente após a amamentação. Ao tratar da tortura nas sociedades primitivas, Clastres identificou que as marcas deixadas nos corpos dos iniciados carregavam significados de pertencimento social e eram um obstáculo ao esquecimento. Contudo, conforme indicado nos dados desta pesquisa, as mudanças dos seus corpos e seios, após a gestação e a amamentação, foram narradas como um processo doloroso para a coenunciadora em questão. Por outro lado, marcas, como cicatrizes e estrias, foram mencionadas com orgulho como memória do que foi vivido.

O seio desnudo recebe ainda outros sentidos quando exposto em ambientes públicos. Mulheres ativistas ao redor do mundo têm utilizado a exposição dessa parte dos seus corpos, com frases curtas escritas em corpos, como “Meu corpo, minhas regras” (*My body, my choice*), para protestar contra as instituições conservadoras que oprimem as mulheres. No Brasil, um exemplo é o bloco de Carnaval Vaca Profana, em que as mulheres expõem seus seios como ato político em prol da libertação dos corpos femininos da lógica do patriarcado. Contudo, embora a nudez seja compreendida como instrumento político alinhado às causas feministas por algumas pessoas, por outras, é considerada uma forma de reforçar a objetificação do corpo feminino (Silva, 2016).

O sutiã é um símbolo de aprisionamento e controle sobre os corpos femininos, assim como os espartilhos no passado. Seu sentido também pode ter cunho político através da manifestação histórica denominada “Queima de sutiãs” (*Bra-burning*), que ocorreu no dia 7 de setembro de 1968. Ativistas se reuniram em frente ao teatro onde era realizado o concurso Miss América, em *Atlantic City*, nos EUA, portando adereços que representavam a objetificação e/ou a coerção social que acontece sobre os corpos femininos. Sutiãs, cintas e revistas seriam colocados em uma lata de lixo para serem queimados (Cordeiro & Mota, 2018; Braga, 2016).

A própria nudez feminina é utilizada como um instrumento de coerção e ameaça. Um exemplo disso é o compartilhamento de imagens íntimas de mulheres de maneira não consensual. Ao analisar processos comunicacionais em contextos desse tipo, Paz & Silva (2023) identificaram que a divulgação desse conteúdo é de caráter moral, baseada no paradigma patriarcal, sendo as mulheres descritas como “merecedoras” de serem penalizadas por terem um suposto comportamento

“inapropriado”. Conforme pontuado por Roichman (2020), diversas violências praticadas contra a mulher são naturalizadas. Em 1979, começaram a ser elaboradas políticas de enfrentamento à violência contra mulher no Brasil com a *Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher*. Antes disso, os homens envolvidos em casos de violência contra mulher eram inocentados com o argumento legal de defesa da honra (Hauber, 2020).

A criação da nomenclatura feminicídio e a adoção do termo nos discursos midiáticos são importantes para combater a invisibilização da violência contra a mulher. Segundo Butler, as mídias têm o poder regulatório de ensinar quais vidas, quais pessoas devemos nos compadecer (Butler, 2015). Entretanto, Hauber (2020) observou, em sua pesquisa com comentários na página de Facebook do jornal O Globo, que o uso do termo feminicídio incomoda mais, especialmente os homens, que a própria violência contra a mulher relatada na publicação. Nos comentários analisados, Hauber (2020) identificou que algumas pessoas responsabilizam a mulher pela violência sofrida.

No capítulo 3. *Corpo e gênero*, foi analisado o modo pelo qual as culturas deixam marcas nos corpos, utilizando contribuições da antropologia do corpo e teorias de autores, como Bourdieu (2007), Mauss (1934) e Rodrigues (2006). Em 1911, o antropólogo Franz Boas colaborou para o entendimento de que o corpo humano é mais que um fenômeno biológico, perspectiva difundida por alguns pesquisadores. Segundo Mauss (1934), o corpo é um produto cultural, e as “técnicas corporais”, como dormir, tossir e comer, são adquiridas socialmente, transmitidas pela cultura através de gerações (Mauss, 1934), assim como a expressão de sentimentos e emoções (Mauss, 1921). Sendo assim, rituais relacionados ao corpo, como comer e tomar banho, sofrem a mediação da cultura na qual está inserido, que indica onde, como e quando realizar cada ato. O conhecimento dessa “gramática” é essencial para o “bom convívio social”. (Rodrigues, 2006)

Adicionalmente, para Bourdieu (2007), o corpo evidencia “gostos de classe” através de sua forma anatômica, vestuário, cuidados de si, alimentação etc. Da mesma forma, segundo Rodrigues (2006), o corpo traz marcas de distinções sociais que “indicam” que determinadas pessoas podem ir (ou não) a determinados espaços, ocupar certas posições hierárquicas e/ou consumir certos produtos. Em relação ao corpo feminino em particular, existem “técnicas do

corpo” (Mauss, 1934), como a menstruação, o parto, o aborto, que carregam normas sociais próprias de cada cultura. Para refletir sobre estes assuntos, foram utilizadas/os autoras/es, como Braga (2006, 2016), Ortner (1974), Rezende (2020), Sarlo (2023) e Tornquist (2004).

Conforme aponta Rodrigues (2006), em diversas culturas, as mulheres podem ser afastadas das atividades e do convívio com familiares quando estiverem menstruadas. O sangue da menstruação é enxergado como um fluido diferente do sangue de outros ferimentos (Leal, 1995). Os aparelhos reprodutores do corpo feminino aparecem também na mitologia de diversas regiões do mundo de forma ofensiva., como a lenda popular sobre mulheres que possuem vaginas com dentes (Rodrigues, 2006). Segundo Ortner, a mulher ocupa um status secundário na sociedade devido a três aspectos: desvalorização social quanto aos produtos, papéis e tarefas femininas; arranjos sócio-estruturais que excluem as mulheres da liderança de funções da sociedade; mecanismos simbólicos, como a atribuição de “sujeira” ou “impureza” ao corpo feminino, como, por exemplo, a menstruação e o leite materno (Ortner, 1974).

O aborto também é atravessado pela cultura, por princípios religiosos e morais. De acordo com Beauvoir (1949), o aborto provocado é compreendido pelos homens como um acidente que a natureza condenou as mulheres, enquanto para as mulheres têm caráter moral. Velleda *et al* (2022) acrescentam que o direito de realizar a interrupção da gravidez é uma condição básica de autonomia sobre o próprio corpo.

O parto é também atravessado pela cultura. Existem diversas formas de dar à luz. No Brasil, as cesarianas são destaque, apesar das recentes críticas de uma patologização do corpo grávido, cesáreas utilizadas sem prescrição e uso de medicalização durante o ato. São realizadas aproximadamente 1.680.000 cesáreas por ano, segundo dados apresentados pelo Ministério da Saúde no Jornal da USP (Lemos, 2023). Inicialmente, a técnica era utilizada em caso de falecimento da mãe no parto, com o objetivo de salvar a/o bebê que estava viva/o de dentro da barriga da mãe antes do século XIX (Silva, 2020). Com o avanço da medicina, as cesarianas passaram a ser realizadas também com a finalidade de salvar a vida da mãe e/ou da/o bebê.

A intensificação das cesáreas tem alguns marcos históricos, como a transferência dos poderes das parteiras para a/o profissional da medicina no final

do século XIX (Tornquist, 2004). Isso acontece no Brasil em paralelo à chegada da Família Real ao Rio de Janeiro, em 1808, quando são criados os primeiros cursos de Medicina do país (Brenes, 1991). Também é neste período que é promovido o curso para parteira diplomada, com pré-requisitos excludentes (Tornquist, 2004). Assim, o papel da parteira foi desqualificado e punido pela biomedicina, apesar desses profissionais terem extraído saberes sobre o parto dessas profissionais. Além disso, de acordo com Tornquist (2004), a Igreja medieval associou as parteiras a feiticeiras e bruxas.

Com a redução da presença das parteiras, o parto passa a ser alvo de medicalização ao longo do século XX, quando começou a ser realizado em hospitais com obstetras, em sua maioria homens (Rezende, 2020). Segundo Rezende, é neste contexto com forte presença masculina que as intervenções pouco discutidas com as pacientes, como a cesárea, o uso de ocitocina sintética na indução do parto e anestesia, são praticadas. Há ainda abusos de medicalização e da adoção de procedimentos, como a episiotomia.

Para Tornquist (2004), o parto é um momento no qual as mulheres detêm poder, por isso a escolha pelo tipo de procedimento pode ser compreendida como uma forma de empoderamento das mulheres, além de ser incompatível com a norma social de que o corpo da mulher é passivo e frágil (Shabot, 2016). Entretanto, se por um lado a escolha pelo parto natural pode ser entendida como empoderadora, há também uma romantização dos partos naturais, o que pode se tornar uma nova pressão na vida das mulheres. (Rezende, 2020)

Esta pesquisa analisou 17 transcrições de entrevistas com os objetivos já mencionados de investigar como as mulheres participantes narram sua experiência corporal, em especial em relação aos seus seios, e produzem sentido sobre seus próprios corpos. A partir das transcrições, foi possível perceber como o sentido sobre os peitos é construído para essas mulheres. Durante o processo de sistematização dos dados, foram feitas diversas leituras das transcrições a fim de identificar recorrências e padrões. Em um primeiro momento, as recorrências encontradas no *corpus* possibilitaram a identificação de 23 padrões temáticos (envelhecimento, família, insatisfação, amamentação, medo, dor, mídias, silicone,

pêlos, cicatrizes sutias, estrias, seios estigmatizados, culpa, angústia, aceitação, hormônio, infância e adolescência, militância, assédio, prazer sexual, julgamento e vergonha).

Em uma segunda organização dos dados, foi possível identificar padrões complementares ou similares. Esses padrões complementares foram aglutinados, e 3 categorias analíticas foram estipuladas: a. “Homens geralmente olham com cobiça”: seios, família, saúde e sociedade, b. “Nunca amei meus peitos”: o mal estar na corporeidade feminina e c. “Eu adorava ver Dr. Hollywood”: mídias e imperialismo corporal. A estipulação destas categorias analíticas foi um processo desafiador. Afinal, as categorias se sobrepõem muitas vezes e não descreverem a totalidade do fenômeno. Por isso, é possível identificar o mesmo trecho de entrevista em mais de uma categoria, por exemplo.

Apesar deste trabalho ser qualitativo, é interessante pontuar que a categoria analítica “Homens geralmente olham com cobiça”: seios, família, saúde e sociedade foi a que apareceu com mais recorrência no material. Neste conjunto de dados, foram analisados trechos de transcrições das mulheres entrevistadas que evidenciaram diversos episódios de coerção social sobre os corpos femininos em contextos distintos, como ambientes corporativos e familiares. Por outro lado, também no ambiente familiar, foi relatado “apoio” em momentos que a entrevistada demonstrou insatisfação com seu próprio corpo. Também nesta categoria analítica, foram evidenciados diversos estigmas, como “seios fora do padrão” e a presença de pêlos no colo. Através da análise das falas das participantes, ficou claro que existe uma convenção social que orienta que os corpos femininos sejam lisos, sem pêlos e que os seios apresentem uma determinada anatomia que considera o seio adolescente como a “forma ideal”.

Além disso, se, por um lado, o excesso de pêlos foi associado a um constrangimento de si e ao julgamento alheio, principalmente em ambientes públicos, por outro, foi um “mecanismo de proteção” ao assédio masculino. Foi possível observar também que, quando as entrevistadas identificam características que supostamente são diferentes do “padrão”, recorreram à medicina, através de exames e consultas médicas, para compreender se existia algo de errado com sua saúde física. No caso do “excesso” de pêlos, houve certa preocupação por parte da entrevista com a sua saúde física, mesmo sendo essa a única característica que

pudesse se referir a um suposto “problema”. O mesmo ocorreu no caso da entrevistada que possui mamilos invertidos.

Os seios grandes aparecem em algumas transcrições como uma característica desejada. Essa característica física foi almejada em diferentes fases da vida, mas com destaque na infância e na adolescência, como indicaram os dados analisados. Para isso, algumas mulheres se submeteram a procedimentos cirúrgicos, como o implante de próteses de silicone, e, na infância, ouviram uma lenda de que “chupar limão fazia os seios crescerem”.

Neste conjunto de dados, foi observada como a ideia de autoaceitação corporal se apresentou no caso das mulheres entrevistadas. As participantes se colocaram como são responsáveis para lidar com a aceitação da aparência dos seus seios. Foi identificado o uso de verbos no imperativo, como “**tenho que** trabalhar muito” (entrevistada 1) e “**não posso** cair nessa cilada da perfeição” (entrevistada 10). O processo de autoaceitação foi descrito em diversos trechos também como uma demanda em andamento. As coenunciadoras utilizaram marcadores de tempo, como verbos no gerúndio (“**tá** sempre **buscando**” - entrevistada 13) e advérbios de tempo, como “**ainda** é um caminho a percorrer” (entrevistada 7) e “**por enquanto**” (entrevistada 12). Ou seja, a autoaceitação corporal surge como uma nova demanda social a ser cumprida pelas mulheres. Há um custo emocional e social significativo para “se aceitar” e “se amar”. Ao final deste trabalho, fica claro que o corpo feminino é descrito como em constante imperfeição, que “precisaria” de intervenção (física ou mental) e manutenção a todo momento.

A segunda categoria “Nunca amei meus peitos”: o mal estar da corporeidade buscou mapear as emoções citadas nas falas das entrevistadas no que tange seus seios. Foram identificadas nas transcrições a presença de medo, ansiedade, (in)satisfação, preocupação, gratidão, prazer (ou falta de). Medo, angústia e ansiedade foram algumas das emoções citadas pelas entrevistadas quando havia a possibilidade de desenvolver doenças, como o câncer de mama. As coenunciadoras demonstraram ter medo de como seus corpos iriam se apresentar após o câncer: medo de se ver “deformada” (entrevistada 9) ou mencionaram a busca por procedimentos para “reconstruir” fisicamente seus corpos, como tatuagens reconstrutivas de mamilos (entrevistada 5).

A amamentação e o prazer sexual foram identificados também no material, mas com pouca recorrência. A aleitamento foi mencionado apenas em uma transcrição, associado ao sentimento de gratidão em alimentar seu filho e outras crianças de maneira saudável. Entretanto, a coenunciadora em questão descreveu as mudanças anatômicas nos seios após a amamentação com bastante insatisfação. Já o prazer sexual foi citado por duas entrevistadas. Enquanto uma destacou a sensação de orgasmos através do toque em seus seios, a outra indicou que acredita ter sentido menos prazer sexual devido à insatisfação com seu corpo. O envelhecimento também foi um assunto tratado nesta categoria. As marcas da passagem do tempo foram citadas em diversas entrevistas. O tema surgiu em diversas transcrições associado ao medo, à insatisfação e à responsabilização de que a entrevistada “resolva” e “lide” melhor com o suposto “problema”, conforme indicado também na categoria “Homens geralmente olham com cobiça”: seios, família, saúde e sociedade”.

A categoria “Eu adorava ver Dr. Hollywood”: mídias e imperialismo corporal pretendeu analisar a relação entre produtos midiáticos mencionados pelas entrevistadas e seus próprios corpos, em particular os seios. Após análise dos trechos das entrevistas, foi possível concluir que as mídias podem oferecer informações relevantes sobre a saúde física da mulher. Um exemplo é a notícia citada por uma participante sobre o desenvolvimento de doenças autoimunes em relação a implantes de silicone. Por outro lado, as mídias também podem produzir e reproduzir coerção social sobre os corpos femininos. Em diversos exemplos, foi possível identificar que as mídias, de maneira pedagógica, reforçam quais características os corpos femininos “deveriam (ou não) ter”, como foi demonstrado nos exemplos que citam a revista *Capricho* e o reality show *Dr. Hollywood*.

Os dados indicam também a influência das próprias celebridades em relação às entrevistadas, que passaram a desejar atributos que viam nessas pessoas, como, no caso da cantora Geri Halliwell, da banda britânica *Spice Girls*, em que a coenunciadora menciona o desejo de ter características como “ser ruiva” e ter “seios grandes”. Indiretamente, há também o caso da atriz Angelina Jolie. Apesar de não ter sido mencionada nos dados desta pesquisa, no mesmo período em que a entrevistada era adolescente, a atriz realizou um procedimento cirúrgico com o objetivo de reduzir as chances de desenvolver câncer de mama, doença que

acometeu sua mãe. No *reality show Dr. Hollywood*, foi narrada a história de uma mulher que, como Angelina Jolie, removeu as mamas para prevenir o desenvolvimento do câncer. Essa história impactou a coenunciadora, que relatou o desejo de colocar silicone quando era apenas adolescente. Ou seja, as mídias oferecem “soluções” e “recursos” para as/os espectadoras/es que podem ser influenciadas/os a desejar determinada característica corporal ou realizar certos procedimentos para se “prevenir” de doenças, como o câncer de mama. Por outro lado, foi interessante observar o uso da palavra “nirvana” em uma das falas da entrevistada para indicar que ela “desconstruiu seu olhar” em relação a esses “corpos perfeitos” exibidos nas páginas da revista erótica *Playboy*. Para isso, mencionou que seguir mulheres com “corpos reais” no Instagram foi importante nesse processo de desconstrução.

Esta pesquisa pretendeu contribuir com algumas áreas, como estudos de gênero, antropologia do corpo e Comunicação, oferecendo uma interpretação das complexas relações entre corpo feminino e suas dimensões culturais e sociais. Destaco ainda que meu objetivo como pesquisadora foi também estimular que as mulheres tenham uma relação mais saudável com seus corpos, principalmente seus seios, oferecendo uma visão crítica sobre o fenômeno.

Ao final desta pesquisa, foi possível identificar que a coerção social sobre os corpos femininos ocorre de maneira tácita e em diversos contextos, seja através de conteúdos criados e difundidos em mídias de diferentes formatos, em ambientes familiares, corporativos etc. O corpo está sujeito às relações sociais e às políticas sob as quais vive (Butler, 2015), no caso, ao patriarcado, apesar dos esforços dos movimentos feministas atuais que buscam modificar essa lógica.

As mídias, conforme mencionado por Braga (2016) anteriormente, constroem e ofertam sentidos sobre os corpos femininos, reforçando o “padrão de beleza” vigente. Segundo os relatos das participantes desta pesquisa, as mulheres, em especial de gerações mais velhas, como mães e avós, reproduzem essas normas e convenções sociais sobre o corpo e o comportamento feminino “ideal”, enquanto gerações mais novas, nas entrevistas, apareceram tentando impedir que esse “padrão ideal” impacte a autopercepção das mulheres sobre seus corpos (“nada a ver, minha mãe, **pare com isso. Você é linda!**” - entrevistada 10).

Portanto, esta pesquisa oferece um panorama sobre a situação atual de algumas mulheres, que pode ser aprofundado e desdobrado em perspectivas

diversas para dar contornos mais definidos a questões de idade e raça, por exemplo. Para isso, acredito que abordar teorias feministas latino-americanas que levem em consideração a interseccionalidade serão fundamentais para desenvolver uma visão mais complexa e plural do fenômeno como um todo. Contudo, é interessante observar que questões de classe e raça não apareceram nas entrevistas, o que evidencia que as mulheres independentemente de sua situação de classe, gênero ou raça vivenciam desconforto e incômodo corporal.

Além disso, como foi observado no conjunto de dados analisados e estabelecido na categoria analítica “Nunca amei meus peitos”: o mal estar na corporeidade feminina, diversas emoções foram citadas pelas entrevistadas em relação ao corpo. Gratidão, medo, insatisfação, preocupação e ansiedade são alguns exemplos. Acredito que esta pesquisa poderá ter desdobramentos relevantes quando associada às teorias da antropologia das emoções, que tem o entendimento de que a expressão das emoções é aprendida e construída socialmente. Para Mauss (1979), a expressão de uma emoção é uma ação simbólica, uma linguagem aprendida e expressa coletivamente. “Manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros.” (Mauss, 1979, p. 153). Para melhor compreender os atravessamentos possíveis em relação ao corpo, a perspectiva da antropologia das emoções poderá ser bastante interessante. Autores, como Le Breton (2019), Mauss (1979), Rezende & Coelho (2010) e Siqueira (2015), serão úteis para o desenvolvimento dessa abordagem teórico-metodológica.

A antropologia das emoções também será importante para compreender mais profundamente as transcrições das participantes sobre autoaceitação e insatisfação corporal. Foi possível identificar nesses trechos que as participantes se sentem responsáveis por aceitar sua aparência física. O discurso de autocuidado presente nas mídias, utilizado hoje por marcas para vender produtos e serviços, opera a partir da lógica capitalista. Como demonstrou Januário (2022), o mercado publicitário tem se utilizado de algumas pautas feministas, como representações mais realistas da mulher em campanhas, o “feminismo de mercado”. Da mesma maneira, as influenciadoras que se uniram ao movimento *Body Positive (BoPo)* operam a partir de uma lógica capitalista (Conde & Seixas, 2021). Segundo Conde & Seixas (2021), o movimento está associado a uma perspectiva medicalizante de regulação do corpo, que utiliza como estratégia um discurso neoliberal camuflado de aceitação de si mesmo e amor próprio.

7

Referências

ABORTO – o que diz a lei. **JUSBRASIL**, 2019. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/aborto-o-que-diz-a-lei/414535657>. Acesso em 03/03/2024.

ALMEIRA, Lucas e SIQUEIRA, Denise. **Corpos, afetos e interações: imagens de viajantes tatuados no Instagram**. Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura (PósCom-UFBA): v. 16, p. 230-251, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/contemporanea.v16i1.25956>

AMIN, Júlia. **De objeto a sujeito: o corpo feminino e drag nos cliques de MC Daleste e de Gloria Groove**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UFPB – 5 a 9/9/2022. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0810202217523562f41a930dc95.pdf>

ANUÁRIO Brasileiro de Segurança Pública. 17º edição. **Fórum Brasileiro de Segurança Pública**, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em 26/02/2024

AURELIANO, Waleska. “... **E Deus criou a mulher**”: reconstruindo o corpo feminino na experiência do câncer de mama. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, vol. 17, nº 1: 296, p. 49-70, janeiro-abril/2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000100004>

BACCARIM, Roberta. **Circulação e repetição do seio disfórico: elementos para uma reconfiguração estéticopolítica do corpo explantado nas imagens do Instagram**. In: 32º Encontro Anual da Compós, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo - SP. 03 a 07 de julho de 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2023/trabalhos/circulacao-e-repeticao-do-seio-disforico-elementos-para-uma-reconfiguracao-estet?lang=pt-br>

BASTOS, Liliana e BIAR, Liana. **Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social**. D.E.L.T.A., 31-especial, p. 97-126, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-445083363903760077>

BASTOS, Suelen. Alunos suspeitos de criar montagem de colegas nuas são identificados e podem responder como menores infratores. **g1**, Rio de Janeiro, 02/11/2023. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/11/02/alunos-suspeitos-criar-montagem-colegas-nuas-inteligencia-artificial.ghtml>. Acesso em 16/11/2023

BATESON, Gregory. **Steps to an Ecology of Mind: Collected Essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution, and Epistemology**. Estados Unidos: University of Chicago Press, 2000 [1972]

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: 2. A experiência vivida**. São Paulo: Circulo do Livro SA, vol. 2, 1949

BIANCA BARROCA. **Instagram**, @biancabarroca. Disponível em: <https://www.instagram.com/biancabarroca/>. Acesso em: 03/03/2024

BLEFAROPLASTIA preço: descubra o valor e formas de pagamento em 2024. **Plástica do Sonho**, 15/jan/2024. Seção Blefaroplastia Preço. Disponível em <https://www.plasticadosonho.com.br/cirurgia-plastica/blefaroplastia/blefaroplastia-preco/>. Acesso em 23/02/2024

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4239100/mod_resource/content/0/Pierre_Bourdieu%20-%20A%20Distin%20C3%A7%C3%A3o.pdf

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022 [2002]

BRAGA, Adriana. **Corpo-versão: jornalismo e discurso na imprensa feminina**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016. Disponível em: <http://www.editora.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=394&sid=3>

_____. **Maternidades digitais: identidade, classe e gênero nas redes sociais**. Razón y palabra, Vol. 24, N°. 108, 2020. Disponível em: <https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/1659>

_____. **Maternidades digitais: identidade, classe e gênero nas redes sociais**. In: OLIVEIRA-CRUZ, Milena e MENDONÇA, Maria (Orgs). *Maternidade nas mídias*. Rio Grande do Sul: FACOS - UFSM, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/21291/Maternidade%20nas%20M%C3%ADdias.pdf>

_____. **“Pêlo sim, pêlo não” ou Como fugir para o mesmo lugar**. In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXV, Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/170124425406239159839863247396484146120.pdf>

_____. **Personas Materno-Eletrônicas: feminilidade e Interação no Blog Mothern**. Porto Alegre: Sulina, 2008

BRAGA, Adriana e GASTALDO, Édison. **Perspectivas Naturalistas em Comunicação: uma angulação teórico-metodológica**. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata; MARTINO, Luiz Claudio. (Org.). *Pesquisa Empírica em Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2010, v. , p. 87-108.

_____. **Pertencimento como categoria analítica: etnometodologia para os estudos de comunicação.** E-Compós, v. 22(1), 2018. Disponível em <https://doi.org/10.30962/ec.1563>

BRENES, Anayansi. **História da parturição no Brasil, século XIX.** Cadernos de Saúde Pública, RJ, 7 (2): 135-149, abr/jun 1991. Disponível: <https://www.scielo.br/j/csp/a/xFmLWvbx9BRGyJXW38gFXpP/?format=pdf&lang=pt>

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018. Disponível em: <https://11nq.com/PBuUz>

_____. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2015. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5639899/mod_resource/content/1/Quadros%20de%20Guerra%20-%20Judith%20Butler.pdf

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o estado.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2082035/mod_resource/content/0/Clastres%20tortura.pdf

COIMBRA, Iana. **Escrita de Si e Escrita do Corpo: A contribuição de Michel Foucault e Hélène Cixous para análise de relatos de parto publicados no Instagram.** In: Anais do 31º Encontro Anual da Compós, 2022, Imperatriz. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2022. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/escrita-de-si-e-escrita-do-corpo-a-contribuicao-de-michel-foucault-e-helene-cixo?lang=pt-br>

CONVENÇÃO sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher. **Procuradoria Geral do Estado de São Paulo (PGE)**, 1979. Disponível em: <https://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/instrumentos/discrimulher.htm>. Acesso em: 30/11/2023

CORDEIRO, Luiza Helena e MOTA, Maria Dolores. **A “Queima de Sutiãs” de 1968: relações entre corpo e roupa na construção de um acontecimento simbólico feminista.** Bilros, Fortaleza, v. 6, n. 13, p. 138-158, set.-dez., 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/bilros/article/view/7884>

DECRETO-LEI nº 2.848, de 07 de dezembro de 1940. **Presidência da República Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos**, sem data. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm. Acesso em 03/03/2024

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil.** São Paulo: Editora Senac, 2000

DI LAURO, Laís. **Corpos desobedientes: repercussões do corpo gordo no Instagram.** In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – PUC-Minas – 4 a 8/set/2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0817202317142564de7fa1b327e.pdf

DINIZ, Debora, MEDEIROS, Marcelo e MADEIRO, Alberto. **Pesquisa Nacional de Aborto - Brasil, 2021.** Ciência saúde coletiva 28 (06), Jun 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023286.01892023>

DIRETRIZ Sobre Cuidados No Aborto Resumo. **Organização Mundial de Saúde (OMS)**, 2022. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/355465/9789240051447-por.pdf?sequence=1>. Acesso em 30/11/2023

DIRETRIZES Nacionais De Assistência Ao Parto Normal (Versão Resumida). **Ministério da saúde**, Brasília, 2017. Acesso em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_assistencia_parto_normal.pdf. Disponível em: 02/12/2023

EM decisão histórica, parlamento da França torna o aborto um direito previsto na constituição. **g1**, 04/mar/2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/03/04/parlamento-da-franca-torna-o-aborto-um-direito-constitucional.ghtml>. Acesso em 07/03/2024

ERICKSON, Erik. **Infância e Sociedade.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1987

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e Gênero no Brasil: discutindo a relação.** Revista Eco-Pós, 23 (3), 103–138. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27643>

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos.** Belo Horizonte: Nandyala, 2017

FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and Social Change.** Estados Unidos: Polity Press, 1993

FEDERICI, Silvia. **O patriarcado do salário: notas sobre Marx, Gênero e Feminismo.** São Paulo: Boitempo, 2021

FERREIRA, Maria Leticia. **O retrato de si.** In: LEAL, Ondina (Org). Corpo e significado: ensaios de antropologia social. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995

FLEURY, Petrônio. **Blefaroplastia: entenda como funciona o pós-operatório.** Sem data. Disponível em <https://plasticafleury.com.br/novidade/blefaroplastia-entenda-como-funciona-o-pos-operatorio>. Acesso em 03/03/2024

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1997

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio - 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014 [1970]

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes 1987.

Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/121335/mod_resource/content/1/Foucault_Vigiar%20e%20punir%20I%20e%20II.pdf

GABRIELA PUGLIESE. **Instagram**, @eusougabriela. Disponível em: <https://www.instagram.com/eusougabriela/>. Acesso em: 03/03/2024

GALETTI, Camila. **Repensando as relações entre gênero e capitalismo: discussão sobre trabalho e salário**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 30, n. 2, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cpMqXJ9BzmxR4P9RsdTZXGr/>

GARFINKEL, Harold. **Estudos da etnometodologia**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018 [1967]

GIDDENS, Anthony. **Goffman: um teórico social sistemático**. In: Coelho, M.C. (Ed.) Estudos da interação: textos escolhidos. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013 [1987]

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 20ª edição, 2014

_____. **Estigma: notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores 4ª ed, 1982

_____. **Gender Display**. In: Gender Advertisements. Communications and Culture. Palgrave, London, 1976. Disponível em: <https://www.csun.edu/~snk1966/Goffman%20Gender%20Display.pdf>

GUMPERZ, John. **Convenções de contextualização**. In: Ribeiro, B.T.; Garcez, P. Sociolinguística interacional. São Paulo: Edições Loyola, 2002 [1982]

GUTERRES, Liliane. **O corpo carnavalesco**. In: LEAL, Ondina. Corpo e significado: ensaios de antropologia social. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995

GUERRILHA Girls - Gráfica, 1985-2017. **MASP**, São Paulo, sem data. Disponível em: <https://masp.org.br/exposicoes/guerrilla-girls-grafica-1985-2017>. Acesso em 25/02/2024

HABCKOST, Gabriela. **Corporalidades Gordas Eletrônicas: Rupturas e Sentidos Possíveis em Textos Culturais nas Mídias Digitais**. In: Intercom –

Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, virtual, 4 a 9/10/2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt7-ep/gabriela-saraiiva-habckost.pdf>

HÁ onze anos, STF descriminalizou a interrupção da gravidez de feto anencéfalos. **Supremo Tribunal Federal**, 07/mar/2023. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe>. Acesso em 03/03/2024

HAUBER, Gabriella. **Por que o termo feminicídio incomoda tanto? um estudo de caso de comentários de posts da página do Facebook do Jornal O Globo**. Cadernos Pagu (Campinas: São Paulo, online), v. 59, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202000590013>

HYMES, Dell. **What is Ethnography?** Southwest Educational Development Laboratory, 1978

ISABELLA TRAD. **Instagram**, @todebells. Disponível em: <https://www.instagram.com/todebells>. Acesso em: 03/03/2024

ISAPS International Survey on Aesthetic/Cosmetic Procedures 2020. **International Society Of Aesthetic Plastic Surgery (ISAPS)**, 2020. Disponível em https://www.isaps.org/media/hprk1132/isaps-global-survey_2020.pdf. Acesso em 23/02/2024

ISAPS International Survey on Aesthetic/Cosmetic Procedures 2022. **International Society Of Aesthetic Plastic Surgery (ISAPS)**, 2022. Disponível em https://www.isaps.org/media/a0qfm4h3/isaps-global-survey_2022.pdf. Acesso em 23/02/2024

JANUÁRIO, Soraya. Beleza como instrumento de empoderamento? Feminismo de mercado aplicado as estratégias publicitárias de marcas de cosméticos no Brasil. *In*: Anais do 31º Encontro Anual da Compós, 2022, Imperatriz. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2022. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/beleza-como-instrumento-de-empoderamento-feminismo-de-mercado-aplicado-as-estrat?lang=pt-br>

KAUR, Rupí. **Outros jeitos de usar a boca**. São Paulo: Planeta, 2017

LABOV, William. **The transformation of experience in narrative syntax**. *In*: _____. *Language in the inner city*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972. p. 354-397

LAGE, Leandro, CAL, Daniela e SILVA, Bárbara. **Corpo e poder: as condições de vulnerabilidade da mulher mãe no debate midiático sobre o parto**. Cadernos Pagu (Campinas: São Paulo, online), 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202000590015>

LEAL, Ondina. Sangue, fertilidade e práticas contraceptivas. *In*: LEAL, Ondina (Org). **Corpo e significado: ensaios de antropologia social**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995

LE BRETON, David. **Antropologia das emoções**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019

_____. **Éclats de rire: fragments d'une anthropologie du rieur**. Revue des Sciences sociales, Presses Universitaires de Strasbourg, Humor et dérision, p. 16-23, 2010. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/revss_1623-6572_2010_num_43_1_1268

LEI do Femicídio faz cinco anos. **Câmara dos Deputados**, 09/mar/2020. Seção: Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/643729-lei-do-femicidio-faz-cinco-anos/>. Acesso em: 30/11/2023

LEMOS, Simone. Brasil tem o segundo maior número de cesáreas no mundo, apesar dos riscos. **Jornal USP**, São Paulo, 28/ago/2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/brasil-tem-o-segundo-maior-numero-de-cesareas-no-mundo-apesar-dos-riscos/>. Acesso em 30/11/2023

MACHADO, Lia Zanotta. **O aborto como direito e o aborto como crime: o retrocesso neoconservador**. Cadernos pagu (50), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201700500004>

MAGALHÃES, Izabel. **Introdução: A Análise de Discurso Crítica**. D.E.L.T.A., 21: Especial, 2005 (p.1-9). <https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000300002>

MAINGUENEAU, Dominique. **A Análise do Discurso e suas fronteiras**. Matraga, Rio de Janeiro, v.14, n.20, p.13-p.37, jan./jun. 2007. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nad/MAINGUENEAU%20-%20An%C3%A1lise%20do%20discurso%20e%20suas%20fronteiras.pdf

_____. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2004. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6651574/mod_folder/content/0/MAINGUENEAU%20-%20An%C3%A1lise%20de%20textos%20de%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20-%20cap.%201_2_3.pdf?forcedownload=1

MAMA. **Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP)**, sem data. Disponível em: <https://www.cirurgioplastica.org.br/cirurgias-e-procedimentos/mama/>. Acesso em 30/11/2023

MAMOPLASTIA plástica: quanto custa turbinar os seios. **Silicone Center**, 18/jul/2013. Seção Próteses de Silicone. Disponível em: <https://siliconecenter.com.br/blog/media-mamoplastia-preco-2023>. Acesso em 13/11/2023

MANHÃES, Eduardo. **Análise do Discurso**. In: DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio (Org). Métodos e Técnicas de Pesquisa Em Comunicação. Atlas, 2006

MARIDO se separa de mulher abacaxi após desfile com os seios de fora na sapucaí. **Revista Quem**, 19/fev/2023. Seção Carnaval. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/eventos/carnaval/noticia/2023/02/marido-se-separa-de-mulher-abacaxi-apos-desfile-com-os-seios-de-fora-na-sapuca-i.ghtml>. Acesso em 17/09/2023

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. 6. Ed. São Paulo: Ática, 2007

MAUSS, Marcel. **A expressão obrigatória de sentimentos** (1921). In: Marcel Mauss: antropologia. São Paulo: Editora Ática, 1979. Disponível em: https://www.academia.edu/4026854/Mauss_A_expressao_obrigatoria_dos_sentimentos

_____. **As técnicas do Corpo**. In: Sociologia e antropologia. Editora Cosac & Naify, 2003. Disponível em: https://monoskop.org/images/b/bb/Mauss_Marcel_1935_2003_As_tecnicas_do_corpo.pdf

MENDONÇA, Carlos; MEDEIROS, Ettore e ARAÚJO, Gregory. **Corpos Incômodos: textualidade, educação e experiência comunicacional nas práticas de ódio contra a população LGBTQ+**. In: Anais do 30º Encontro Anual da Compós, 2021, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2021/trabalhos/corpos-incomodos-textualidade-educacao-e-experiencia-comunicacional-nas-praticas?lang=pt-br>

MOVIMENTO CORPO LIVRE. **Instagram**, @movimentocorpolive. Disponível em: <https://www.instagram.com/movimentocorpolive/>. Acesso em: 19/01/2024

OLIVEIRA, Eduardo & RICCI, Larissa. **Mulheres fazem 'mamaço' após mãe ser constrangida ao amamentar filha em shopping**. Disponível em https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2018/04/28/interna_gerais.955047/mulheres-fazem-mamaco-apos-mae-ser-constrangida-ao-amamentar-filha-e.shtml. Acesso em 23/11/2023

OLIVEIRA, Leandro; MOTTER, Clarissa e SOARES, Gabrielle. **Padecendo no ambiente corporativo: relatos dos desafios da maternidade na rede linkedin**. In: Anais do 31º Encontro Anual da Compós, 2022, Imperatriz. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2022. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/padecendo-no-ambiente-corporativo-relatos-dos-desafios-da-maternidade-na-rede-li?lang=pt-br>

OLIVEIRA-CRUZ, Milena e MENDONÇA, Maria de. **Maternidade nas mídias**. In: _____ (Orgs). Maternidade nas mídias. Rio Grande do Sul: FACOS - UFSM, 2021. Disponível em:

<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/21291/Maternidade%20nas%20M%C3%ADdias.pdf>

OSTERMANN, Ana Cristina e OLIVEIRA, Maria do Carmo. **Você está entendendo?** São Paulo: Mercado de Letras, 2015

OSTRUCA, Douglas e MONTARGIL, Gilmar. **Drags e transformistas na Comunicação: estado da arte dos anais dos Grupos de Pesquisa da Intercom nacional de 2001 a 2021**. In: Anais da Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UFPB – 5 a 9/9/2022. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0706202211471262c5a07079b74.pdf>

ORTNER, Sherrie. **Is female to male as nature is to culture?** In: ROSALDO, M. and LAMPHERE, L. (Orgs), *Woman, culture, and society*. Stanford, CA: Stanford University Press, p. 68-87, 1974. Disponível em: https://www.uio.no/studier/emner/sv/sai/SOSANT1600/v12/Ortner_Is_female_to_male.pdf

PAIVA, Raquel. **FEMINICÍDIO E JORNALISMO NO BRASIL: atuação do feminismo nas redes**. ÂNCORA – Revista Latino-americana de Jornalismo (João Pessoa), v. 6 n. 2, p. 48-68, jul - dez/2019: Eixo Temático: Estudos Feministas e de Gênero em Jornalismo: História, Metodologia e Epistemologia. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2359-375X.2019v6n2.49574>

PAZ, Aline e SILVA, Sandra. **A narrativa mítica em processos comunicacionais na exposição não consensual de mulheres na internet**. Galáxia (São Paulo, online), v. 48, p. 1-21, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-2553202359093>

PECHEUX, Michel. **Análise de Discurso Três Épocas**. In: GADET e HAK (Orgs). *Por uma análise automática do discurso [1969]*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997

POPOLIN, Guilherme. Masculinizar a mulher e feminilizar o homem: o conluio entre LGBT+ e a esquerda para implantar a “ideologia de gênero” no Brasil. In: Anais do 30º Encontro Anual da Compós, 2021, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2021/trabalhos/masculinizar-a-mulher-e-feminilizar-o-homem-o-conluio-entre-lgbt-plus-e-a-esquer?lang=pt-br>

POR QUE o exemplo de angelina jolie é importante? **Oncoguia**, 13/set/2015. Disponível em: <https://www.oncoguia.org.br/conteudo/por-que-o-exemplo-de-angelina-jolie-e-importante/>. Acesso em 01/03/2024

PROJETO PEITOS DE FORA. **Instagram**, @peitos.de.fora. Disponível em: <https://www.instagram.com/peitos.de.fora/>. Acesso em: 30/11/2023

QUAL a diferença entre mamoplastia de aumento e mastopexia. **Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP)**, sem data. Disponível em: <https://sbcpsc.org.br/artigos/qual-e-diferenca-entre-mamoplastia-de-aumento-e-mastopexia>. Acesso em 09/11/2023

RAMOS, Aline. Os peitos da Bruna Marquezine abriram um debate sobre padrão estético. **Buzzfeed**, 2018. Disponível em: <https://buzzfeed.com.br/post/os-peitos-da-bruna-marquezine-abriram-um-debate-sobre-padroao-estetico>. Acesso em 20/dez/2023

RAISSA GALVÃO. **Instagram**, @rayneon. Disponível: <https://www.instagram.com/rayneon/>. Acesso em: 03/03/2024

REVISTA TPM. **Instagram**, @revistatpm Disponível em: <https://www.instagram.com/revistatpm/>. Acesso em: 19/01/2024

REZENDE, Claudia. Corpo, emoção e subjetividade em relatos de parto na internet. In: SIQUEIRA, Denise (Org). **Corpos, Imaginários e Afetos nas Narrativas do eu** - 1ª ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2020

REZENDE, Claudia e COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2010.

RIBEIRO, Jéssica. **#AbortoLegal2020: o movimento feminista e as manifestações pela não criminalização do aborto na Argentina**. 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom. Virtual, 4 a 9/10/2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt7-ep/jessica-faria-ribeiro.pdf>

RIBEIRO, Maria Cristina D. **A corporalidade nos contos de fada**. In: LEAL, Ondina (Org). **Corpo e significado: ensaios de antropologia social**. - Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995

RODRIGUES, José Carlos. **Prefácio**. In: BRAGA, Adriana. **Corpo-versão: jornalismo e discurso na imprensa feminina**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016. Disponível em: <http://www.editora.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=394&sid=3>

_____. **Tabu do corpo**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006

RODRIGUES, Adriano e BRAGA, Adriana. **Análises do discurso e abordagem etnometodológica do discurso**. MATRIZES, São Paulo, v. 9, nº 2, p. 117-134, jul/dez 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i2p117-134>

ROICHMAN, Carlos. **Faca, peixeira, canivete: uma análise da lei do feminicídio no Brasil**. Revista Katálysis (Santa Catarina), v. 23, nº 2, p. 357-365, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n2p357>

SACKS, Harvey, SCHEGLOFF, Emanuel & JEFFERSON, Gail. **A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation**. *Language*, v. 50, n. 4, p. 696-735, 1974

SANDRE-PEREIRA, Gilza. **Amamentação e sexualidade**. Florianópolis: Estudos Feministas, vol. 11, nº 2 (julho/dezembro - 2003), p. 467-491. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2003000200007>

SARLO, Paola. **A norma e a forma: a medicalização da mulher na publicidade de fármacos da década de 1920**. Tese (Doutorado em Comunicação) - Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 294, 2023. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/64356/64356.PDF>

SAYÃO, Rosely. Decisões da Maternidade. **Folha de S.Paulo**, Cotidiano, 24 fev. 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/roselysayao/2015/02/1593849-decisoes-da-maternidade.shtml>. Acesso em 30/04/2024

SCHIFFRIN, Deborah. **Approaches to discourse**. Oxford UK and Cambridge USA: Blackwell, 1994

SEFFNER, Fernando. **AIDS, estima e corpo**. In: LEAL, Ondina (Org). *Corpo e significado: ensaios de antropologia social* - Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1995

SILVA, Tainá A. e. **Relatos de parto no Facebook : interação social e gênero no grupo Parto Natural**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 203, 2020. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/49455/49455.PDF>

SILVA, Tarcisio. **A biopolítica do corpo feminino em estratégias contemporâneas de ativismo digital**. Florianópolis: Estudos Feministas, 24(3):398, setembro-dezembro/2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p739>

SIQUEIRA, Denise (Org). **Construção Social das Emoções: corpo e produção de sentidos na Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2015

SHABOT, Sara. **Making loud bodies “Feminine”: A feminist-phenomenological analysis of obstetric violence**. *Human Studies*, v. 39, n. 2, p. 231-247, 2016. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10746-015-9369-x>

SHREK. Direção: Andrew Adamson e Vicky Jenson. Produção: Aron Warner, John H. Williams e Jeffrey Katzenberg. Estados Unidos: DreamWorks Pictures, 2001

SOUZA, Ana Luiza e POLIVANOV, Beatriz. **Textão-desabafo no Facebook: categoria discursiva para debates sobre a maternidade.** In: OLIVEIRA-CRUZ e MENDONÇA (Orgs). *Maternidade nas mídias*. Rio Grande do Sul: FACOS - UFSM, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/21291/Maternidade%20nas%20M%C3%ADdias.pdf>

THAIS CARLA. **Instagram**, @thaiscarla. Disponível em: <https://www.instagram.com/thaiscarla>. Acesso em: 03/03/2024

THE BODY POSITIVE. **Instagram**, thebodypositive. Disponível em: <https://www.instagram.com/thebodypositive>. Acesso em: 26/02/2024

THE WORLD'S ABORTION LAW. **Center For Reproductive Rights**. Sem data. Disponível em: [https://reproductiverights.org/maps/worlds-abortion-laws/?indications\[1370\]=1370](https://reproductiverights.org/maps/worlds-abortion-laws/?indications[1370]=1370). Acesso em 03/03/2024

TORNQUIST, Carmen. **Parto e poder: o movimento pela humanização do parto no Brasil.** Tese (Doutorado em Antropologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal De Santa Catarina, p. 429, 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/104391022/Parto_e_poder_o_movimento_pela_humaniza%C3%A7%C3%A3o_do_parto_no_Brasil

VAGINA dentada (*Teeth*). Direção: Mitchell Lichtenstein. Produção: Mitchell Lichtenstein e Joyce Pierpoline. Estados Unidos: Roadside Attractions Dimension Extreme, 2007

VARGES, Júlia P. 'UM DATE QUE CORREU MAL': violência sexual, exposeds e agência. In: ANAIS DO 31º ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 2022, Imperatriz. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2022. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2022/trabalhos/um-date-que-correu-mal-violencia-sexual-exposeds-e-agencia?lang=pt-br>

VELLEDA, Kimberly, OLIVEIRA, Stefanie e CASARIN, Sidnéia. **O aborto provocado e seus estigmas: uma problematização foucaultiana em enfermagem.** *Cadernos Pagu*, São Paulo, v. 64, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202200640018>

VICENTIN, Carolina. Amamentação: Somos um pouco “vacas”, mas isso não deixa nada fácil. **Metrópoles**, 05/ago/2016. Disponível em: <https://www.metropoles.com/licenca-maternidade/amamentacao-somos-sim-um-pouco-vacas-mas-isso-nao-deixa-as-coisas-mais-faceis>. Acesso em 20/01/2024

WATSON, Rod e GASTALDO, Édison. **Etnometodologia e Análise da Conversa.** Rio de Janeiro: Vozes e Editora PUC-Rio, 2015

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetificação** -1ª ed. - Curitiba: Appris, 2018

ZOLIN, Beatriz. Retirada de silicone: quando o explante é indicado? **Drauzio Varella**, 31/out/2022. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/mulher/retirada-de-silicone-quando-o-explante-e-indicado/>. Acesso em 21/12/2023

Anexo

Transcrições das entrevistas na íntegra

Entrevista 1

“Quase 30 anos... E aí a gente começa a perceber que o corpo vai mudando. Meu peitinho de adolescente vai mudar, seja porque eu vou ter um filho, seja porque eu vou envelhecer.

Acho que isso acontece porque o peito é uma parte supervalorizada. Isso tem muito a ver com a coisa da beleza que é imposta para a gente e é algo que eu tenho que trabalhar muito. Eu percebo que não lido tão bem com o envelhecer: me incomodo com as rugas, me incomodo com o cabelo branco...

São coisas que me doem e preciso ressignificar na minha vida. O que é a beleza? O que é uma mulher bonita? É a mulher nova? Não! A mulher bonita é aquela que está bem com ela mesma.”

Entrevista 2

“Toda vez que falo do meu peito, eu lembro da minha avó Cleusa. Ela tinha os peitos grandes e aqui em casa ninguém tem, nem minha mãe, nem minha irmã. Era muito maior do que o normal. Achava diferente e aquilo dali me gerava curiosidade. Era algo bem inocente. Eu sempre brincava, ficava apertando e dizia: “mas é tão grande!”. Ela acabava brincando de volta e dizia: “ah, um dia você vai ter o peito do tamanho do meu.”

E aí, né? Aconteceu depois que eu fiquei mais velha. Eu devia ter uns 8, 7 anos. Era criança mesmo. Eu falo que é praga de vó. Mas praga sem ser coisa ruim, né?

Eu falo palavrão hoje em dia por causa da minha avó. Ela era assim, muito despachada. Faleceu de câncer no ovário quando eu era bem pequena. Foi muito difícil quando ela tava internada, foi muito difícil mesmo. Lembro até que fui comprar peruca com ela. Foi um processo difícil, mas muito bonito.”

Entrevista 3

“Eu sou do interior. Era muito boba minha criação. Todo mundo falava: vamos chupar limão, porque faz o peito crescer. Aí a gente chupava limão.”

Entrevista 4

“Sempre detestei meus peitos. Até hoje, eu não gosto deles. Tá vendo onde ele termina? Era para ele estar aqui (puxando os peitos para cima). Ser mãe fez meus peitos ficarem desse tamanho (ênfatizando com as mãos seios maiores) para depois eles ficarem desse tamanho (apontando para o tamanho dos seios reais), para depois ficarem caídos, murchos e flácidos, basicamente só pele.

Amamentar foi muito bom. Tem mulher que reclama, mas, para mim, foi bem tranquilo. Era gratificante, porque eu sabia que meu filho estava sendo bem alimentado. Isso fazia diferença para mim. Mas não acho que isso tenha feito diferença na minha conexão com ele. Essa relação mais afetiva eu fui desenvolvendo com o tempo.

O meu filho mamava muito, mas ainda sobrava. Todo dia de manhã, eu acordava com a cama toda aleitada, comigo toda molhada. Eu devia ter feito uma fábrica de leite materno! Por isso eu decidi doar leite pouco depois dele nascer. Muita mãe quis amamentar, mas não pode. Saber que outras pessoas poderiam estar alimentando seus filhos de uma maneira boa era gratificante.”

Entrevista 5

“A morte é uma das coisas que mais me assusta. Por volta dos 12, 13 anos, eu comecei a ter muito medo do câncer. Na minha família, já tiveram casos de morte por câncer de mama. Nem sei se classifico com medo, é mais preocupação, aquela ideia do “e se fosse comigo? Se acontecesse comigo, qual seriam as minhas possibilidades de me reconstruir?” Não só fisicamente, mas mentalmente. Vejo muita coisa de tatuagem, de reconstrução de mamilo e de mama. Acho um trabalho muito bonito.

Quando eu tinha 13 anos, virei pro lado da cama e senti uma dor muito forte no seio. Fiquei logo preocupada de ser alguma coisa. Mas era um nódulo hormonal, de crescimento mesmo. Fui no hospital com meus pais na época bem preocupada. Tô parando pra pensar. Sou igual a minha mãe. Ela também deve ter medo. É muito noiada com qualquer caroço que surge no corpo dela. Sempre foi.

Eu adorava ver Dr. Hollywood. O documentário me marcou muito nessa questão de peito. Via direto. Ah, aposto que foi por isso que quis botar silicone. Teve uma história de uma menina que tinha caso na família de câncer como eu, e ela também tinha esse medo de ter a doença. Ela removeu as mamas para fazer uma prevenção antes de ter a doença e colocou silicone no lugar. Quando eu pensava em botar silicone, eu até sabia que valia a pena colocar pelo umbigo pra não ficar com marca.”

Entrevista 6

“Com uns 23 anos, comecei a ter muito pêlo. Eles cresciam no rosto e em lugares aleatórios. E pêlos em mulheres incomodam a sociedade no geral. Tem essa ideia de que eles não deveriam existir. Eu tenho esses aqui no colo. Minha mãe tem pêlos no mesmo lugar, minha avó também. Minha avó é toda coisa com pressão estética: você precisar ser magra, estar depilada... Ela até comenta quando vê os pelos. E isso ficou marcado em mim. Eu sempre tiro. Lembro da minha mãe sempre tirar também.

Eu achei que tava com problema na tireoide por conta dos pêlos. Fiz exame, mas não deu nada. Desde os 16, eu faço exame, porque minha barriga é muito peluda. Eu pensava que aquilo não era normal. Agora eu tô tentando aceitar um pouco mais. Mas os pêlos no colo ainda me incomodam. Como não estou saindo de casa, fico menos preocupada. Tenho um vestido de flores que mostra essa parte do colo e dá para ver os pêlos. As pessoas reparam. Percebo uns olhares. Já vi pessoas me olhando estranho no trabalho. Se fosse algo aceito, eu me sentiria mais confortável.

Me incomodo mais pela interpretação das pessoas. Elas sempre acham que você é uma mulher desleixada por ter pêlos. Eu me sentiria mais confortável com meu corpo se o colo fosse liso.

Quando era adolescente, eu era muito noiada com isso de me arrumar. Todo sábado, eu tinha essa rotina religiosa de me depilar: já tentei usar cera fria, quente, depilador elétrico, creme depilatório. Comecei a me desapegar disso, porque sentia dor.”

Entrevista 7

“Existe vida antes e depois do silicone. Nunca amei meus peitos. Tinha mais incômodo com a minha barriga. Quando procurei um cirurgião plástico, com 25 anos, queria resolver esse problema. Foi quando percebi que esse não era só o meu “defeito”. Queria levantar um pouco as mamas.

Eu confiava muito nesse médico. Mas, como sempre fui grande, lembro de ter falado várias vezes, inclusive quando deitei na maca: não quero sair daqui peituda. Quando acordei, tava com super peito. No decorrer da cicatrização, eu percebi que um continuava maior que o outro ainda. E, com o passar do tempo, ele cedeu, ficou caído. Tudo o que eu queria corrigir não aconteceu, fiquei frustrada.

Durante os oito anos com as próteses, engordei muito e tive alguns problemas de saúde decorrentes da inflamação crônica instalada no meu organismo. No ano passado, uma colega de trabalho me disse que queria colocar silicone. Numa tentativa de preveni-la da intervenção, eu finalmente contei tudo que me ocorreu por causa das próteses. Uns dias depois, ela me recomendou uma reportagem da Glamour sobre explante. Fiquei encantada! Havia descoberto ali que eu poderia me libertar do peso, da culpa e dos riscos. Nem o meu relato, nem a reportagem foram suficientes para convencê-la a desistir. Um pouco antes da cirurgia, ela descobriu que a marca do meu silicone estava sendo recolhida do mercado por conta de casos de linfoma. Eu questionei a Anvisa e a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, mas não deu em nada. Então, fui atrás de um cirurgião que me acolhesse e hoje estou livre.

Por mais que tenha uma cicatriz enorme, sou capaz de aceitar que estou na minha melhor versão. Resignifiquei essa falta de apreciação por mim mesma. Não sei se não tivesse colocado o silicone se eu teria questões de autoestima. Mas luto para que outras não passem por isso.

A beleza não tá mais ligada ao físico. Vejo beleza na coragem, na minha determinação em levar isso adiante. Ainda é um caminho a se percorrer: encontrar beleza na imperfeição. Mas hoje a encontro no que tenho como pessoa. Nunca me

importei com a cicatriz: optar pela saúde e pelo meu bem estar é um ato de nobreza.”

Entrevista 8

“Eu comecei a ter peito muito cedo. O meu primeiro sutiã eu ganhei quando tinha uns 6, 7 anos. Com 8, tive febre reumática, precisei tomar cortisona e inchei muito. Meu peito que era até então pequeno inchou junto e encheu de estrias. Lembro de usar o sutiã da minha avó de tão inchada que fiquei. Minhas amigas não sabiam o que era estria e me perguntavam se tinha arranhado meus peitos. Morria de vergonha. Comecei a usar roupa larga.

Quando era adolescente, vi na Capricho ou numa revistas dessas que o peito era caído se segurasse um lápis. Eu peguei o estojo inteiro e coloquei debaixo do peito para segurar. Contava essa história num tom de brincadeira na época, mas me sentia mal. Detestava os meus peitos.

Em 2014, voltei a tomar cortisona. Meu maior medo na vida era ter estria na barriga, pois bem: todas as estrias do mundo foram parar lá. Eu passei um tempo mal com meu corpo. Na época, seguia a Pugliese. Ela era um exemplo de “se eu me esforçar, eu vou conseguir”. Mas seguir pessoas com corpos reais (@todebells, @thaiscarla, @biancabarroca, @rayneon) foi uma coisa muito boa. A primeira sensação foi estranha. Eu me perguntava se elas não tinham vergonha. Só que, para mim, foi ótimo começar a ver peito caído, barriga, estria. Foi ficando natural. Foi uma desconstrução.

Nesses dias, eu vi uma playboy da Nanda Costa. Ela lá maravilhosa. Mas senti que o corpo dela inteiro parecia de plástico. Fiquei impressionada como a minha cabeça e o meu olhar mudaram. Antigamente, era esse corpo que eu queria. Só que, de repente, eu olhei e logo percebi que aquilo é mentira, é Photoshop, plástico puro. É tudo uma mudança de olhar. Acho que consegui alcançar esse nirvana.”

Entrevista 9

“Eu tinha 28 anos na época e ia viajar para fazer um curso em São Paulo. Estava deitada esperando dar a hora de sair de casa e senti, no lado esquerdo do peito, um cisto. Estava para ficar menstruada e achei que era alguma coisa hormonal. Uns dias depois, eu menstruei e vi que o cisto não tinha saído. Me dei conta que não era algo passageiro como pensei antes, fiquei preocupada e tive até uma crise de ansiedade.

Quando voltei de viagem, fui a minha ginecologista, e ela me tranquilizou. Me passou uma ultrassom e falou que eu devia fazer uma pulsão para dissolver o cisto. Mas, na hora do exame, o médico me explicou que aquilo era um nódulo. Em vez de fazer a pulsão, eu precisaria fazer uma biópsia. Nessa hora, eu surtei. Nunca tive nenhum problema de saúde. Foi tudo muito assustador. Com 21 anos, fiz redução de mama. Comecei a me culpar por isso, mesmo sem ter nenhuma comprovação científica. O diagnóstico confirmou que era fibromatose desmoide - um nódulo bem raro, benigno, mas que apresenta um comportamento maligno no lugar que se instaura, podendo comprometer os tecidos - e precisei fazer uma segunda cirurgia para a remoção do nódulo.

Eu tinha medo de como eu ia me ver depois. Imaginava que ficaria deformada. Depois, percebi que estava distorcendo os valores: eu precisava me preocupar com a minha saúde, estar bem e saudável antes da estética. A gente é jovem, acha que tem a vida inteira pela frente. Mas não é bem assim. A gente não sabe o dia de amanhã. No final das contas, eu tirei uma mensagem positiva: me apropriei do meu corpo. É meu templo. Não tenho que ter um peito lindo, ideal, para agradar ninguém. Ele é meu e conta a minha história. Parece até clichê, mas é muito real.”

Entrevista 10

“Sempre gostei dos meus peitos. Mas, depois que fiz 30, comecei a prestar bastante atenção na mudança deles. Percebi que estavam mais caídos e isso às vezes me gerava angústia. Já me peguei olhando pro espelho de perfil e pensando se uma cirurgia seria algo que me faria me sentir melhor.

Hoje, com 32, tento não ficar meu autoflagelando. Não posso cair nessa cilada da perfeição, desse corpo eternamente jovem. Com o passar do tempo, meu corpo vai mudar e preciso curtir cada fase. Esse tem sido meu lema. Lá atrás, eu tinha alguns grilos com meu corpo e, quando olho fotos antigas, eu me falo: como eu era bonita, como queria voltar a isso. Mas, naquele momento, eu também tinha questões. Talvez, não tenha curtido e amado tanto esse corpo como ele era, porque tava sempre criando uma sensação de falta, colocando algum problema em algo que na real não era.

Tenho algumas feridas de autoimagem que vem da minha infância, porque fui gordinha na pré-adolescência. Isso acabou respingando na minha relação com meu corpo até hoje. Fico observando de fora e tenho a sensação de que minha filha Anita tem mais autoestima que eu nessa época. Eu comecei a engordar com 8, que é a idade que ela tem hoje. Ela também tem passado por esse processo de engordar. Mas, diferente de mim, é bem resolvida. Das vezes que ela me viu em um momento mais insatisfeita reclamando do meu corpo, ela sempre tenta me levar para um caminho contrário: “nada a ver, minha mãe, pare com isso. Você é linda!” Eu sinto ela como um apoio, uma amiga.”

Entrevista 11

“Hoje, eu gosto dos meus peitos, mas não foi sempre assim. Desde criança, fui ensinada a me importar com eles. Quando tinha 12 anos, surgiram algumas estrias nos seios. A minha mãe falava que era horrível e que a gente precisava tirar enquanto elas ainda estavam se formando. Ela me levou na dermatologista e fiz vários tratamentos com um ácido superforte. Com 21 anos, eu parei de tomar anticoncepcional. Tinha um peitão, enorme, redondão. Mas logo quando parei de tomar hormônio, teve uma mudança brusca. Os meus peitos sumiram:diminuíram, ficaram mais molinhos. Perdi todos os meus sutiãs.

Por ter começado a tomar hormônio com 16 anos, eu achei que tinha um corpo que não é o que eu tenho de fato. Fiquei superincomodada. Não queria de jeito nenhum hormônio no meu corpo, mas considerei voltar a tomar só para não deixar de ter um peito que costumava receber elogios. Fiquei lutando contra essa nova imagem que estava mais longe de uma padrão que estava na minha cabeça.

Quando me dei conta do quanto isso era ruim, assumi pra mim que ia gostar desse peitinho e do resto do corpo inteiro. Conforme eles iam diminuindo mais, fui me acolhendo. Foi uma mudança dentro e fora. Era a primeira vez que eu tava vendo meu corpo natural, sem nenhuma interferência. Hoje, eu tenho certeza que esses peitos estão na sua forma mais saudável. São meus peitos, não tem nenhum outro igual.”

Entrevista 12

“O tamanho dos meus seios sempre me incomodou. Durante a adolescência, eu percebia diferença entre o desenvolvimento do meu corpo e dos outros. Eu observava o desenvolvimento das meninas principalmente.

Durante esse período todo da adolescência, eu usei sutiã de bojo, porque internamente também queria ter um corpo mais desenvolvido, como as outras meninas. Eu percebia que isso chamava a atenção dos meninos, e os meus peitos sempre foram pequeninhos, enxutos que fala, né?

De uns três/quatro anos para cá, foi que eu percebi que aquela não era quem eu era. Eu queria me igualar às outras meninas, ser bonita daquela maneira delas e não da minha. O sutiã tava ali pra modificar essa minha parte do corpo, seu tamanho e formato. Não eram os meus seios que estavam ali. Era uma cobertura modificando totalmente a aparência deles e quem eu era. Aos poucos, fui deixando de usar sutiã.

Ainda estou me descobrindo e sei que levarei um bom tempo para explorar todas as minhas arestas. Mas, por enquanto, me é suficiente amar meus seios pequenos, delicados e discretos. Não pretendo mudá-los, pois quero amar meu corpo como ele é, antes de qualquer coisa.”

Entrevista 13

“O seio, para mim, sempre representou a feminilidade. Na adolescência, não via a hora deles se desenvolverem para me sentir feminina. Só que, quando isso aconteceu, me senti frustrada. Eles não eram da maneira como gostaria que fossem: achava a auréola grande, meu peito pequeno, um pouco caído.

Comecei a namorar muito nova. Ele nunca falou nada que me deixasse desconfortável, muito pelo contrário. Só que meus seios me incomodavam demais. Quando eu tinha uns 20 e poucos anos, fui pela primeira vez numa cirurgia plástica. Queria colocar silicone. Fui mais por curiosidade. Na época, nem tinha dinheiro para fazer a cirurgia. Um tempo passou, e eu casei com esse primeiro namorado. E ainda me sentia desconfortável com meus seios. Isso talvez tenha afetado a nossa vida sexual.

Com 29 anos, me divorciei e já tinha o dinheiro para fazer a cirurgia. Era um grande sonho e uma nova etapa na minha vida. Então, eu fiz. Tive uma reação alérgica ao antibiótico, urticária generalizada, fiquei muito inchada. Acho que isso interferiu bastante na cicatrização. Tinha uma mama tuberosa, e a técnica que o médico usou para tentar melhorar isso foi abaixar um pouco o sulco. Não gostei do resultado. Achei que ficou um relevo na parte de baixo.

No começo, insisti em tentar corrigir. Até que fui parando de encanar com isso, porque não queria fazer uma outra cirurgia, trocar prótese, gastar mais dinheiro. Já se passaram uns seis anos. Continuo com a prótese e não penso em tirá-la. Tenho 35 anos. Quando for ter um filho, vou ter que trocar. Não tem por que mexer nisso agora e, depois, mexer de novo. Nesse meio tempo, mesmo não tendo ficando do jeito que eu queria, fazer a cirurgia melhorou minha relação com o meu corpo. Me relacionei com outras pessoas. Tô casada de novo agora.

Esse problema - que nunca foi um problema - era muito mais coisa da minha cabeça que qualquer outra coisa. O fato da cirurgia ter dado errado fez com que eu lidasse melhor com as minhas “imperfeições”. Se tivesse ficado do jeito que

gostaria, talvez teria os mesmos problemas, porque perfeito nunca fica. A gente tá sempre buscando a perfeição. Mas ela não existe.”

Entrevista 14

“Sempre fui afrontosa, malcriada, do contra. Tenho peito grande, com bico aparente e fico sem sutiã. Na maioria das vezes, uso essa exposição do meu peito de uma forma militante. Uso blusas com detalhes na parte dos seios, que eu mesma desenho. Isso gera reações. Homens geralmente olham com cobiça. Eu tenho uma defesa ótima: dou uma ajeitada no cabelo e mostro as axilas com pêlos. O olhar muda completamente. As mulheres olham incomodadas. Eu tento ser gentil, dar um sorriso e fazê-las entender que tá tudo bem. Às vezes estou conversando com gente que não consegue me olhar nos olhos, e eu respondo: “oi, tô aqui em cima”. Mas tem vezes que eu só quero existir mesmo.

Nem sempre fui assim. A adolescência é uma fase tão ridícula. Você sente que deve se moldar. Eu usava sutiã apertando e juntando os peitos. E, com uns 18 anos, eu parei. Tive sorte de me relacionar com pessoas que me estimularam para corpo. E tem a minha mãe, que é uma baita referência. Vai fazer 80. Ela não gosta e nem usa sutiã, chama de armadura.

Quando eu estava de sutiã, ela perguntava se eu ia sair de armadura: “eu me sinto com armadura. Quero ficar solta, quero ficar livre.”

Trabalhei por mais de 20 anos como nutricionista. Sou sexóloga de 4 anos para cá. Em empresa, rolavam várias encheções de saco. Me lembro de entrar em um escritório que era um monte de homem, e eles estavam de óculos de sol, querendo brincar com a ideia de farol aceso. Isso aconteceu há uns 15 anos. Éramos amigos de cerveja, mas aquilo foi um veto à minha liberdade. Eu achava tudo muito besta, mas até que não me afetava muito. Só que é mal.

Meus peitos eram lindos, daquele modelo bicos virados para lua, peitos duros e firmes. Hoje, ele esparrama. Mas eu tive sexo de tão qualidade nessa vida que entendi a potência que tenho neles. Tenho orgasmo de estímulo só no peito, sem tocar na minha buceta. Eu gosto dos peitos caídos das moças. Acho macio. Peito que tem estria e parece toda tigrada? Morro de tesão. E as despeitadinhas que só tem bico? Eu amo os peitos.”

Entrevista 15

“Para mim, o sutiã representa a busca por esconder como é o seu corpo. Muitas das vezes as meninas usam sutiã, por exemplo, para parecer que tem o peito maior, porque não gostam dele, sabe? Então, é uma questão de buscar a perfeição naquilo que tu não gosta e quer e mudar, de fugir da realidade do seu corpo. Tem aquelas calcinhas de enchimento. É a mesma coisa. Quem não tem a bunda grande como gostaria, usa aquilo ali para esconder. É uma fuga.

Nunca gostei de sutiã, mas usava porque ficava com medo dos meus peitos ficarem caídos. Usava quando saia com as amigas para parecer que tinha mais peito, para ficar mais juntinho no decote da blusa. Porque eu não gostava dos meus peitos antes. Eu usava sutiã mesmo achando desconfortável, mesmo não gostando.

Na minha família, todo mundo sabe que eu não uso. Minha irmã também não usa. Eu moro em outra cidade. Mas, quando vou à minha mãe, vou sem sutiã. Na minha casa, sou só eu e meu marido. Para ele também, é super normal. Na casa da minha sogra também, é normal eu ir sem sutiã. Mas quando eu saio na rua, eu percebo que tem gente que olha, fica comentando “olha lá, tá sem sutiã, tá querendo mostrar”. Eu percebo isso mais das mulheres. O olhar de julgamento. Parece que tu tá sem blusa na verdade, não é nem sem sutiã.

Praticamente, nem sei mais o que é sutiã. Eu tenho pouquíssimos. É uma questão mais dos outros do que minha, dos outros aceitarem e entenderem melhor. De nada adianta as pessoas julgarem, isso é normal. Se tu se sente bem, se não quiser mais usar sutiã, se permite. As pessoas não tem que opinar no teu corpo. Ai, mas o peito vai ficar caído. É a vida. Uma hora tudo vai cair. A gente não vai ficar novinho, bonitinho pra sempre. Não pode pensar só na questão estética, mas no conforto e em como você se sente.”

Entrevista 16

“Eu sempre achei bonito peito grande. A ruiva das Spice Girls, Geri Halliwell, ela tinha o maior peitão. Ela botava, na época das Spice, aquele decote bem americano que o peito pula, justamente quando eu era adolescente e tinha peito pequeno. E ela era ruiva. Eu sempre quis ser ruiva.

Lembro de uma viagem para Praia Seca com três amigas. Lembro daquela coisa de trocar a roupa todo mundo junto, e eu olhar discretamente para ter certeza que só o meu peito era diferente.

Meus peitos cresceram muito naturalmente com o desenvolvimento do meu corpo. Não foi uma coisa de uma hora pra outra. Mas o meu mamilo é para dentro, o biquinho dele. Isso me incomodava, me deixava preocupada. Eu via o peito de todas as amigas com bico pra fora, não conhecia ninguém com peito assim como o meu. Achava que tava errado, que era um problema do meu peito. Eu fui a vários médicos na época. A resposta deles era sempre: fica tranquila, quando você for amamentar, o bebê puxa. E eu ficava: não, amado, eu tenho 15 anos, não estamos trabalhando com bebês. Estamos trabalhando com o fato de só eu ter um peito assim, tá errado. Mas aí eu descobri que um médico, que já atendia a minha família, era ginecologista. Ele foi o primeiro a falar que tava tudo bem com o meu peito sem falar de filhos.”

Entrevista 17

“Algo que me acontece muito é perda e ganho de peso. O ano que eu engordei de estresse e emagreci de tristeza estão aqui. Então, meu peito tem estrias. Mas essas estrias não significam flutuação de peso. São coisas que vivi. São uma fotografia do que passei.

No ano passado, comecei a namorar uma menina e contei para a minha mãe. A reação foi ruim, e a gente ficou brigada por muito tempo. Eu emagreci horrores. O meu peito diminuiu, murchou... As estrias ficaram vazias, como canais para dentro, como se fossem riozinhos, sabe? Agora eu já ganhei o peso de volta, e as estrias se encheram novamente. Às vezes, aparece uma nova, e eu fico: opa, tudo bem? Prazer, seja bem-vinda, querida!”